

DEITE EM MEUS *Brasos*



LÉIA FERNANDES



DEITE EM MEUS *Brasos*

LÉIA FERNANDES

1ª. Edição

Copyright © Léia Fernandes

Edição Digital: **Criativa TI**

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[Dedicatória](#)

[Notas da autora](#)

[Sinopse](#)

[Capítulo 1](#)

[Eloíse Bastos Lessa](#)

[Capítulo 2](#)

[Daniel Campos Lambertini](#)

[Capítulo 3](#)

[Eloíse](#)

[Capítulo 4](#)

[Eloíse](#)

[Capítulo 5](#)

[Daniel](#)

[Capítulo 6](#)

[Eloíse](#)

[Capítulo 7](#)

[Daniel](#)

[Capítulo 8](#)

[Eloíse](#)

[Capítulo 9](#)

[Daniel](#)

[Capítulo 10](#)

[Eloíse](#)

[Capítulo 11](#)

[Daniel](#)

[Capítulo 12](#)

[Eloíse](#)

[Capítulo 13](#)

[Daniel](#)

[Capítulo 14](#)

[Eloíse](#)

[Capítulo 15](#)

[Daniel](#)

[Capítulo 16](#)

[Eloíse](#)

[Capítulo 17](#)

[Daniel](#)

[Capítulo 18](#)

[Eloíse](#)

[Capítulo 19](#)

[Daniel](#)

[Capítulo 20](#)

[Eloíse](#)

[Hellen](#)

[Ponto de vista do assassino:](#)

[Capítulo 21](#)

[Eloíse](#)

[Capítulo 22](#)

[Daniel](#)

[Capítulo 23](#)

[Eloíse](#)

[Capítulo 24](#)

[Catharina](#)

[Capítulo 25](#)

[Eloíse](#)

[Epílogo](#)

[Fim](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a Autora](#)

[Outras Obras](#)



Dedicatória

Aos meus afilhados



Notas da autora

Violência contra a mulher são diversos tipos de violência, desde assédio moral até homicídio.

Violam seus direitos de forma física e/ou psíquica, causando danos irreversíveis, traumas e doenças.

Uma a cada três mulheres já sofreu violência física, moral ou sexual por seus próprios parceiros e a cada uma hora, uma mulher é assassinada no Brasil.

Ligue180, o serviço é gratuito e está disponível vinte e quatro horas por dia, todos os dias da semana.

Violência contra a mulher é crime, se você sofre algum tipo de violência não se cale, denuncie.



Sinopse

Eloíse nunca trabalhou na vida, seus estudos foram até o ensino médio. Filha de pais rígidos casou-se muito nova com um homem vinte anos mais velho e apesar de não amar o marido, abraçou o casamento sonhando com a felicidade.

Achando que encontraria ao lado do marido sua tão sonhada liberdade, Eloíse se vê constantemente agredida pelo homem que deveria ser seu porto seguro. Culpando-se pelas agressões sofridas, a jovem chega ao pronto socorro com uma forte hemorragia e descobre que estava grávida.

Daniel é um médico cirurgião geral que ao encontrar Eloíse no corredor do hospital a atende de imediato transferindo-a em seguida para o especialista do qual ela necessita, no entanto, acompanha de perto seu atendimento e tenta a todo custo descobrir algo mais sobre ela.

Revoltado com a situação da paciente, o médico a diagnostica um problema cardíaco inexistente na esperança de assim entender melhor o que se passa com ela.

Uma mulher destruída psicologicamente...

Um homem gentil...

Uma história de encontros e desencontros à procura do felizes para sempre!



Capítulo 1

Eloíse Bastos Lessa

Meus dias são praticamente todos iguais. Cuido da casa, das plantas e do marido. Sinto-me tão solitária. Vivo pedindo ao Reinaldo um bebê, mas ele é totalmente contra, diz que o filho que tem com a ex-mulher já é o suficiente. Meu marido não entende que preciso de um filho para me fazer companhia, afinal, fico tão sozinha em casa. E embora Reinaldo tenha me salvado de uma vida inútil e sofrida, sinto falta disso em minha vida para que eu seja feliz.

Casei-me aos dezesseis anos de idade. Reinaldo tinha trinta e seis. No começo, quando namorávamos, ele era carinhoso, cuidadoso, um amor de pessoa comigo - hoje em dia, ele fica mais na dele, não demonstra tanto carinho quanto antes.

Vi ali minha chance de ter algo mais e de ser independente. De poder estudar e ter uma carreira promissora. Confesso que eu nunca o amei, mas sinto um afeto enorme por ele e sou grata pela vida que ele me proporciona. Reinaldo não deixa nada faltar, e a condição é que minha dedicação a ele seja incondicional.

Namoramos por seis meses antes de nos casarmos. E a primeira agressão ocorreu após uma tarde de confraternização entre seus amigos, apenas três meses após nosso casamento.

Reinaldo bebeu demais e disse que eu estava trocando olhares com Jorge, um colega de trabalho, e o envergonhando perante todos. Senti-me muito envergonhada, mesmo não tendo feito nada do que ele disse, mas acreditei que outras pessoas poderiam pensar que eu realmente estivesse olhando para outro homem que não fosse meu marido.

Meu marido é um bancário muito bem-sucedido. Já foi casado anteriormente, mas a ex dele não soube dar valor ao homem maravilhoso que tinha ao lado, um homem que não mede esforços para não deixar faltar o que necessito em casa. Juntos, tiveram um filho, e por conta disso, é traumatizado, coitadinho. A ingrata o chantageia como pode, pede aumento de pensão, o persegue e difama quando se encontra com conhecidos. Por consequência, sempre que Reinaldo se estressa, desconta sua fúria em mim. Não o culpo, afinal de contas, ele trabalha demais.

Sou uma perfeita dona de casa, só sinto falta de trabalhar fora e conhecer

novas pessoas para compartilhar meu dia a dia e conversar amenidades.

Quando ele chega do banco, o jantar está pronto e eu já de banho tomado o aguardando para comermos.

— O que fez para eu comer hoje? — seu tom é sempre assim, meu marido não mais de demonstrar afeto como no início do relacionamento, tudo culpa de sua ex.

— Fiz macarronada, seu prato preferido, com almôndegas ao molho madeira — respondo sem olhar em seus olhos. Ele não gosta, diz que é intimidante, então me acostumei a não o olhar diretamente.

— Ótimo! Vou tomar meu banho. Arrume a mesa e pegue minha roupa — ordena.

— Sim Reinaldo.

Acabo me distraindo, divagando em meus pensamentos ao arrumar a mesa e esqueço completamente de pegar suas roupas. Quando chego ao quarto lá está ele, de toalha amarrada na cintura e com uma carranca medonha.

— O que você estava fazendo que não arrumou minha roupa? Mulher imprestável! — vocifera em minha direção.

— Perdão Reinaldo, mas estava arrumando a mesa.

Ai meu Deus!

Sempre que isso acontece, Reinaldo fica nervoso e perde o controle. E com toda razão, fui desatenta. Não sei onde estava com a cabeça. Começo a tremer em antecipação e o pavor me domina, já imagino o que está por vir.

— Até agora? — Ele caminha em minha direção e já agarra meus cabelos. — Eu não queria fazer isso, mas vou ter que te castigar para que isso não se repita sua imprestável!

Ele nunca deixou marcas aparentes em minha pele, mas dessa vez foi bem violento. Bateu minha cabeça contra a parede, me deu tapas e chutes e uma forte cabeçada. Acho que ele já estava estressado e eu apenas colaborei para que ele descontasse suas frustrações em mim.

Perdi os sentidos e quando acordei não sabia ao certo onde me encontrava, olhei ao redor e me situei. Estava caída no chão do nosso quarto. A dor que sentia por todo o corpo era dilacerante, um medo descomunal e sem saber direito o porquê, me atingiu. Ao olhar para Reinaldo vi a fúria estampada em sua face, um ódio direcionado apenas a mim. Meu pavor aumentou ao me lembrar do porque eu estava caída e sentindo tantas dores, nessa hora só pensava que ele poderia me matar e eu não conseguiria fazer nada em minha defesa, eu era a culpada.

— Achei que a dondoca fosse dormir até amanhã. — Como se não tivesse feito nada, me agride verbalmente mais uma vez. — Levante-se e pegue minha roupa porque já estou faminto sua ordinária! — Fica parado, com as mãos na cintura, apenas me observando, ainda com seu olhar furioso.

Meio cambaleante, com dores por todo corpo, levanto e vou aos tropeços ao closet dele. Separo sua roupa totalmente trêmula tentando me controlar para amenizar o desconforto da dor. Entrego-lhe as roupas sem ousar olhar para seu rosto. Não posso dar-lhe mais motivos para me castigar.

— Que isso não se repita Eloíse — ainda de cabeça baixa, apenas balanço a cabeça em concordância—, estamos entendidos, ou não?

— Sim Reinaldo, isso não se repetirá — respondo em um fio de voz, antes que ele volte a me castigar novamente.

Saio do quarto apressadamente arrumando minha roupa que amarrotou, antes que ele desça e não encontre seu prato sobre a mesa. Deixo alguns talheres caírem no processo de arrumação, olho para a escada, mas graças a Deus ele não viu minha desordem emocional.

Quando ele desce, estremeço toda de pavor. Será que vai gostar do jantar?

Ainda estou meio atordoada e com muitas dores pelo corpo. Aceito que sou a culpada como sempre, afinal, se eu não tivesse me distraído, isso jamais teria acontecido. No meio do jantar as dores no abdômen e na lombar aumentam, não falo nada para não o preocupar, tomo apenas um analgésico, confiante de que a melhora chegue rápido. Reinaldo não precisa de uma preocupação a mais. Seu dia é repleto de trabalho e clientes lhe tirando a paz. Logo o analgésico faz seu efeito e tudo passará como sempre.

Seguro minha dor o quanto posso, mas quando estou arrumando a cozinha e lavando a louça do jantar a dor torna-se insuportável e percebo um sangramento em minha calça.

— Reinaldo, socorro! — grito quando chego perto da escada sem forças para subir. Sento-me no chão suando frio e sem forças devido à intensidade da dor.

Ele aparece meio espantado pelo grito, aparentemente preparado para uma nova punição. Não consigo ser forte e choro sem controle algum, como se fosse um bebê.

— O que você aprontou mulher maluca! Não perturbe meu sossego! — Fica irritado por eu o estar importunando.

— Preciso ir ao hospital, estou sentindo muita dor e estou sangrando.

— Era só o que me faltava, tenho poucas horas para descansar e você inventa de ir ao hospital por causa de uma colicazinha!

— Não é cólica, ainda não está no dia. — Tento argumentar.

— Então o que é? — Me segura pelos braços apertando-me e me sacudindo. Espalhando a dor por todo meu corpo.

— Não sei, talvez seja pelo castigo que você me deu... — falo sem pensar e ganho um tapa no rosto, parando novamente ao chão. É necessário que eu segure as lágrimas que teimam em querer rolar.

— Está querendo dizer que fui eu o causador disso Eloíse? — Seu tom é ameaçador e intimidante, me encolho na hora.

— Nã... Não Reinaldo, só disse que posso ter me machucado quando colidi com a parede ou até mesmo quando caí. — Meu pavor aumenta e arregalo os olhos, não sei se tremo por medo ou se a forte dor é a causa da trepidação.

— Muito bem Eloíse! Levarei você ao hospital, mas se disser alguma palavra do que houve aqui, quando voltarmos a castigo novamente. — Ameaça. — E posso te garantir que será bem pior do que o primeiro.

— Não se preocupe Reinaldo, jamais falarei algo contra você. Minha gratidão com você será eterna.

— Então vamos antes que eu me arrependa.

Subo as escadas aos tropeços, dou-lhe uma roupa e pego minha bolsa com os documentos, coloco nela uma troca de roupa, enrolo apenas uma toalha em mim, não dá tempo de trocar-me.

Chego ao hospital e enquanto ele faz minha ficha, fico sentada me contorcendo de dor, chorando calada em um canto. Não ousa olhar para os lados.

— Olá, está tudo bem? — Um médico se aproxima de mim, e não consigo falar nada. Apenas olho para Reinaldo, apavorada. Ele não gosta que eu converse com outros homens. — Sou o doutor Daniel, estou de plantão hoje, sua ficha já foi feita? — O estranho insiste em me fazer perguntas, mas como não respondo, olha pra recepcionista em busca de respostas.

— Estou terminando a ficha dela doutor Daniel. — A moça responde sua pergunta silenciosa.

— Leve-a para minha sala assim que terminar Rayssa. — pede com gentileza. — Vou colocá-la na cadeira de rodas, tudo bem? — sua voz é gentil como anteriormente.

— Não precisa, ela consegue ir andando por si mesma. — Reinaldo interrompe-o bruscamente com sua arrogância.

— O senhor é o pai dela? — O médico se retesa pela primeira vez ao

escutar a voz de Reinaldo, mas mantêm-se calmo ao proferir.

— Sou o marido dela! — Ele olha de mim para Reinaldo um pouco horrorizado. Balança a cabeça e se recompõe.

— A paciente precisa ir de cadeira de rodas, está visivelmente fraca e abatida. Olha sua palidez? — Aponta-me.

— Como quiser doutor! Mas, vou acompanhar minha esposa na consulta. É um direito de ela ter um acompanhante.

— Claro, acompanhem-me, por favor. — O médico não discorda de Reinaldo e segue para o consultório.

Até o momento eu não falei uma palavra sequer. Tenho até medo de abrir a boca e ser repreendida por Reinaldo.

— O que a trouxe aqui Senhora... — Confirma meu nome na ficha que a recepcionista trouxe. — Eloíse Bastos Lessa.

— Ela caiu da escada doutor. — Reinaldo responde por mim.

Vejo que o médico não ficou muito satisfeito com a resposta e educadamente responde ao meu marido.

— Tem certeza senhor? — Sua ironia é palpável. — Quero ouvir da paciente.

— Como marido dela, tenho todo o direito de responder por ela. — Reinaldo responde visivelmente desconfortável.

— Se o senhor continuar a atrapalhar o atendimento serei obrigado a chamar os seguranças. — Isso foi o suficiente para que Reinaldo se aquietasse, mas eu já sabia o que me esperava em casa quando voltássemos. Um novo castigo me esperava e só de imaginar já fico amedrontada.

— Muito bem, senhora Eloíse, o que a trouxe aqui e o que está sentindo? — O médico volta a fazer-me a pergunta inicial.

Olho para Reinaldo com pavor, ele balança a cabeça afirmativamente para que eu dê a minha versão e sei exatamente o que devo dizer.

— Eu tropecei e acabei caindo da escada — em um fio de voz relato minha queixa, de cabeça baixa. — Estou sentindo muitas dores por todo o corpo, principalmente na região da barriga e na lombar.

— Preciso examiná-la. — comunica e se levanta. — Deite-se aqui nessa maca.

— Isso é mesmo necessário doutor? — Reinaldo fica apreensivo e pelo meu olhar periférico o vejo amedrontado pela primeira vez.

— Claro, por quê? O senhor tem algo mais a dizer? — O tom de sua pergunta foi meio desconfiado.

— Não, de forma alguma. Pode examiná-la — Reinaldo diz e fica inquieto.

Deito-me na maca com a ajuda de Reinaldo, seu olhar para mim já diz que se eu falar qualquer coisa eu pioro minha condição.

Quando o médico aperta meu abdômen, eu grito tamanha a dor. O médico fica espantado e me olha com ternura, talvez supondo o que realmente tenha acontecido. Disfarçadamente o contemplo e quase me perco em seu lindo olhar, mas tudo foi tão rápido que não sei se foi alucinação por causa da dor.

Apesar de estar sentindo muita dor no momento, percebo que sou cuidada e amparada pela primeira vez na vida. É como se seu toque fosse um bálsamo e me desse à paz que tanto ansiava e de quem nem sabia que precisava.

Que loucura...



Capítulo 2

Daniel Campos Lambertini

Quando buscava as fichas de atendimento na recepção, uma mulher miúda, com longos cabelos negros e presos em um rabo de cavalo, sentada em uma das cadeiras na recepção me chamou a atenção. Estava de cabeça baixa, aparentemente chorando e pela contração de seu corpo e suas mãos em volta dele, sabia que provavelmente estava sentindo fortes dores. Não pensei duas vezes em priorizar seu atendimento.

Já no consultório senti que por trás dessa provável “*queda de escada*” tinha muito mais coisas ocultas que ela nãoalaria facilmente. Confesso que me surpreendi quando o homem se apresentou como seu marido, na verdade fiquei horrorizado com a diferença de idade visível entre ambos. Parecia mais pai do que marido dela.

Uma mulher tão jovem...

Não entendo o porquê de estar casada com um homem tão mais velho. Nada contra, cada um faz da vida o que quer, mas não vi sentimento algum entre eles, a não ser medo ou talvez horror por parte dela, uma grande indiferença por parte dele e apesar desse pensamento ser um absurdo, era a mais cruciante verdade, eles não combinavam de forma alguma, não só pela questão da idade, mas entre eles nada se encaixava.

Com o exame clínico não foi possível um diagnóstico definido, então solicitei vários exames de sangue e um ultrassom. Sabendo que o laboratório poderia barrar alguns deles— os planos de saúde não cobrem nem metade dos exames solicitados —, escrevi um relatório e a encaminhei para a sala de exames.

— Não poderei medicá-la corretamente até descobrir o que a senhora realmente tem, assim que os exames estiverem prontos, vou prescrever a medicação no soro para alívio de dor. — Olho para ela e seu marido e continuo quando não vejo objeção. — Até lá, a senhora deverá ser forte, não posso medicá-la ainda sem ter a certeza da causa das dores, apesar da senhora *ter caído da escada*, é bom que esperemos os resultados.

— Sim senhor — ela assente.

Minha suspeita é que ela tenha sido agredida pelo marido, seu corpo está coberto de hematomas, mas não posso declarar nada sem provas ou mesmo sem uma confissão por parte dela.

Vou procurar doutor Nícollas o ginecologista que está de plantão hoje e passar-lhe o caso. Desconfio de que ela esteja grávida e dando início a um aborto.



— Nícollas, desculpe interrompê-lo — quando vejo que está sozinho no consultório, entro em sua sala.

— Sem problemas Daniel, você nunca me atrapalha. Aconteceu algo? — franze a testa.

— Mais ou menos, estou com um caso complicado e acho que é de sua área. Só estou aguardando os exames para te encaminhar a paciente em questão. Prefiro vim falar com você antes, porque o caso parece ser bem mais do que ela relatou. — Passo-lhe o caso de Eloíse. — A mulher alega ter caído da escada, mas pelas suas escoriações, deixa claro que ela foi agredida e que provavelmente seu agressor seja seu marido. Isso é muito preocupante, ela tem apenas vinte anos de idade, como médico e como ser humano não posso ser omissos.

— Realmente essa história está me cheirando a problemas meu amigo. Muitas mulheres são diariamente agredidas e por medo não denunciam seus agressores ou até mesmo por se sentirem culpadas. Mas, vou cuidar direitinho do caso e se for preciso acionamos o serviço social e os psicólogos do hospital.

— Senti muita pena da garota, ela provavelmente se casou pelas razões erradas. — Devaneio-me em pensamentos. Em troca do que uma mulher jovem e bonita se casaria com um homem bem mais velho do que ela? Dinheiro? Quem sou eu para julgar suas escolhas?

— Eu lido com pacientes agredidas e violentadas quase que diariamente em meu consultório. — Saio de meus devaneios e presto atenção em Nícollas. — É uma tarefa muito difícil para um médico, sem provas e sem uma confissão fica difícil ajudar a vítima. Só para você ter uma ideia, no Brasil, doze mil mulheres são agredidas diariamente por seus parceiros e muitas dessas, se não a maioria nunca denunciam por medo ou por pensar que eles vão mudar. Muitas morrem antes mesmo de pensar em denunciar.

— Sei que é difícil, mas vou me empenhar para ajudar essa mulher.

— Meu amigo, se realmente ela estiver sendo agredida, pode contar comigo. Vamos tentar ajudá-la, como bons profissionais que somos temos que honrar por nosso juramento.

— Obrigado Nícollas, agora preciso atender mais alguns pacientes até que os exames fiquem prontos.

Saio de sua sala e chamo os pacientes em seguida.

Antes de voltar ao consultório, peço a uma das enfermeiras para levar a paciente ao banho e emprestar-lhe uma camisola do hospital.



Batem à minha porta e peço que entre.

— Doutor Daniel, os exames da paciente Eloíse estão prontos. — A técnica do laboratório me entrega os papéis. — Como o senhor pediu que eu os trouxesse e não entregasse à paciente, aqui estão.

— Obrigado. Sabe me dizer se o ultrassom também ficou pronto? — pergunto.

— Não sei, mas posso verificar.

— Faria esse favor por mim?

— Claro doutor Daniel! Volto já. — Ela sai de minha sala e começo a analisar os resultados dos exames.

O que eu temia se confirma, ela está mesmo grávida e com a quantidade de sangue perdido na hemorragia, a essa altura já teve perda fetal. Com os resultados em mãos, prescrevo um pedido de radiografia e solicito que seja feita em caráter de urgência, pois preciso medicá-la em seguida.

Um tempo depois, quando recebo o restante dos resultados começo a analisá-los. Na radiografia encontro duas costelas trincadas do lado esquerdo, já no ultrassom, os restos fetais.

Estou acostumado a atender pacientes bem debilitados aqui no hospital, mas excepcionalmente hoje me sinto um miserável e de mãos atadas por não ter como protegê-la nesse momento. Sinto um nó na garganta, uma angústia tão grande que chega a me sufocar. Eu queria pegá-la em meus braços e niná-la até que sua dor fosse tolerável, minha vontade é de apenas protegê-la, mesmo sem nunca tê-las visto antes.

Decido que o melhor é direcionar o caso para o Nícollas, não serei capaz de testemunhar mais tristeza naquele olhar e agir apenas como um profissional.

— Nícollas— Entro em sua sala assim que sua paciente sai —, os resultados dos exames saíram e minhas suspeitas confirmadas. A paciente está mesmo abortando. E ainda tem duas costelas trincadas no lado esquerdo.

— Que situação difícil, hein? Peça que ela venha ao meu consultório imediatamente, vou atendê-la e prepará-la para a curetagem assim como prescrever a medicação adequada agora que sabemos do que se trata. — Estou com muita pena dela e ele percebe. — Não fique assim Daniel, isso é normal em nossa profissão e talvez tenha sido o melhor para a paciente, se ela é realmente agredida pelo marido, grávida as coisas só piorariam.

— Você tem razão, eu só não consigo me conformar, mas tudo bem. — Ele é complacente comigo. — Quero ser informado sobre todo o tratamento da paciente, se possível. — Peço-o.

— Claro Daniel. — Concorda. — Podemos trabalhar lado a lado sem problema algum. Você cuida da parte clínica e eu da ginecológica. Assim como também devemos acionar os psicólogos com a desculpa inicial pela perda do bebê, quem sabe ela se abra e relata algo?

— Você tem razão. Não conheço essa paciente, não temos nenhum vínculo sequer, mas sinto-me no dever de socorrê-la antes que o pior lhe aconteça.

Saio de lá perturbado, vou até a sala de espera informá-la dos resultados dos exames e levá-la ao consultório do Nícollas.

— Olá senhora Eloíse, como se sente? — pergunto procurando com os olhos seu marido.

— Estou melhor — Mente descaradamente, em momento algum olha em meus olhos, parecendo amedrontada. Tenta a todo custo se manter forte tentando esconder as dores.

— Onde está seu marido? — Sem notar a presença dele, a questiono.

— Ele foi tomar um café. — Novamente não me olha nos olhos deixando-me intrigado.

Talvez tenha medo de que o marido a puna por estar olhando para outro homem, mesmo que não haja malícia.

— Ok, você precisa ir ao consultório do doutor Nícollas para seguirmos com o atendimento.

— Quem é Doutor Nícollas? — Indaga e prossegue. — Estou bem doutor, só preciso ir para casa descansar.

— O Doutor Nícollas é quem vai lhe atender a partir daqui — esclareço. — Temo informá-la de que não será possível ir para casa hoje. Seus exames apresentaram muitas alterações, precisaremos de mais alguns para conclusão. — Invento, pois não posso deixá-la ir embora, além da curetagem que não contei que ela fará, pretendo mantê-la internada pelo maior tempo possível, até que eu

encontre uma maneira de ajudá-la.

— Tudo bem, mas acho melhor esperar por meu marido aqui mesmo, se ele voltar e não me encontrar aqui... — Cala-se quando percebe que ia falar algo comprometedor e fixa o olhar em meu rosto pela primeira vez um pouco temerosa.

— Continue... — Incentivo para que prossiga.

— Ele ficará preocupado, é isso — sua resposta não me convence.

— Ok. Sou uma pessoa ética, senhora, pode me relatar qualquer coisa. Sabe disso, não é mesmo Eloíse? — meu tom é baixo para que somente ela me escute. — Como médico jamais diria algo que um paciente me confidenciou. Prezo pelo sigilo absoluto. Pode confiar em mim, estou aqui para te ajudar.

Antes que ela fale algo seu marido aparece.

— Então doutor, já podemos ir embora? — Nem pergunta se a esposa está bem ou não. É como não se importasse com ela.

— O senhor pode, mas infelizmente a paciente ficará internada, senhor... — me dou conta de que não sei seu nome.

— Reinaldo, meu nome é Reinaldo.

— Pois bem, senhor Reinaldo, os exames deram algumas alterações, portanto ela não receberá alta hoje — sem delongas, relato. Melhor prepará-los.

— Mas, eu preciso dormir, amanhã levanto cedo para ir trabalhar. — Brada, mas não me surpreendo com isso, posso imaginar bem do que ele é capaz.

— Como eu disse anteriormente, o senhor pode ir, mas a paciente ficará aqui aos nossos cuidados até que seu quadro de saúde melhore. — Estou ficando com abominação deste homem sem coração.

— E quem fará meu café e jantar enquanto *ela* fica aqui curtindo férias doutor? — Mostra seu desequilíbrio emocional. — Não mesmo, onde eu assino para retirá-la daqui?

Quanta arrogância, prepotência e falta de afeto. Se ele é assim com a esposa, imagina como não deve ser com os demais.

— Sinto muito, mas se tentar retirá-la do hospital teremos que registrar um boletim de ocorrência policial. Sua esposa está com graves lesões devido a *tal queda da escada* e precisa ser tratada antes de a liberarmos. — Sou bem enfático ao dizer.

Arregala os olhos, talvez pela primeira vez, um pouco amedrontado.

— Tudo bem, se minha esposa precisa mesmo de tratamento, então que seja. — Sua postura muda instantaneamente, parece até que se importa. O cara é

mais esperto do que imagino.

— O senhor não se arrependerá por essa decisão. — Fui bem sarcástico ao dizer. — Me acompanhem ao consultório do doutor Nícollas, ele é o ginecologista e vai prosseguir com o atendimento.

— Não teria uma médica para atendê-la? — Colérico Reinaldo questiona.

— No plantão de hoje e amanhã ele é o único ginecologista disponível. Sua esposa não está em condições para aguardar. — Esse homem está deixando-me impaciente, não parece nem um pouco interessado na saúde da esposa. É um egoísta, pensa somente em si. — Desse jeito o senhor nos ofende. Acima de tudo somos profissionais, estudamos muito para isso e fizemos um juramento para cuidar de todos os pacientes de maneira igual

— Tudo bem, me desculpe. — Finalmente concorda.

Deixo-os nas mãos do Nícollas, sei que depois ele me passará o quadro da paciente.



Capítulo 3

Eloíse

Receber a notícia de que estava grávida, mas que havia perdido o bebê, fez com que meu mundo desabasse. O bebê não fora planejado, mas saber que não estará em meus braços é o suficiente para me deixar triste.

— Faremos uma curetagem na senhora amanhã cedo — o médico explica os exames e procedimentos que farei. — O senhor pode ir para casa, não há necessidade de permanecer aqui no hospital.

— Vou esperar até que ela vá para um quarto — Reinaldo diz sem emoção alguma. Sua atitude é indiferente como. Mas já o conheço suficientemente bem para saber que por trás dessa simples aceitação, há algo muito bem escondido. Tenho até medo de quando estivermos sozinhos.

— Como quiser senhor — o médico responde e nos dispensa em seguida.

Já no quarto continuo em inércia, não tenho reação alguma. Estou sem chão.

— Quando ia me contar que estava grávida sua vadia? — Quando ficamos às sós ele fala baixo, mas com uma raiva encolerizada em cada palavra. Aperta meus ombros e chega bem perto do meu rosto. — Hein, sua vagabunda? Tinha planos de esconder essa gravidez até quando? Quantas vezes te falei que não quero mais filhos?

— E... eu não sabia que estava grávida. — Levo um tapa no rosto e as lágrimas caem sem controle.

— Isso se essa coisa que você carregava fosse realmente minha, não é? — continua com as ofensas. — Ou planejava me deixar e fugir com seu amante?

— Não existe amante algum Reinaldo, esse filho era seu. Assim você me ofende.

— Ah, francamente, porque não percebi antes? Quem é ele Eloíse? — E mais um tapa foi dado em meu rosto que ficou vermelho dos dois lados.

— Está tudo bem por aqui? — Doutor Daniel entra no quarto e sem saber me salva. Olha para Reinaldo que deu um pulo, assustado com a chegada do médico, se afastando de cima de mim.

— Está tudo bem sim — Reinaldo diz. — Estava apenas me despedindo de minha *esposinha* querida.

O médico me olha esperando uma posição minha.

— Estou bem doutor, apenas nervosa por ter que ficar internada e sozinha.

— É isso mesmo, senhora Eloíse? — Ele olha de mim para Reinaldo.

— Sim, é exatamente isso — respondo sem coragem de olhar para ele

— Ok. Só passei para verificar seu estado de saúde e informar de que Nícollas já prescreveu a medicação para dor e um calmante para ajudá-la a dormir.

— Obrigada doutor. — Reinaldo está feito um falcão em cima de mim, atento a cada detalhe do que falo.

— Senhor Reinaldo, acho melhor o senhor ir agora, a paciente será medicada e necessita de descanso para fazer a curetagem pela manhã.

— Já estou indo doutor — Reinaldo diz. — Antes vou me despedir direito de minha esposa.

— Como quiser, só não demore. Qualquer coisa que precisar durante a madrugada acione essa campainha, uma das enfermeiras virá até aqui senhora. Com licença. — Em seguida o médico sai do quarto, deixando-me mais uma vez, sozinha com Reinaldo.

Apenas balanço a cabeça.

— Não pense que terminamos nossa conversinha Eloíse, em casa vamos continuar de onde paramos.

Medo, este é o único sentimento que possuo, só então me dou conta de que vivo um relacionamento abusivo e preciso me separar dele, agora que perdi meu filho é como se minha ingenuidade tivesse caído por terra.

Perdi? Não! Ele o matou e por pouco quase não me mata junto.

Se ele continuasse com as agressões, provavelmente eu teria o mesmo fim que meu bebê.

— Está pensando em quê hein, sua vagabunda? Vai contar para seu amante? Se pretender fazer isso, fique sabendo que te mato antes. — Ameaças e mais ameaças. — E ainda faço seu corpo desaparecer como um passe de mágica.

Como fui tão cega ao ponto de acreditar que ele me faria feliz algum dia?

Antes eu tivesse ficado na casa de meus pais até hoje, pelo menos lá eles não me agrediam fisicamente. Procurei por uma liberdade que jamais terei.

— Já disse que não tem amante algum Reinaldo. — Uma enfermeira entra no quarto com uma bandeja de medicamentos salvando-me de um ataque mais feroz.

— Então vou indo meu amor. — Finge carinho comigo, como esse homem é cínico — Sentirei sua falta querida. Amanhã só poderei te visitar à

noite.

— Tu-tudo bem Reinaldo. — Pela primeira vez na vida sinto asco de alguém, e o triste é que este alguém é meu próprio marido. Como não percebi antes que ele era um opressor?

Ele vai embora e uma sensação de paz e alívio me domina. Pelo menos enquanto eu estiver internada ele não poderá me agredir com chutes e pancadas.

— Você vai ficar bem, querida. Cuidaremos de você aqui com muito carinho. — A enfermeira acha que estou chorando por estar sozinha, mas ela não sabe que me sinto muito aliviada por poder ficar um pouco sozinha sem as ameaças dele.

— Obrigada, vou precisar. — Ela afaga meu cabelo e vai falando o nome de cada medicamento que aplica no soro. Um de cada vez, analgésico, calmante e um antiinflamatório. Ela fica no quarto até toda a medicação terminar e permanece apenas com o soro.

— Pode dormir querida, te fará bem — Com sua doce voz, conversa comigo e meus olhos vão se fechando lentamente.



Acordo sem dor no corpo, porém minha tristeza é enorme, minha dor é na alma. Senti um afago em meu cabelo durante a madrugada, não sei se foi um sonho, mas foi algo muito bom e calmante.

Daqui a pouco farei a curetagem, agora é real...

Perdi meu bebê, por culpa do homem que nunca sequer se importou verdadeiramente comigo. Um homem que só me via como um objeto e eu achando que encontraria minha liberdade e felicidade plena ao seu lado.

Preciso arrumar um jeito de pedir o divórcio, mas como? Não sei como, mas pedirei.

— Bom dia. — Uma enfermeira entra no quarto. — Sou Marina, a enfermeira do dia. O médico já nos passou o seu caso e já estamos preparando a sala para a cureta.

— Bom dia. — Um nó se forma em minha garganta, só de pensar que eu poderia estar em casa curtindo minha gravidez, sendo feliz, e não aqui em uma cama de hospital chorando amargamente a perda de meu bebê.

— Acalme-se, às vezes o que a gente pensa ser o melhor para nós nem sempre é. Deus sempre nos reserva melhores coisas lá na frente e só as

entendemos quando acontecem — consola-me. — Não era para ser, menina, você é jovem e ainda poderá ter muitos filhos. Tenha fé.

— Fé. É o que mais preciso nessa vida. Ter fé e acreditar que tudo vai mudar para melhor — digo pensativa.

— É isso aí. Agora vamos tomar um banho antes da curetagem — carinhosamente, fala. — Você terá que permanecer em jejum até que termine o procedimento, tudo bem?

— Tudo bem. De qualquer forma, não sinto fome.

— Mas após a curetagem poderá comer normalmente. — Assinto. — Ah, antes que eu me esqueça, o doutor Daniel não estará presente na curetagem, surgiu um problema com um de seus pacientes e ele precisou sair às pressas para uma cirurgia de emergência. Mas, assim que terminar a cirurgia estará de volta.

— Ele acompanharia a curetagem? — FRANZO as sobrancelhas, surpresa. — Pensei que seria feita com o doutor Nícollas.

— Também estranhei, pois aqui ele atende como clínico geral, mas quem sou eu para questionar alguém, não é mesmo? Vamos ao banho mocinha. — Muda de assunto rapidamente.

Não estou disposta a nada hoje. Totalmente sem energia, minha vontade é de deitar na cama e só chorar. Após o banho enquanto aguardo o médico me chamar para a sala de curetagem, tomo uma decisão. Pedirei apoio a minha família, quem sabe eles possam me ajudar e fiquem do meu lado?

Envio uma mensagem de texto para minha mãe informando de que estou internada, mas não obtenho resposta. Talvez ela esteja ocupada no momento.



Já no bloco cirúrgico choro abundantemente, por isso sou sedada durante o procedimento e só acordo quando tudo termina.

— Oi Eloíse, sente-se bem? — A enfermeira me acorda. — Preciso que me ajude na transferência das macas, consegue?

Balanço a cabeça e faço um enorme esforço, mas consigo trocar de maca. Volto ao quarto e outra vez ela introduz medicação em meu soro. Tomo café forçada e em seguida durmo novamente.

Acordo com minha mãe me chamando.

— Eloíse o que houve? — Ela nem me cumprimenta. Já quer logo saber por que estou no hospital.

Conto a mesma história que contei ao médico. Não tive coragem de pedir ajuda, não para ela.

— Francamente, você sempre foi desastrada, mas se superou dessa vez.

— Mãe, eu não sou feliz... — falo em um fio de voz, e aguardo sua reação.

— Quem faz a felicidade somos nós, Eloíse — ralha comigo. — Deveria agradecer a Deus por ter um bom marido, que não enche a casa de filhos para você criar enquanto ainda tem que fazer todas as tarefas domésticas para quando ele chegar encontrar o jantar na mesa, roupa passada e banho arrumado.

Arregalo o olho, inacreditável uma mãe que não apoia os filhos. Desisto, minha mãe nunca irá me respaldar.

— Se pensa em se separar de seu marido, pode ir mudando de ideia. Eu e seu pai jamais a aceitaremos em casa novamente. Não somos mais responsáveis por suas despesas. Onde já se viu?

— Poxa! Você é minha mãe, deveria ficar ao meu favor! — Falo chorosa.

— Deixa de ser ingrata Eloíse, por acaso Reinaldo deixa algo lhe faltar? — Irredutível defende meu marido.

— Ele não me ama mãe — digo em prantos.

— Amor? E quem precisa de amor para sobreviver? — fala com o olhar perdido.

— A senhora tem razão. — Seco minhas lágrimas e mudo de assunto. — E como estão todos em casa?

— Todos bem como sempre — responde sem expressão alguma.

Acho que nunca vi minha mãe sorrir, nunca esboçou nem uma reação de um sorriso sequer. Está sempre com essa cara fechada e contida. Vive em casa, assim como eu, presa nas tarefas domésticas. Começo a pensar que é melhor eu me conformar com meu destino, sem apoio de minha família nada me adianta tentar mudar de vida.

Minha mãe vai embora e almoço sozinha no quarto de hospital. Outra vez sou forçada a comer. À tarde, uma equipe de psicólogos me visitam no quarto e me esforço para que vejam que estou bem. Por fora sou toda sorrisos, mas por dentro estou quebrada e em frangalhos, e em hipótese alguma direi que Reinaldo foi o causador do meu aborto e das costelas trincadas, que ainda doem. Se ele descobre que cogitei a me separar ou que falei algo com os psicólogos serei uma mulher morta.

Não vejo o doutor Daniel em nenhum momento. Acho que ele não voltou ao hospital. Todos aqui me trataram bem, mas ele, excepcionalmente cuidou de

mim de uma forma diferente, foi como um anjo. Estava realmente preocupado. Recebo alta do hospital na manhã seguinte, prometendo voltar ao hospital caso sinta dores ou sangramento excessivo.

Envio uma mensagem para Reinaldo informando da alta médica, já que ele não me visitou na noite passada, nem ligou para saber do meu estado de saúde, pego um uber e vou para casa.

Mesmo prometendo ao médico de que manteria repouso, já chego em casa arrumando tudo, coloco as roupas na máquina e me programo para fazer um jantar para agradar Reinaldo. Não posso deixá-lo nervoso, preciso disfarçar e manter a pose de boa esposa.

Quando Reinaldo chega em casa tudo está pronto. A casa arrumada, mesa posta para o jantar, roupas passadas e uma muda separada para que ele vista após o banho. Meu coração está acelerado, agora entendo que vivo em uma relação abusiva. Foi necessária a perda de um bebê para que meus olhos fossem abertos, porém, me conformei com minha infelicidade, fui eu quem escolhi isso no momento em que sonhei por um futuro melhor. Tem gente que não nasce para ser amada e feliz, acho que sou uma dessas pessoas.

— Algum problema Eloíse? — Reinaldo me olha desconfiado.

— Não, nenhum — respondo sem olhá-lo.

— Então, por que está tremendo? — Aproxima-se mais de mim.

— Não é nada, apenas não me alimentei direito hoje. — Preciso mantê-lo calmo, quanto menos nervoso, melhor para mim.

— O que fez de janta? — pergunta e parece acreditar em mim. Não fica irritado comigo dessa vez.

— Arroz branco, feijão com bacon, salpicão, salada e bife à parmegiana.

— Bom, muito bom. Prepare minha roupa, estou indo para o banho. Não se distraia dessa vez. — Há uma ameaça por trás desse pedido, que antes eu não percebia.

Sobe as escadas e sigo atrás dele.

— Como foi seu dia? — pergunto por perguntar.

— Para que quer saber? — Volta-se em minha direção.

— Na... nada — estremeço e gaguejo —, apenas curiosidade.

— Pois guarde sua curiosidade, ela não me interessa.

Balanço a cabeça em concordância. O melhor é me calar e apenas responder algo se ele perguntar. Pego as roupas que estavam já separadas e o entrego. Fico parada esperando as próximas ordens.

Quando ele sai do banheiro descemos e coloco seu prato. Comemos sem

trocar nenhuma palavra. Quando ele termina, fica me observando e fico amedrontada. Mas sou surpreendida por suas palavras.

— Andei refletindo e cheguei à conclusão de que me excedi um pouco com você. — Solto o ar que prendia sem perceber. — Vou melhorar meu comportamento com você, ser um melhor marido. Mas, não pense que ficará solta por aí. Vou te vigiar de perto.

Não sei o que dizer, apenas balanço a cabeça. Não esboço reação alguma, ainda tenho medo. Terminamos nosso jantar em silêncio, ele vai para o quarto enquanto arrumo a cozinha e lavo as louças.

Ainda bem que não falei nada com os psicólogos do hospital, agora sinto que tudo será diferente. Sinto que ele vai cumprir sua promessa.



Capítulo 4

Eloíse

Duas semanas depois

Tudo está indo muito bem em minha vida. Reinaldo apesar de mandão e prepotente não tem me agredido mais. Também não dei motivo algum para que acontecesse.

Hoje vamos a uma comemoração de aniversário de um colega do banco.

— Tem certeza de que devo ir Reinaldo? Talvez você queira ir sozinho — Tento a todo custo esquivar-me dessa festa.

— Nada disso Eloíse, você virá comigo. E nada de gracinhas. Lembre-se, estou de olho em você.

Arrumo-me, visto uma calça jeans e uma blusa folgada com gola alta e mangas três quartos, apesar do calor que faz hoje. Separo para ele uma calça de brim e uma camisa pólo azul marinho. Prontos, seguimos para a casa de seu amigo. Tento me manter o mais discreta possível, sem olhar para os lados e nem puxo conversa com ninguém.

A mulher de seu amigo me chama toda empolgada.

— Oi Eloíse, você está aí tão quietinha, venha conversar conosco? — Fico meio receosa, mas Reinaldo me incentiva a ir conversar com as mulheres, então concordo.

— Vai querida, você precisa fazer novas amigas. — Sorri e não enxergo maldade em seu olhar.

Escuto o que as outras falam, calada. De vez em quando, apenas sorrio de algo dito, às vezes percebo o olhar de Reinaldo em cima de mim e tento ficar o mais discreta possível. Nem ousa a olhar para os lados por medo de ele pensar que eu esteja olhando para algum homem.

— Você trabalha Eloíse? — uma das mulheres pergunta.

— Somente em casa, sou do lar — respondo.

— E isso não te incomoda? Deus me livre ser do lar, acho que ficaria sufocada em casa — uma das mulheres fala.

Sorrimos e lá no fundo sinto uma pontinha de inveja dessas mulheres independentes e livres.

— Não é bem incômodo, acho que já me acostumei e Reinaldo não gosta que eu trabalhe fora. O salário dele é suficiente para nos manter.

— O salário do Ítalo também é o suficiente para nos manter — a anfitriã nos conta. — Mas, Deus me livre ser dependente de homem algum dia.

Sorrio sem graça e envergonhada.

— E por que não estuda? — outra pergunta.

— Não sinto vontade. — Minto, descaradamente com um sorriso cínico. — Gosto de minha vida assim. — Reinaldo está por perto, e se por acaso me escutar reclamando pode me chamar de ingrata e tudo o que fazia antes, voltaria à tona.

— Ah sendo assim está certa. Você tem que fazer a coisa que gosta e não para agradar as pessoas — outra comenta.

— Que tal pularmos na piscina meninas? — a anfitriã nos chama.

— Eu não vou — descarto a ideia. — Não trouxe biquíni e além do mais não sei nadar.

— Que pena, mas você pode se sentar em uma espreguiçadeira e pelo menos curtir o sol.

— Então vou com vocês. — Sorrindo as acompanho.

Quando vou ao banheiro Reinaldo me intercepta e segura meu braço.

— Cuidado hein Eloíse, veja lá o que vai falar por aí. Lembre-se, estou sempre de olho.

— Não se preocupe Reinaldo, sou leal a você — falo cautelosa em um fio de voz.

— Assim espero. Não me decepcione. — Passa a mão em meu rosto em um carinho forçado.

Isso estragou o restante da minha tarde.

Quando estamos indo embora me despeço das mulheres. E elas me convidam para um chá da tarde. Sem pensar direito e bem empolgada pelo convite aceito de prontidão. Já no carro Reinaldo não está com uma cara muito boa. E não falo nada por medo de dizer algo de errado.

— O que pensa que estava fazendo, hein Eloíse?

Não sei do que ele estava falando, então me mantenho calada e de cabeça baixa.

— Que pouca vergonha, outra vez ficou olhando descaradamente para meus amigos. Não me respeita e nem se dá ao respeito.

— Mas não fiz nada disso Reinaldo! — Olho-o assustada, meus olhos se enchem de lágrimas.

— Não fez? Estou mentindo então? — sua voz está cada vez mais

alterada.

— Não fiz, sequer olhei para os lados. Não te desrespeitei em momento algum.

— Em casa você terá o que merece por sua desobediência.

Estremeço da cabeça aos pés. Já sei o que me espera ao chegar em casa. Quando ele para o carro, na garagem já começa com os xingamentos e tapas por meu rosto.

— Sua vadia, te ensinarei a me respeitar e a se comportar como uma mulher casada de verdade.

— Para com isso Reinaldo, você está me machucando! Prometeu que não me bateria novamente —grito em vão.

— Você ainda não viu nada! — Seu rosto está desfigurado. — Hoje você vai conhecer minha pior face, meu lado mais obscuro e perverso.

— Não faça algo de que se arrependa Reinaldo. Vamos conversar, por favor? — suplico entre as lágrimas que escorrem livremente.

— Agora você quer conversar, sua vagabunda? Agora quem não quer sou eu. Agora não tem mais conversa. Vou te ensinar de um jeito ou de outro a virar uma mulher descente.

Puxa meus cabelos várias vezes e chuta minhas costas. Desfere socos e pontapés de todos os lados. Sou jogada várias vezes na parede, e quando consigo junto forças de onde não tenho e corro escada acima, fugindo de sua agressão entro no banheiro da suíte e me tranco.

— Abra essa porta Eloíse. Não vou mais te bater, agora só quero conversar.

— Não vou abrir Reinaldo, você está fora de si. Acalme-se primeiro.

— Já estou calmo querida, pode abrir sem medo. — Não falo nada, apenas choro em silêncio. Pensei que estava tudo bem entre nós, acreditei que ele mudaria. Que nunca mais iria me agredir novamente.

Preciso dar um basta nisso. Preciso reagir e ser forte, criar coragem para mudar.

Aquelas mulheres têm razão, eu preciso fazer algo de que gosto, eu vou estudar, trabalhar. Sou jovem e tenho todo um futuro pela frente. Vou criar coragem e pedir o divórcio, se ele não aceitar vou à polícia e o denuncio.

Abro a porta do banheiro muitas horas depois e Reinaldo está sentado na beirada da cama com uma garrafa de uísque nas mãos.

— Até que enfim resolveu abrir a porta, pensei que teria que arrombar essa porcaria.

Seu rosto não está mais desfigurado e aproveito que ele está mais calmo e falo de uma vez.

— Quero o divórcio. — Cruzo os braços na altura do peito.

— É mesmo? E acha que darei assim gratuitamente? — Levanta-se em um rompante e rapidamente chega a minha frente. Aperta meu pescoço fazendo com que eu perca o ar. — Te salvei de uma vida medíocre e é assim que você me paga sua puta. Você praticamente se jogou em meus braços quando soube que eu era bancário, quis logo se casar para ter uma vida de dondoca. E agora quer se separar?

— Não aguento mais ser constantemente agredida por você. – Choro, mas vou lutar por minha sobrevivência.

— É mesmo, só faço isso por que você me provoca, se fosse uma mulher comportada e desceste isso não aconteceria. — Para e me olha. — Até te dou o divórcio, mas antes você pagará por cada dia desses anos em que sustentei você.

E aí começam as piores torturas de minha vida, sou violentada de várias formas. Ele é bruto e estapeia o meu rosto, rasga minha roupa, deixando-me nua, desfere socos por todo meu corpo. Caio sem forças e sou abusada sexualmente ali mesmo no chão, ele faz o que quer comigo e não consigo me defender. Já não tenho mais forças. Reinaldo sai do quarto a passos largos. Penso que enfim a sessão tortura tinha terminado, mas minutos depois ele volta com um isqueiro e começa a queimar meu corpo, na barriga nas coxas, braços e pernas.

Volta e me chutar enquanto me chama de puta, vadia, vagabunda e outros xingamentos piores. Não tenho forças para falar, quem dirá gritar ou me levantar e fugir. A dor é tão dilacerante que me anestesia. Meus olhos já nem se abrem mais, estão inchados e sinto o sangue escorrendo por meu rosto.

Suplico pela morte, não aguento mais esse sofrimento. Sinto que sou levantada do chão e não vejo para onde sou carregada. Presumo que sou colocada no banco traseiro do carro e que o mesmo ganhou movimento, só não sei para onde estamos indo. Será que se arrependeu e está me levando ao hospital? Ou será que vai me matar? Isso seria o melhor. Não tenho mais vontade de viver. Não tenho mais voz, apenas gemo de dor, quando sinto que sou carregada novamente. Poucos metros à frente, sinto a pancada da queda. Saio rolando e deduzo que seja um barranco pelos giros que meu corpo deu.

Não sinto mais nada, nem mesmo dor. Tudo se silencia ao meu redor.



Capítulo 5

Daniel

Não pude estar no hospital no dia da curetagem de Eloíse, e quando voltei ao hospital ela já tinha recebido alta. Nícollas me deixou ciente de seu quadro clínico, e como ela estava bem, não poderia mantê-la internada sem uma justificativa aceitável.

Como eu gostaria de estar presente naquele momento. Acredito que poderia ajudá-la de alguma forma. Não me conformo em ela ser casada com um homem que tem idade suficiente para ser seu pai. Continuei fazendo meus plantões semanais normalmente nos hospitais em que trabalho e acabei por esquecer momentaneamente dela.

Duas semanas se passaram e uma amiga pediu que eu trabalhasse para ele hoje à noite no *Hospital Público Regional* e como amanhã já seria meu plantão aqui, aceitei e assim faço um plantão de vinte e quatro horas.

Pela madrugada quando estou no meu horário de descanso sou chamado às pressas na sala de emergência.

Corro em direção à emergência, se não fosse grave não me chamariam para reforçar o atendimento. Quando chego deparo-me com uma mulher totalmente desfigurada, com sangue e barro pelo seu corpo e cabelos, não dá nem para saber quem é ela de tão inchada que sua face se encontra. Ela não possui nenhum documento de identificação.

Seu estado é lastimável, ela tem queimaduras leves por todo o corpo. A paciente fez com que me lembrasse de Eloíse quando chegou naquele hospital, depois de vários dias sem pensar dela.

— Alguém está a acompanhando? Há algum parente ou amigo? — pergunto já começando com os procedimentos.

— Não — o paramédico do Samu responde. — Ela foi encontrada por um grupo de jovens que estavam acampando na orla da Lagoa Prateada. Encontraram-na desacordada e já sem roupas. Deduzimos que o local tenha sido escolhido apenas como desova já que não encontramos marcas de violência pelo local e nem suas roupas.

— Entendi. — Prescrevo uma medicação e solicito vários exames, preciso saber se existem lesões internas.

Aciono a ginecologista do plantão e peço que a atenda. Temo que ela

tenha sido violentada sexualmente além dessas lesões aparentes.

— Doutora Shirley, essa moça chegou há pouco pela equipe do SAMU e preciso que a examine — explico minhas suspeitas e fico ao seu lado durante todo o procedimento, anoto tudo o que acontece no prontuário e que ela relata.

Após o exame vem à confirmação da violência sexual, mas o bastardo que fez isso usou preservativo quando cometeu tal atrocidade. “Foi esperto”.

Se eu pego um mostro desses sou capaz de matá-lo! Não entra em minha cabeça o que esses vermes têm na mente! Como são capazes de algo assim?

Droga!

Não me conformo de que existam homens assim, que são capazes de forçar uma mulher a fazer algo contra sua vontade, que a agridem, batem ao ponto de desfigurá-las, ao ponto de fazê-las perder todos os sentidos, ou pior, que são capazes de matá-las.

Depois que a paciente chegou, a monitoro em tempo integral. Sigo cada passo dela pelo hospital, na sala de exames laboratoriais, na sala de radiografia e no CTI. Aciono a polícia e registro um boletim de ocorrência. A polícia diz que um senhor registrou um boletim do desaparecimento de sua esposa. Pedi que o acionassem e que entrasse em contato com o hospital para reconhecimento da paciente.

Pela manhã qual não é minha surpresa quando o marido de Eloíse aparece?

Sim, ele mesmo.

Relatou que passou toda a madrugada a procura da esposa – Mas seu semblante é de alguém muito descansado - Que ela havia fugido após discutirem. Quando entra na sala de urgência chora e diz que é mesmo sua esposa. Reconhece-a por uma pinta que tem no pé. Questiono-o sobre as agressões e ele diz estar ofendido. Pergunto onde estava na hora em que ela saiu e ele diz que foi na casa dos pais dela.

— Quando discutimos, achei por bem chamar seus pais e informá-los de que ela estava fora de si. Quando voltei com seus pais, ela já havia fugido.

— E por qual motivo ela fugiria? — perguntei.

— Fomos a um churrasco hoje e Eloíse cismou que precisa trabalhar, necessita ser uma mulher independente como as esposas de meus amigos. — Narra sua versão, mas não acredito em suas palavras. — O que Eloíse não entende é que ela não precisa, eu dou conta de cuidar muito bem dela. Mas ela não aceitou e disse que querendo ou não iria procurar um emprego.

— E isso lhe deu o direito de agredi-la? — Assumo meu lado médico e

escondo minhas emoções.

— Jamais faria isso com minha preciosa esposa. Ela é meu diamante, trato-a com muito carinho. Eu a amo. — Chora forçado.

Dissimulado, dá para vê que ele esconde algo. Que antipatia desse homem!

Ah, se foi ele quem fez isso! Vai pagar caro por cada arranhão, cada soco desferido, cada queimadura e pela violência sexual contra a própria esposa.

Pobre Eloíse. Tão jovem e já sofrendo assim nas mãos de um ser tão desprezível.

— Sinto muito, mas o senhor não poderá acompanhá-la. Aqui no CTI o paciente fica sozinho, as visitas são breves e curtas.

— Mas sou o marido e tenho o direito de acompanhá-la — insiste.

— Acompanhantes são apenas para pacientes que estão nas enfermarias, não aqui no CTI — controlo-me ao máximo para não perder o bom senso com esse homem.

— O senhor sempre me barrando e tentando me impedir de estar ao lado de minha esposa. Vou pedir a transferência dela para um hospital particular — diz.

— No momento a paciente não tem condições de ser transferida, mas quando seu quadro clínico melhorar ela poderá sim ser transferida, sou o primeiro a apoiar a transferência. Vai ser até bom para sua recuperação, um hospital com mais recursos a fará bem.

Fico perturbado com algo que constato. Ele sequer perguntou como e onde ela foi encontrada. Se ela está bem ou não, o que fizeram com ela. Preciso ter uma conversa séria com o delegado que cuida do caso, ele precisa investigar esse homem.



Como não trabalho todos os dias no hospital ligo toda noite e peço informações de seu quadro médico. Eloíse não sai da minha cabeça, não sei por que, mas em tudo o que eu faço, lá está ela. Hoje recebi a notícia de que o edema cerebral começou a diminuir, vibro com a notícia. Amanhã é meu plantão novamente no *Hospital Público Regional* e estou muito ansioso para que chegue logo.

Sei que ela já está em condições de ser transferida, agora que o edema

cerebral já diminuiu bem e seus dados vitais estão se normalizando, então consigo uma vaga no hospital em que costumo dar plantões em algumas noites, pelo menos assim poderei vê-la com mais frequência.

O delegado que investiga o caso está na cola do marido dela. Reinaldo já depôs várias vezes, mas ainda sustenta a mesma versão que me deu. Parece até ensaiado, as palavras são sempre as mesmas e na mesma ordem. Ainda tem o álibi dos pais de Eloíse, que garantem que ele esteve com eles no momento em que Eloíse desapareceu.

Será difícil incriminá-lo ou achar um suspeito, se é que exista outro. A solução seria Eloíse acordar e se lembrar de tudo, mas devido à lesão cerebral acho pouco provável que ela se lembre do que aconteceu naquela noite. As chances são mínimas, no entanto, vou torcer para que tudo dê certo.



Os dias passam e os hematomas quase desaparecem, mas nada dela acordar. Eloíse ainda está em coma e eu estou ficando muito preocupado. Quanto mais ela ficar em coma mais lenta será sua recuperação. A sorte nisso tudo é que ela está respondendo bem ao tratamento e as possibilidades de uma recuperação completa são enormes mesmo que lentamente. A equipe de neurocirurgiões aqui do hospital é muito competente e estão dando total atenção a ela.

Minha vontade é de pegá-la no colo, abraçá-la e não soltar mais. Estou desenvolvendo uma afeição tão grande por ela que já fui até alertado por meus colegas de trabalho, o que neguei, disse que meu interesse é estritamente profissional. Acho que acreditaram porque não tocaram mais no assunto.

Hoje faz um mês que ela foi violentada e ainda não encontraram nenhum suspeito do crime. Nem uma pista sequer. No plantão fui informado de que quando o marido a visitou à tarde ela ficou bastante agitada, sendo necessário entrar com um medicamento sedativo. Atendi outros pacientes e antes de ir para meu descanso a visito.

Tudo está dentro dos conformes, edema cerebral estabilizado, marcas aparentes inexistentes, só esperando que ela abra os olhos.

— O que fizeram com você garota? — sussurro quando fico a sós com ela. — Volte, por favor, não é justo uma mulher tão linda quanto você sofrer tanto assim. Quem fez isso com você tem que pagar. Volte para a vida e dê uma lição em quem quer que tenha feito essa maldade com você.

Saio de lá para descansar. Duas horas depois volto e vejo uma

movimentação fora do comum no CTI.

— Aconteceu algo com a paciente Eloíse? — pergunto a secretária de ala quase sem fôlego só de imaginar o pior.

— Ela acordou doutor Daniel, não é o máximo? Todos nós estamos torcendo pela melhora da paciente. — Responde com euforia. Todos aqui se compadecem de seu estado e torcem por sua recuperação.

Sorrio e agradeço a Deus por isso. Aguardo os neurocirurgiões terminarem o atendimento e entro no CTI.

— E então doutora Beatriz, como a paciente está reagindo após acordar do coma? — pergunto à neurocirurgiã responsável pelo caso. Minha ansiedade é palpável.

— Acalme-se Daniel, senão precisaremos te internar também. — brinca e sorri do meu nervosismo. — Ela não se lembra de nada do que aconteceu naquele dia. Sua mente está bloqueada, talvez devido ao trauma, mas ainda não podemos afirmar nada. Faremos novos exames pela manhã e continuaremos a monitorando.

— Posso vê-la? — Peço quase suplicando.

Beatriz sorri.

— É, Daniel, a mim você não engana. — Continua sorrindo. — Sei bem de suas intenções meu caro, e peço pelo amor de Deus que haja com cautela. A moça é casada e seu marido não me parece ser uma pessoa muito tolerável.

— E eu não sei disso? Mas não se preocupe, jamais faria algo que a prejudicasse ainda mais. Além do mais, sou médico acima de qualquer suspeita, respeitando os pacientes com ética e moral.

— Não me decepcione meu amigo.

— Não irei decepcioná-la Beatriz. — Abraço-a.

— Vai lá vê sua paciente preferida. — Sorri e retribuo.

Entro no CTI e a observo. Ela me olha intrigada, não sei se me reconhece ou não.

Fico apreensivo.

— Olá doutor — fala com uma voz fraca. A enfermeira passa por seus lábios um algodão molhado.

— Olá Eloíse, como se sente? — pergunto com apreensão, não sei se lembra de algo ou de mim.

— Não sei o que sinto, na verdade sinto-me um pouco perdida. Sonhei com algo estranho, mas me vendo aqui só posso ter certeza de que não aconteceu.

— Sonhos são normais no estado em que se encontrava — digo e aproximo-me.

Eloíse me olha e franze a testa.

— O que houve após a curetagem? Passei mal e vim parar aqui em meio a esse emaranhado de fios? — Aponta para os inúmeros fios ligados ao seu corpo.

— Não se lembra mesmo de nada? — Engulo em seco e ela balança a cabeça negando. — Você não está aqui por causa da curetagem, você veio duas semanas após a cureta. — Ela me olha fixamente sem entender, procurando em sua memória algo que a faça recordar.

— Como isso é possível? E isso já faz quantos dias? — pergunta com uma ruga na testa.

— Exatamente um mês — sua reação é de surpresa. Seus olhos ficam nublados e ela parece se esforçar para se lembrar de algo.

— Me lembro apenas do dia da curetagem, mas depois tudo é um borrão. E meu marido? — Espantada olha pelo quarto. — Onde ele está?

— Provavelmente em casa, ainda é madrugada. — Olho o relógio no pulso — Mais precisamente Quatro e trinta e sete.

— Estou em um CTI, é isso?

— Sim, mas após os exames se tudo estiver bem você será transferida para o quarto.

Ela balança a cabeça afirmando.

— Doutor, vou ficar assim para sempre? Digo, sem me lembrar do motivo que me fez ficar aqui por um mês?

— Alguns pacientes se lembram de tudo em questão de horas, outros, em dias e alguns nem se lembram de nada. É uma defesa do cérebro.

— E vocês me dirão o motivo?

— Sim, na hora certa você saberá. — Vejo que sua feição se alivia um pouco. — Agora preciso deixá-la descansar.

— Posso me levantar um pouco?

— Temo que seja meio complicado, você está deitada há um mês, precisará de ajuda de um fisioterapeuta.

— Não posso andar, é isso? — Apavora-se e me aproximo mais.

— Não foi isso o que eu disse Eloíse. Apenas disse que por ter ficado em cima de uma cama por um mês, você está debilitada temporariamente, seus músculos enfraqueceram. Nada que uma fisioterapia não resolva, mas por enquanto não tente se levantar sozinha. Peça ajuda aos enfermeiros.

— Entendi. — Fica mais aliviada.

— Tenha uma boa noite Eloíse. — Viro para a enfermeira. — Qualquer coisa pode me chamar.

— Sim doutor Daniel.

Saio da sala e encontro Beatriz e sua equipe discutindo o caso de Eloíse.

— E aí Daniel o que achou? — Beatriz pergunta.

— Ela realmente não se lembra de nada do que aconteceu, mas lembra-se de antes, isso é bom.

— Isso é normal, devido às circunstâncias e o edema cerebral, mas temos que ficar confiantes de que ela vá se recuperar cem por cento e se lembrará de tudo — Confiante Beatriz fala. — Precisamos achar o culpado, ele não pode ficar impune.

— Acha que devemos alertar a polícia e o marido de que ela acordou? — Joshua um médico da equipe pergunta.

— Deixaremos para fazermos isso pela manhã — Beatriz diz.

— Certo — Concordo com a conduta adotada pela médica do CTI —, vou cuidar de meus pacientes. Deixe-me informado de tudo Beatriz. Não estarei no plantão durante o dia.

— Não se preocupe, sei o quanto essa paciente é importante para você meu amigo — fala baixo para que só eu escute.

— Fique de olho no marido dela Beatriz, algo me diz que ele sabe mais do que diz.

— Não se preocupe, também não confio nele.

Saio em direção ao consultório, feliz por ela ter acordado do coma, mas triste por não se lembrar de nada ainda.



Capítulo6

Eloíse

Busco em minha mente algo que possa me ajudar a lembrar o motivo deste coma. Um mês internada e não me lembro de nada do que me aconteceu. Nem uma pista sequer. Tudo não passa de um borrão em minha mente.

Em sonhos vi Reinaldo me espancando, mas não dá para saber se é real ou não, se aconteceu ou se é apenas fruto da minha imaginação. Minha mente está muito confusa e minha cabeça dói muito. Passo a mão pela testa.

— Está tudo bem senhora? — A enfermeira pergunta.

— Minha cabeça dói — digo e fecho os olhos.

— Vou chamar a neurocirurgiã que cuida de seu caso. — Assinto e ela sai do quarto.

Minutos depois a médica entra e começa a me fazer perguntas. Respondo a todas e ela prescreve a medicação. Quando o remédio começa a fazer efeito meu corpo fica leve, e acabo dormindo.

Tenho um sono perturbado e acordo por várias vezes. É como se estivesse sendo perseguida. Um medo me aniquila, não sei o que houve comigo. Estou apavorada com esses sonhos loucos.

Dessa vez sonhei que Reinaldo me queimava com um isqueiro e que eu implorava para ele parar, mas quanto mais eu pedia, mais ele era cruel e perverso comigo.

Ele não teria coragem de fazer isso?

Ou teria?

Não sei se devo confiar nisso, ele sempre foi muito agressivo, mas por outro lado sempre foi cuidadoso para não deixar marcas visíveis em minha pele.

O dia amanhece e vários médicos entram no quarto. Faço muitos exames, tantos que já estou até cansada. Não vi mais o doutor Daniel e sinto uma pontada de decepção. Eu sei que é errado, mas olhar e conversar com ele me acalma, me alivia a alma. Se Reinaldo ao menos imagina o que venho pensando, os sonhos que venho tendo viram realidade.

Após vários exames sou transferida para o quarto. Lá eu recebo a visita de meus pais, irmãos e meu marido.

— Bom dia Eloíse. — Reinaldo me cumprimenta. — Lembra se de algo querida? — Meus pais apenas olham-me.

Sinto um arrepio ao vê-lo. Não sei o porquê, mas ele só me transmite medo e insegurança.

— Não consigo me lembrar de nada. Alguém sabe o que aconteceu comigo para que eu pudesse perder a memória? — Olho para todos, sem resposta, meus pais me olham de cara feia.

— Está querendo dizer o que com isso Eloíse? — Meu pai pergunta, franzo a testa, não perguntei nada demais.

— Na... nada pai, apenas não lembro o que houve. E achei que vocês soubessem e pudessem me ajudar a lembrar de algo.

— Os médicos nos alertaram para não falarmos nada por enquanto querida. — Reinaldo aproxima-se de minha cadeira de rodas, todo solícito. — E acho melhor que você não saiba mesmo, coitadinha, pode vir a sofrer bem mais. — Sua falsa consolação soou mais como ameaça a meu ver.

Ele finge ser benevolente com minha situação. Mas, estou convencida de que Reinaldo está diretamente relacionado com minha condição física.

— Os médicos a manterão internada por mais alguns dias, e quando você for para casa vai precisar de uma enfermeira, vê se isso tem cabimento? — minha mãe fala indignada. — Você não precisa de uma enfermeira coisa nenhuma, pare de graça e ande logo. Seu marido não precisa ficar gastando dinheiro à toa para que você fique curtindo preguiça dentro de casa.

— Eu realmente não tenho forças para andar ainda mãe. — tento argumentar, mas ela me interrompe. — Tentei me levantar, mas estou muito fraca.

— Toma vergonha nessa sua cara! Vou mandar sua irmã Hellen para te ajudar por uns dias, mas se esforce para fazer suas tarefas domésticas porque Hellen me fará muita falta em casa.

Não tento falar mais nada, tudo o que eu disser será interpretado de forma errônea, porém eles não ficam por muito tempo e logo vão embora. Deixando-me na solidão do quarto.

Almoço e na parte da tarde uma fisioterapeuta me atende e começamos as sessões. Serão duas por dia, uma pela manhã e outra à tarde, durante os cinco dias que ficarei internada. Depois vou para casa e farei uma sessão por dia durante um mês.

Só quero ver se Reinaldo aceitará pagar uma profissional para ir até nossa casa.



Na medida em que os dias passam os sonhos continuam, são ainda mais estranhos e se misturam. Ninguém fala nada, nem os médicos e muito menos minha família, que raramente me visita além de Reinaldo que só sabe reclamar.

Converso com psicólogos do hospital, me abro pela primeira vez depois que a doutora Catarina me conta algumas histórias de mulheres que são agredidas pelos maridos e que por falta de denúncia, acabam morrendo.

— Eloíse, a violência é um trauma que deixa marcas por todos os lados. Além das físicas tem as psicológicas que podem acabar com a pessoa em questão de dias.

Ao ouvi-la me dispo de toda a armadura e falo tudo, como foi o início da minha relação com Reinaldo, os motivos pelo qual me casei, por que perdi meu bebê e chego à parte dos sonhos conturbados.

— Às vezes penso que esses sonhos podem ser um prelúdio, mas não sei como sair dessa relação. Ele me mataria antes, como já disse várias vezes.

Percebo que estou chorando quando ela me estende um lenço de papel.

— Obrigada. — Agradeço-a.

— Uma relação abusiva precisa ser denunciada, procure apoio na família, isso ajuda a enfrentar os medos.

— Como se fosse possível! — Sorrio amargamente. — Quando tentei falar com minha mãe que eu gostaria de me separar ela quase me bateu. Repreendeu-me e já avisou que não me aceita de volta em casa. Nunca trabalhei na vida, apenas fiz o ensino médio. Sem formação profissional não vejo como sair desse relacionamento. Estou fadada a viver essa vida.

- Não Eloíse, você não pode aceitar viver assim. Não pode.

Ela deixa que eu fale à vontade.

— No início eu me achava culpada pelos “*castigos*” que ele me dava, me punia. Não comia direito, não cuidava de minha saúde. Acordei desse torpor quando perdi o bebê após uma surra que ele me deu. Mas quando voltei para casa ele se tornou carinhoso, pediu desculpas e começamos a viver uma boa vida. A convivência entre nós melhorou muito, mas depois não sei o que aconteceu. Tudo é um borrão. Não consigo me lembrar de mais nada, nem o que houve para eu estar aqui nesse hospital. Sei que fomos à casa de um amigo dele, passamos um dia tranquilo lá e só tenho essas lembranças, não me lembro de nada mais.

— Existem ONGs que acolhem mulheres, se decidir denunciar seu marido você terá o apoio de muitas outras mulheres e de várias ONGs. Se estiver

disposta a seguir com a denúncia posso ajudá-la. Mas saiba que a decisão é sua.

— Acho que não doutora. Vou tentar seguir com minha vida. Apesar dos pesares Reinaldo tem me visitado todos os dias. Amanhã estarei de alta e farei o possível para que tenhamos uma boa convivência.

— Tudo bem, respeitarei sua decisão. Se mudar de ideia algum dia, estamos aqui para ajudá-la. Tudo o que conversamos aqui será guardado sigilosamente, não se preocupe.

Passo o restante do dia em um misto de ansiedade e euforia. Estou louca para voltar para casa. Não sei como será, mas estou cansada desse hospital. Sem contar que toda vez em que vejo o doutor Daniel eu fico deslumbrada com sua gentileza, e ainda por cima ele é lindo. Não posso ficar me iludindo assim. Ele trata a todos os pacientes de maneira igual. Sou mesmo uma boba iludida. O que um homem como ele veria em mim?

Fiquei sabendo por uma das enfermeiras que ele é cirurgião geral. Isso me instigou e quis saber mais sobre a vida dele. Peguei meu pobre celular, mas que possui acesso limitado ao Google, e fui pesquisar. Além de lindo e gentil, ele tem um coração enorme. Participa de vários eventos beneficentes e com isso Daniel ganhou ainda mais um pontinho de minha admiração. Por isso não quero ficar mais aqui, quanto mais longe, melhor para meu pobre coração. Sei que Reinaldo jamais me deixará livre. Estou fadada a este sofrimento.



Quinze dias depois

Reinaldo foi obrigado a adaptar um dos quartos de hóspedes para que eu usasse com minha irmã Hellen. Ele estava irredutível, mas foi convencido pela equipe médica de que era o melhor para minha recuperação.

Estou quase totalmente recuperada. Já consigo andar pela casa e fazer pequenas tarefas, só subir as escadas e ficar por muito tempo em pé que me causa certo desconforto. Hellen é minha cúmplice e ainda não contamos do meu progresso a ninguém além da fisioterapeuta que me acompanha diariamente.

Reinaldo continua o mesmo arrogante de sempre. Reclama que minha irmã não cozinha como ele gosta, não lava e passa do jeito dele e por aí vai, mas pelo menos com a presença de Hellen em nossa casa ele não me agride.

— Você não está melhor Eloíse? — Reinaldo fala à mesa de jantar. — Acho que você já está com frescuras, já era para ter se recuperado.

— Estou me esforçando Reinaldo, é complicado — Respondo calmamente, ainda assim com medo de sua reação. Ele me apavora.

— Hellen, vá buscar mais vinho, por favor! — sua voz reprovadora já me diz tudo quando minha irmã o obedece. — Não pense que sou idiota Eloíse, sei que você se lembra do que aconteceu naquela noite em que voltamos do churrasco na casa do meu amigo.

— O que aconteceu naquele dia? — Franzo a testa tentando recordar-me de algo que possa ter acontecido naquele dia, mas apenas um buraco negro se forma em minha mente. — Só me lembro de estar sentada na espreguiçadeira conversando com algumas mulheres, depois disso é como se uma nuvem encobrisse tudo o que fiz depois. — Tento recobrar minha memória, eu preciso disso.

Ele me observa atentamente, seu olhar penetrante faz com que eu abaixe minha cabeça como sempre.

— Espero que esteja dizendo a verdade e não queira me prejudicar, porque você já sabe que se fizer algo contra mim eu seria capaz de matá-la. — Sussurra.

Seu rosto fica desfigurado de raiva em questão de segundos, mas imediatamente ele faz sua melhor cara de bom marido quando Hellen chega com o vinho.

Terminamos o jantar em silêncio. Hellen arruma a cozinha enquanto fico conversando ao seu lado na cozinha.

— Não sei como você aguenta esse homem asqueroso — fala baixinho para que somente eu escute.

— Infelizmente eu escolhi isso, agora sou obrigada a aceitar — Respondo conformada.

— Não é não Eloíse e sabe bem disso! — fica brava comigo.

— Que opção eu tenho agora? Não tenho um emprego, nem formação profissional e Reinaldo jamais me daria o divórcio.

— Já pediu alguma vez? — pergunta-me.

— Não. — Abaixo a cabeça. — Ele nunca daria, então nem alimento esse tipo de esperança.

— Não penso em me casar tão cedo, antes vou estudar e trabalhar. Serei independente custe o que custar.

Hellen tem quinze anos apenas, não sabe o que diz. Ela é bem diferente de mim. É decidida e apesar de obediente sonha alto. Como se nossos pais não estivessem preparando seu casamento. Coitada, será apenas mais uma Eloíse da

vida.

— Não é tão fácil assim Hellen, nossos pais não deixariam você concretizar seus sonhos. — Alerta-a.

— Eu sei que eles serão irredutíveis, mas não vou aceitar que mandem em mim para sempre. Estou procurando um emprego já, e antes que me arranjem um noivo eu fujo de casa.

— Não faça isso Hellen, apesar de tudo nossa mãe sofrerá.

— Você acha? Eu tenho certeza de que não. Ela não nos ama Eloíse, é uma mulher fria, nunca demonstrou amor por nenhum de nós. Deve dar graças a Deus que crescemos.

— Não fale assim Hellen, ela apenas não sabe demonstrar seus sentimentos... — É o que acho, prefiro acreditar nisso.

— Eloíse você precisa ser um pouco menos boazinha — Fala um pouco mais alto — Pare de acreditar que todas as pessoas merecem ser perdoadas. Porque na realidade a vida é dura sim.

— Do que estão falando? — Reinaldo entra na cozinha assustando a nós duas.

Hellen dá um pulo assustada e eu quase caio da cadeira de rodas.

— Es... estávamos falando sobre perdoar — Gaguejo.

— E você teria que perdoar quem? — Reinaldo olha-me com ar intimidador.

— Não seria bem perdoar a quem, eu só disse que ela acredita que todas as pessoas são boas, e ela não deve pensar assim. — Hellen intervém.

— Ela está certa Hellen — diz e seu tom é ameaçador. — Ela tem que perdoar a todos mesmo, está coberta de razão. Agora já que terminaram de arrumar a cozinha, que tal pararem com as fofocas e irem dormir?

— Já estamos indo — falo quando sigo para o quarto. Hellen faz o mesmo.

— Você que me perdoe, mas odeio seu marido. Se eu pudesse, o matava — Hellen fala tão baixo que mal a escuto.

Sorrio, pois se eu pudesse faria o mesmo.

Deitamos na cama em que dividimos, e para variar, não consigo dormir. Só penso na conversa em que tive à mesa com Reinaldo, sobre o dia em que fomos à casa do seu amigo. Por que não consigo me lembrar de nada após sairmos de lá?

Rolo na cama por várias vezes e decido me levantar e ler um livro que está na escrivaninha do quarto. Acendo apenas o abajur e começo a ler. De

repente pego o celular e procuro por notícias alheias da data em que cheguei ao hospital. Não sei bem o porquê, mas algo me direciona a várias páginas e acabo encontrando uma matéria policial de uma moça que foi brutalmente violentada.

Abro as fotos e quase caio de costas. O corpo é tão parecido com o meu!
Meu Deus!

É claro que sou eu! Como não me lembro de nada? Não grito para que Hellen não se assuste, mas choro silenciosamente fazendo uma prece para que minha vida tenha uma solução e rápida. Volto para a cama e adormeço depois de muito chorar. Quando acordo o sol já está forte lá fora. Vou atrás de Hellen e a encontro na lavanderia tirando as roupas da máquina.

— Hellen por que não me acordou? — Questiono.

— Não quis te atrapalhar, você dormia tão serenamente.

— Obrigada por estar ao meu lado minha irmãzinha, sem você acho que tudo se tornaria mais complicado. — Abraço-a em agradecimento.

— Eu que agradeço por poder ficar um pouco com você. — Ela sorri e me abraça de volta. — Lembra-se de como éramos quando criança?

Balanço a cabeça e sorrio ao recordar de nossas travessuras, mesmo eu tendo cinco anos a mais do que ela. Ficamos abraçadas recordando momentos que passamos juntas. Após o almoço a fisioterapeuta chega e fazemos nossa sessão.

— Veja o quanto você já melhorou Eloíse! — Entusiasmada com meu progresso fala — Só mais algumas sessões e estará liberada.

Sorrio tristemente, pois assim que eu disser que estou bem, Reinaldo obrigará Hellen a ir embora.

À tarde tiro um cochilinho no sofá mesmo. Acordo chorando e gritando.

— O que houve Eloíse? — Hellen chega rápido ao meu lado assustada.

— Eu sonhei... — começo a dizer — não, não foi um sonho! — Suspiro. Desato a chorar.

— Meu Deus! Acalme-se Eloíse, não consigo entender nada. — Hellen levanta-se. — Vou buscar um copo com água para você.

Apenas balanço a cabeça concordando.

Será que foi apenas um sonho mesmo?

Ou será que tudo o que sonhei é real?

Preciso proteger minha irmã, não falar nada é a única solução.



Capítulo 7

Daniel

Batem à porta do meu consultório.

— Pois não? — Nícollas enfia a cabeça pela abertura da porta.

— Oi Daniel, atrapalho?

— Que nada, estou apenas fechando minha folha de produção aqui.

— Estamos combinando de ir ao *Rox Club* nessa sexta, vamos?

— Estou mesmo precisando me divertir, ando muito tenso ultimamente.

— Cara você está trabalhando demais, porque não atende apenas como cirurgião geral e esqueça um pouco a clínica médica? — sugere.

— Gosto do que faço Nícollas, para mim é gratificante ver um paciente sorrir ao final de uma consulta.

— Eu também me sinto exatamente assim como você, mas priorizo o que me faz bem. Sou ginecologista e raramente atendo como clínico geral. Preciso de algum tempo para sair, me divertir, do contrário piro.

— Confesso que estou tentado a fazer isso também. — Vagueio por meus pensamentos que sempre encontram por Eloíse.

— Pretende fazer residência em ginecologia? — tira sarro de mim.

— Não! Ficou maluco? — Sorrimos. — Essa área da medicina não é para mim.

— Ah bom, porque não dividiria minhas pacientes com você jamais.

— Não se preocupe Nícollas. Não me vejo em outra área que não seja a cirurgia cardiovascular, ainda chego lá.

— Muito bem, comece a administrar seu tempo. Já que gosta de atender na clínica médica também, mude apenas os dias dos plantões. Faça somente diurnos, sei lá, diminua sua carga horária e divirta-se um pouco mais.

— Vou seguir seu conselho, porém só posso chegar à boate após a meia noite quando meu plantão encerra.

— Ok, é isso aí Daniel, nos encontramos lá. Você está precisando de uma mulher, só sabe trabalhar. — Gargalha na minha cara.

— Você tem razão. — Há tempos não saio com ninguém, o trabalho me consome.

Ele sai e deixa-me terminando a produção médica.



Meu plantão está quase se encerrando, estou louco para que termine logo para encontrar com Nícollas na *Rox Club*, a semana custou a passar e outra coisa que também não passa é Eloíse. Ela praticamente mora em meus pensamentos. Aquele olhar inocente que sem querer acabou me seduzindo habita em meus sonhos e por onde ando, para tudo que olho, só vejo ela.

— Ah, Eloíse, porque não nos conhecemos antes? — falo sozinho e pensativo.

— Falando sozinho doutor Daniel? — Beatriz aparece do nada na copa quando estou tomando um café.

— Apenas pensando alto, doutora Beatriz. — Sorrio para ela.

— E aí, você vai à *Rox Club*? — Entra no consultório e senta-se na cadeira em minha frente.

— Vou sim. — Olho o relógio. — Daqui a pouco meu plantão se encerra. Você também vai?

— Sim, hoje meu plantão também termina à meia noite.

— Se quiser podemos ir no mesmo carro. — Sugiro.

— Não será preciso, Carlos vai passar aqui para me pegar. A não ser que queira ir conosco?

— Melhor não, não quero atrapalhar os pombinhos e nem ser vela de ninguém.

— Que atrapalhar o quê? Deixa de ser bobo. — Ela sorri. — Sério mesmo, Carlos não se oporia, assim se quiser, pode beber e relaxar um pouco.

— Deixa para outro dia, além do mais, se eu não gostar da boate vou embora mais cedo.

— Larga esse espírito de velho e divirta-se ao máximo essa noite. — Sorri mais uma vez.

Gargalho de sua comparação. Poxa só tenho vinte e sete anos e estou assim, imagina quando eu fizer cinquenta?

— Aproveita porque sua residência está próxima, e aí sim não sobra tempo pra mais nada.

— Vou seguir seu conselho Beatriz. Vou me divertir ao máximo hoje.

Ela sai do consultório e chamo meu penúltimo paciente da noite.



Chego à boate por volta de uma da manhã. Antes de vir passei em casa e tomei um banho rápido. Eu mereço, não é? Depois de um plantão de dezoito horas nada mais justo.

Envio uma mensagem para Nícollas dizendo que já estou na boate. Ele logo responde e diz que está no bar, no balcão à direita.

— E aí pessoal? — cumprimento quando encontro-os.

— Fala Daniel, há quanto tempo não o vejo e ainda mais em uma boate se divertindo? — Jeremias me zoa, me viu hoje mesmo no plantão diurno.

— Pois é, abri uma exceção hoje. Preciso me divertir antes que saia fumaça em minha cabeça.

— Então *bora* beber meu amigo, porque se você quer diversão veio no lugar certo, aqui está chovendo mulher. — Abre os braços e fala alto. — Tem para todos os gostos.

Peço uma água e converso com o restante do pessoal. Uma loira linda, praticamente se joga em meus braços. Como não sou de ferro caio matando. Beijo-a enlouquecidamente. Nem sei seu nome, mas isso é o que menos importa hoje, vim aqui para me divertir, não é mesmo?

— Gato, podemos dançar um pouco? — pede esfregando seus fartos seios em mim. Sorrio, e levo-a pela mão.

— Qual é seu nome, linda? — pergunto na pista de dança. A música que está tocando não é tão rápida, dando-nos a chance de conversar.

— Luciane, e você gato? — pergunta com seu sorriso sedutor.

— Daniel. — Sorrio de volta. — O que você faz Luciane?

— Sou estudante de zootecnia — diz e fico surpreso.

— Que bacana!

— Pois é! Muitas pessoas ficam surpresas comigo, não tenho cara de quem gosta de estudar, mas gosto e muito. Principalmente nessa área que escolhi. — Explica-me e dá uma pausa sorrindo. — Você tem quantos anos Daniel?

— Vinte e sete e você?

— Tenho vinte anos — Jovem, bonita e cabeça no lugar.

Tem a mesma idade que Eloíse, ambas com todo um futuro pela frente, a diferença é que a Luciane é livre para ser e fazer o que sonha. Já Eloíse está

fadada a viver ao lado de um homem que ao meu ponto de vista quer apenas uma escrava como esposa.

Dançamos, bebemos e conversamos. Conto que sou cirurgião geral e ela conta-me que sua primeira opção seria medicina, mas como adora animais trocou o curso. Convido-a para sair da boate e ela aceita. Despeço-me da galera e vou embora com uma mulher linda ao meu lado.

Fomos para um motel próximo da boate com o dia já quase amanhecendo. Quando acordo Luciane está dormindo aconchegada ao meu lado. Levanto-me sem acordá-la e vou ao banheiro para tomar um banho relaxante.

Assusto-me quando suas mãos passam por meu tórax, mas viro-me e sorrio.

— Por que não me acordou gato? — pergunta manhosa.

— Por que você estava dormindo tão serenamente que não quis atrapalhar.

— Eu poderia ensaboar você enquanto você me ensaboava — galanteia balançando os cílios.

Retiro suas mãos de mim com delicadeza.

— Veja bem Luciane — começo —, eu não quero te dar falsas esperanças, mas essa noite provavelmente não irá se repetir. Sou um homem muito ocupado e... —me interrompe com um dedo em minha boca e um sorriso no rosto.

— Relaxa gato, estou em busca do mesmo que você, apenas diversão. Nossas prioridades são outras.

Fico aliviado, jamais vou querer magoar alguém.

Saio do chuveiro enquanto ela termina seu banho e peço um *senhor* café da manhã para repormos nossas energias.

Lá fora o céu desaba, mas isso não me amedronta. Pelo contrário gosto de dias chuvosos e vou aproveitar minha folga para descansar à tarde toda. À noite farei uma visita aos meus pais.



São dezenove horas e quinze, estou indo jantar na casa de meus pais. Minha mãe odeia atrasos e marcou o jantar para as vinte horas. Saí de casa bem mais cedo por causa da chuva que deu uma amenizada à tarde, mas agora está torrencial. Em dias normais gasto quinze minutos até o condomínio em que

meus pais moram, mas como está chovendo muito preferi me precaver.

Um trânsito parado, raios e trovões cortando o céu, chuva cada vez mais forte e para me ajudar, estou estressado. Porra, nem parece que transei a manhã inteira!

Acho melhor procurar outra rota, caso contrário dona Alice come meu fígado se eu me atrasar. Saio da avenida principal e jogo o endereço de meus pais no GPS. Não conheço bem as ruas deste bairro. Até que o percurso que farei não é tão longo, chegarei a tempo.

Vejo uma pessoa andando cabisbaixa na chuva, fico em alerta quando percebo que se trata de uma mulher. Sozinha nessa chuva? Paro o carro ao seu lado e ela se assusta com minha presença e corre. Vou andando com o carro ao seu lado.

— Ei moça, não se assuste, não quero te fazer nenhum mal. — Quando ela olha em minha direção minha garganta seca instantaneamente, não acredito no que estou vendo. — Eloíse? O que faz nessa chuva?

Quando me reconhece, paralisa no lugar e arregala os olhos. Paro e desço do carro. Ligo o pisca alerta e caminho em sua direção não me importando com os pingos gelados que me encharcam rapidamente.

— Eloíse está tudo bem? — Seu olhar está vago e ela parece em transe. — Entre no meu carro, você vai adoecer. Passe-me seu endereço, vou te levar para casa.

— Não, não! — grita apavorada e tenta se afastar — Casa não, por favor! Para casa não. — Começa a chorar em desespero.

— Tudo bem Eloíse, não vou te levar para sua casa, mas também não posso deixá-la aqui na chuva. Pode adoecer e não queremos isso, não é mesmo? Chega de hospital para você.

— Vou molhar seu carro — fala quando me olha. E esse olhar cheio de ternura faz com que eu tenha pensamentos impróprios com ela.

— Não tem problema algum, também estou molhado como você — falo espantando meus pensamentos. — Venha. Acompanho-a até a porta do passageiro, abro e a ajudo a se sentar.

— O que você está fazendo nessa chuva Eloíse? — pergunto novamente.

— Não sei. — Está relutante em me olhar e visivelmente nervosa — Eu apenas saí de casa sem rumo e não sei como vim parar aqui.

— Aconteceu algo em sua casa? — Ligo o ar quente quando percebo o quanto trememos de frio.

Eloíse apenas balança a cabeça negativamente e chora calado, um choro

triste. Paro o carro novamente e a abraço como eu sempre tive vontade, aperto-a em meus braços.

— Não chore, pode confiar em mim Eloíse. — Afago seus cabelos, quando minha vontade é beijá-la até que seus medos se esvaíam. Mas, me contendo.

— Como cheguei ao hospital naquela noite? — Engulo em seco, não gosto de me lembrar como ela estava.

— Como sabe que fui eu quem te atendeu?

— Uma das enfermeiras comentou certa vez que você me atendeu no dia em que cheguei. Perguntei como cheguei, em que estado, mas ela disse que não sabia, pois não estava de plantão.

— Podemos falar sobre isso depois? Estou indo jantar na casa dos meus pais e dona Alice repudia atrasos. — Dou meu melhor sorriso, mas ainda assim preocupado. Não posso omitir mais o quadro em que chegou ao hospital.

— Não quero atrapalhar, pode me deixar aqui mesmo. Eu me viro — fala envergonhada por pensar estar me atrasando.

— Vamos combinar uma coisa? — Ela balança a cabeça concordando — Você vem comigo para a casa dos meus pais e depois do jantar conversamos. Prometo te contar tudo o que quiser saber.

— Mas, eu estou toda molhada e — olha para minha roupa colada no corpo—, você também se molhou todo por minha causa.

— Tudo bem Eloíse, tenho roupas na casa dos meus pais e minha irmã não se importará em emprestar alguma roupa para você se vestir.

— Tudo bem então. Não quero mesmo voltar para casa.

E espero que jamais volte minha linda, penso.



— Meu Deus Daniel! — Minha mãe fala quando abre a porta e se depara comigo neste estado. — O que significa isso, por acaso veio nadando? — Sorrio. Dona Alice é mesmo exagerada.

Eloíse se encolhe e quando minha mãe percebe sua presença fica um pouco constrangida com seu olhar interrogativo para mim.

— Olá, desculpe minha falta de educação, é que esse menino me assustou de verdade. — Olha-me divertida. — Daniel, não vai me apresentar sua namorada?

Eloíse fica vermelha, e ainda mais constrangida.

—Mãe essa é Eloíse e ela é minha *amiga* — falo tentando amenizar o constrangimento de minha acompanhante.

— Amiga, sei, e eu sou sua irmã então. — Eloíse tenta segurar o riso, apesar de envergonhada, mas foi inevitável.

— Mãe não envergonhe minha convidada, por favor! — peço sem graça.

— Prazer Eloíse, sou a Alice, mãe do *seu amigo* aí. — Aponta para mim.
— Agora entrem e troquem essas roupas antes que peguem um resfriado.

Entramos sorrindo e sinto Eloíse um pouco menos retraída.



Capítulo 8

Eloíse

Quando Hellen voltou com a água, forcei-me a ficar calma. Por fora estava firme como uma rocha, mas por dentro trêmula e destruída.

— Hellen, acho melhor contar logo para Reinaldo que estou bem — começo.

— Ainda não está pronta para fazer tudo sozinha Eloíse. Deixa de teimosia, ficarei aqui o quanto você precisar.

— Sim, mas mesmo assim acho melhor eu falar do meu progresso.

— Tudo bem, você é quem sabe. O que você fizer eu apoio.

O telefone toca e Hellen o atende. Fico lembrando cada cena do que me aconteceu naquela noite. Não era mesmo um sonho, tudo foi real. Como Reinaldo foi capaz disso? Tudo bem que eu já esperava o pior dele, mas me violentar? Isso, eu jamais imaginei.

Ele tentou me matar. E como ninguém suspeitou dele?

Meu Deus! Sou casada com um monstro! Se é que ele pode ser chamado assim. O que farei agora? Como vou conseguir ficar ao lado dele sabendo de todo o mal que ele me fez. Será que vou conseguir manter a pose de quem não sabe de nada?

— Era nossa mãe — Hellen fala tirando-me de minhas tristes lembranças. — Você está esquisita! — Ela faz uma careta. — Tem certeza de que está mesmo bem?

— Sim, estou ótima. — Forço um sorriso. — Que tal começarmos o jantar então? — sugiro.

— Vamos lá. — Olha-me com desconfiança. — O que foi que você sonhou Eloíse? Você acordou assustada e chorando.

— Ah, esquece Hellen, foi apenas mais um pesadelo bobo, mas já passou. — Desconverso e ela aceita.

Conversamos muitas coisas amenas e sem perceber minha irmã me fazia sorrir. Pouco antes de Reinaldo chegar tomo um banho e fico o aguardando. Precisarei fazer um enorme esforço para atuar e não entregar que me lembrei de tudo.

Reinaldo chega quando estamos terminando de arrumar a mesa.

— Eloíse? Você já está andando? — Olha-me sem nenhuma expressão no

rosto.

— Reinaldo. — Abro um sorriso, fingindo felicidade ao vê-lo. — Então, gostou da surpresa? — pergunto-o.

— Espero que não tenha mais nenhuma surpresa Eloíse, não gosto de ser trapaceado! — Ameaça ao falar e com o olhar velado.

— Teria algo mais? — Franzo a testa com falsa estranheza.

— Não sei Eloíse, você é quem deve me dizer se tem algo mais? — Sua resposta sai em forma de uma pergunta, mas não me abalo.

Se hoje fosse o dia *Oscar* com certeza eu ganharia por tamanha dissimulação.

— Minha mãe ligou dizendo que vão jantar conosco hoje — falo com calma contida. Por dentro estou como uma bomba prestes a explodir.

— Sim, eu sei. Seu pai me ligou mais cedo. — Vai andando para as escadas — Pegue minhas roupas já que não é mais uma inútil. — Desdenha.

Que ódio desse homem! Nunca fui uma inútil. Minha vontade é de jogá-lo escada a baixo, mas como não posso, continuarei atuando.

— Ainda não consigo subir escadas Reinaldo, Hellen pode pegar para você.

— Se fosse para sua irmã pegar eu teria pedido para ela. — Arrogante como sempre, responde.

Hellen chega próxima a mim e com um olhar pergunta se está tudo bem. Respondo que sim balançando a cabeça.

— Hellen vá pegar minha roupa já que a imprestável de sua irmã não pode subir escadas — Reinaldo ordena enraivecido.

Hellen fecha a cara, mas faz o que ele pediu. Preciso continuar fingindo, caso contrário sou uma mulher morta hoje mesmo!

Minha família chega e ficam surpresos ao me encontrar andando pela casa.

— Agora que já está recuperada e não precisa mais de Hellen vou aproveitar e levá-la hoje mesmo. As tarefas em casa estão pesadas para eu fazer sozinha, não sou obrigada a me desdobrar em casa enquanto você vive como uma madame.

— Não será possível ainda mamãe. — Hellen intervém. — Eloíse ainda não consegue fazer tudo sozinha. Ainda preciso ajudá-la.

— Bobagem, com bastante esforço ela conseguirá tudo — minha mãe nem se importa.

— Eu ainda preciso de Hellen por pelo menos mais algumas semanas —

digo.

— E quem é que vai me ajudar? Ninguém nunca pensa em mim? — Minha mãe esbraveja.

— Também não precisa desse drama todo mamãe — Hellen fala, mas imediatamente se arrepende.

— Respeita sua mãe garota! Agradeça a ela por você estar passeando aqui na casa de sua irmã — papai fala e Hellen se encolhe.

Não dá para acreditar, nem parece que somos filhas desses dois, parecem que nos odeiam. Meus olhos lacrimejam, mas engulo o choro, como sempre faço.

— Tudo bem — falo em um fio de voz. — Acho que dou conta sim de fazer minhas coisas. — Seguro a mão de Hellen, que não concorda, mas por medo nada diz.

— Que ótimo — Reinaldo, que está atento aos meus passos e às minhas palavras, fala me encarando. — Acho que já posso cancelar a fisioterapeuta também. A conta do plano de saúde virá um absurdo.

Realmente somente Hellen e meu irmão sentem algo por mim. Então porque ficar me lamentando por eles? Preciso arrumar um jeito de escapar dessa prisão chamada de lar.



Reinaldo anda bem esquisito esta semana. Depois que Hellen foi embora me esforcei bastante para voltar minha vida ao normal, quer dizer, quase ao normal.

Às vezes pego ele me observando todo desconfiado e isso me dá uns calafrios. Hoje é sábado e preciso ir ao mercado. A geladeira e a despensa estão vazias.

— Reinaldo eu preciso ir ao mercado, pode me levar? — Peço receosa, ele está assistindo ao seu canal de esportes favorito e não gosta de ser interrompido.

— Você não tem jeito não é mesmo Eloíse? Por que você não foi ao mercado ontem, ou quando sua irmã ainda estava aqui?

Mantenho minha calma, não quero dar motivos para que ele fique nervoso e desconte sua ira em mim.

— Tudo bem, eu posso ir de táxi — falo e saio da sala.

— Você me importuna e acha que pode sair assim? — Sacode-me pelos ombros.

— Reinaldo está tudo bem, não se preocupe vou de táxi. — Assustada, tento acalmá-lo. Sei do que este homem é capaz.

— E vai pagar o táxi com o quê? A partir de hoje tudo o que você comprar eu vou querer a nota fiscal. Se quiser ir ao mercado, terá que ir a pé.

— Não tem problema, posso ir a pé mesmo. Não se incomode. — Estou assustada e o melhor é me distanciar dele.

Saio apressada e levo meu carrinho de compras. Preciso abastecer a despensa, senão na hora de fazer o almoço não terei o que fazer. Compro o necessário para não carregar muito peso, depois quando eu estiver totalmente recuperada volto e compro mais.

Chego em casa muito cansada. Tive que correr para não me molhar. Entro sem fazer barulho e acabo ouvindo uma conversa de Reinaldo ao telefone.

— *Sim, meu bem! Ela vai embora em breve. Não pense assim meu amor você é a única em minha vida.*

Então ele tem outra? Que ótimo, tomara que vivam felizes para sempre e que ele me deixe em paz.

— *Já tentei exterminá-la uma vez, mas não obtive sucesso querida. — Continua ele: — Não sei o que fazer.*

Fico chocada! Então, ele admite para outra pessoa que o que fez foi de caso pensado?

— *Claro meu amor! Você me deu uma excelente ideia.*

Fico instantaneamente gelada. Ele vai tentar me matar outra vez!

— *Vou comprar o veneno, sim não se preocupe busco em um local distante daqui. Ninguém saberá querida. Sim seremos apenas nós dois.*

Preciso dar um jeito de sair dessa casa hoje ainda nem que eu vá morar nas ruas. Volto para o quintal e abro a porta novamente, dessa vez fazendo barulho para que ele perceba que cheguei e não desconfie que ouvi sua conversa.

— Reinaldo — chamo-o fingidamente. — Já cheguei, vou começar o almoço. — Não posso olhar para ele agora, ainda estou tremendo e se ele me vir assim, vai desconfiar.

Ele encerra sua ligação e continua na sala assistindo televisão.

Após o almoço sai, já sabendo o que ele tem em mente, me apresso e arrumo algumas roupas em uma mochila e meus documentos. Não posso perder tempo, preciso fugir antes que o pior aconteça.

Resolvo deixar a mochila para trás, depois dou um jeito de buscar minhas

roupas. Levo apenas minha bolsa com documentos pessoais e o pouco dinheiro que tenho guardado em casa.

Assim que saio, a chuva volta com tudo e mesmo cansada ando o mais rápido que posso. Apesar de não ter um destino certo, não posso parar.

Não sei há quanto tempo estou andando, quando um carro para ao meu lado. Não é possível que ele tenha me encontrado, e o pior é que não tem ninguém mais na rua, mesmo se eu gritar de nada adiantará.

Tento correr, mas quando escuto a voz do doutor Daniel uma paz recai sobre mim. Fico estática, é muita sorte para uma pessoa tão pé frio como eu.

Aceito sua ajuda e vamos para a casa dos seus pais. Sua mãe é muito engraçada. Todos de sua família me recebem bem. Ao contrário de meus pais que nem apoio vão me dar. Fico triste por isso, mas não posso ser mais uma a morrer nas mãos de um marido louco.

A irmã de Daniel me emprestou um vestido longo, uma jaqueta e uma rasteirinha. Coloquei as roupas molhadas em uma sacola, prometi devolver suas roupas o mais rápido possível.

— Vamos embora Eloíse? — Daniel me chama com seu sorriso lindo no rosto.

— Sim. - Respondo meio constrangida, o que será que vão pensar de mim?

Despedimos de sua família e entro em seu carro.

— Para onde você quer ir Eloíse? — Daniel pergunta com as mãos no volante.

— Não tenho para onde ir — Respondo sem olhar para ele, sussurrando. — Pode me deixar em qualquer lugar por aí.

— Você acha mesmo que eu teria coragem de deixá-la em qualquer lugar por aí? — Sinto a ternura em sua voz. Totalmente diferente de meu marido que não me deixava nem ter opinião própria, quem dirá expô-las.

Meus olhos marejam. Ele passa a palma da mão pelo meu rosto delicadamente, sem perceber fecho os olhos curtindo o momento de carinho.

— Ah, Eloíse, o que fizeram com você? — sua voz está embargada. — Não deixarei você ao relento, vamos para meu apartamento, lá conversamos.

Daniel coloca o carro em movimento e seguimos até seu apartamento no mais completo silêncio. Entramos em silêncio no elevador até a cobertura. Sinceramente não sei se é o certo o que estou fazendo, mas agora que estou aqui não adianta tentar fugir mais. Preciso contar todos os planos de Reinaldo.

— Fique à vontade Eloíse — diz ao abrir a porta.

Entro no hall e me surpreendo com o tamanho do apartamento. Sempre tive um conceito de que apartamentos são cubículos pequenos desprovidos de espaço. Mas, este aqui está situado na cobertura do prédio e daria umas três casas da que eu morava com Reinaldo — e olha que não é considerada pequena.

Olho para ele e percebo que estou de boca aberta admirando seu lar. Seu sorriso lindo está estampado no rosto.

— Vejo que gostou do meu apartamento. — O brilho em seus olhos está radiante. Diria que ele está orgulhoso.

— Sim. É lindo. — Estou embasbacada. — Nunca vi um apartamento deste tamanho, por isso estou surpresa.

— Depois te mostro o restante dele, da varanda dá para ver toda a cidade. — Explica. — Podemos nos sentar lá para termos nossa conversa, que tal? — Sugere.

— Acho que seria bom — suspiro.

Ele não mentiu, a vista da varanda é paradisíaca. Ficar olhando as luzes da cidade é aconchegante. Sento-me em uma das cadeiras e torço as mãos no colo. Estou extremamente nervosa.

— Aceita beber algo Eloíse?

— Não bebo, obrigada — respondo olhando para ele.

— Nunca bebeu nada? — Franze as sobrancelhas.

Engulo em seco, esse homem vai acabar com meu juízo.

— Sim, uma única vez, mas o resultado não foi muito legal.

— Não? — Ele sorri sem desconfiar de nada. — Ficou bêbada e sorrindo pela casa?

— Antes fosse. — Ao lembrar-me desse dia me entristeço ainda mais e abaixo a cabeça.

— Ei! — Ele aproxima-se de mim e levanta delicadamente meu queixo. — Não quero ver você triste, Eloíse. — Seu olhar é penetrante. — Tudo bem se não quiser beber nada, aqui você pode dizer o que pensa e ter vontade própria, tudo bem?

Balanço a cabeça, engulo em seco e meus olhos marejam. E pensar que perdi boa parte de minha vida quando me envolvi com Reinaldo. A essa altura ele deve estar louco atrás de mim.

— Obrigada doutor. — Ele abre um sorriso lindo e essa é minha deixa para começar a falar.

Preciso de ajuda e ele é médico, vai poder me orientar melhor.

— Conheci Reinaldo quando eu tinha dezesseis anos... — começo então

a contar minha fatídica vida desde quando conheci meu algoz até o que escutei hoje e que foi o motivo de minha fuga. Ele não me interrompe em momento algum. Ao final estou chorando, mas sinto-me leve como uma pluma. Colocar tudo para fora foi libertador.

Olho para Daniel que está com os olhos marejados, não sei o que se passa em sua cabeça. Seus punhos estão cerrados.

— Você precisa denunciá-lo Eloíse — fala calmamente depois de um bom tempo de silêncio. — Não pode mais conviver com isso. Eu sabia! — Ele levanta e começa a andar pela varanda, de um lado para o outro. — Eu sabia! Quando você chegou desfigurada ao hospital, quando tivemos a certeza de quem era você, eu sabia que tinha sido ele. — Sinto que ele está se contendo para não gritar — Não dá para acreditar. Oh, Eloíse, Eu sempre soube, como você suportou tudo isso? — Neste momento ele me abraça e me aconchega em seus braços. Beija o topo da minha cabeça, agora minhas lágrimas rolam livremente. — Saiba que agora não te deixarei sozinha, você ganhou um amigo, Eloíse. — Afasta-se um pouco e segura meu rosto carinhosamente com as duas mãos.

— Obrigada por me escutar Daniel e por não me julgar — falo entre os soluços.

— Jamais te julgaria minha linda. Vamos amanhã cedo à delegacia, agora você precisa dormir um pouco, seu dia foi tenso pelo que você me contou.

— Não sei se consigo dormir, tenho muito medo dele e se ele me encontrar vai me arrastar para casa e fará coisas terríveis comigo. Nem quero imaginar.

— Ei, positividade sempre, menina. — Ele tenta me animar. — Ele nunca encontrará você aqui em minha casa. Vou ficar com você até que você durma.

— Ah! Daniel, eu não sei se mereço tamanha compaixão. Em minhas vidas passadas eu devo ter sido uma pessoa muito ruim e agora estou pagando tudo de uma só vez.

— Deixa de bobagens, Eloíse. — sorri e seca minhas lágrimas com os polegares. — Ele é o ruim, é ele quem não presta, infelizmente você foi apenas uma vítima nas mãos de um homem covarde e frio. Agora venha, vou te mostrar seu quarto.

Sigo-o e pela primeira vez na vida sinto-me em paz. Sei que meu caminho será longo e tortuoso, mas eu vou vencer.



Capítulo 9

Daniel

Eloíse dormiu relativamente rápido. Eu por outro lado fiquei perturbado com tudo o que ela me contou. Apesar de ser médico e já ter vivenciado casos parecidos ou até piores do que o de Eloíse, fiquei perturbado, com ela tudo é diferente e mais intenso.

É como se ela fizesse parte de minha vida. Imagino se fosse com minha irmã, eu mataria esse infeliz sem dó nem piedade. Se eu pudesse deitaria Eloíse em meus braços e a ninaria até que seu medo se esvaísse de vez. Até que seus lábios sorrissem para mim.

Quando vejo que ela está em um sono profundo saio do quarto e fecho a porta. Preciso fazer algumas ligações e já encaminhar Eloíse para o lugar certo. Se eu pudesse a pediria para morar aqui em minha cobertura, mas não quero confundir as coisas e nem dar falsas esperanças para ela.

Estou prestes a ir morar em outro estado para terminar minha residência médica, preciso concluir meu sonho em ser cirurgião cardiovascular. Antes disso não posso nem sonhar em envolver-me seriamente com uma mulher.

Ligo para um amigo advogado, já adianto o caso de Eloíse e ele me orienta a levá-la na Delegacia de repressão a crimes contra a mulher. E diz que acompanhará o caso sem cobrar nenhum honorário. Fico feliz com sua atitude, mas como o conhecia há algum tempo já era de se esperar que oferecesse ajuda.

Fico na sala sem sono, pensando em como foi bom Eloíse ter escutado por acaso a conversa do marido—praticamente ex, na verdade—, desejo que ele sofra tanto ou mais do que Eloíse sofreu e ainda vai sofrer, afinal, pelo que entendi, ela não tem apoio de sua família. E sua única irmã que a apoia é menor de idade.

Vou para meu quarto e pego meus livros, já que estou sem sono vou estudar. Durmo depois de muito ler e acordo com um grito esganiçado e fico apavorado. Quando me lembro de que Eloíse está em minha cobertura saio correndo ao seu socorro.

— Fica calma Eloíse, estou aqui. — Abraço-a e tento acalmá-la, ela está sonhando e pelo que percebi não é coisa boa.

Quando ela acorda fica paralisada ao se deparar com meu olhar. Sorrio passando-lhe confiança. Ela não sabe, mas tem o dom de me deixar tranquilo.

— Não me olhe assim Eloíse. — Engulo em seco, novamente vem uma vontade absurda de beijá-la. Preciso me conter, mudo de assunto. — Está tudo bem, não precisa ter medo.

— Desculpe doutor Daniel, foi um pesadelo —fala afastando-se um pouco de mim. — Eles sempre surgem do nada.

— Isso pode acontecer... — Preciso mudar o rumo dos meus pensamentos. — Que tal tomarmos um café e irmos para a delegacia?

— Sim, não posso fraquejar agora. — Percebo que ela busca forças onde não tem pra seguir em frente.

— É assim que se fala menina.



— Daniel, e se ele me encontrar? — pergunta torcendo as mãos no colo, cabisbaixa. Percebi que sempre que está com medo ou nervosa faz isso.

— Ele não vai te encontrar Eloíse. Prometo que mesmo distante cuidarei de você, a deixarei nas mãos de pessoas capacitadas para te proteger.

Ela me olha intensamente e seu olhar é de quem acredita em minhas palavras.

Já na delegacia encontramos com Alberto, meu amigo advogado. Junto com ele está uma equipe de uma ONG que acolhe e auxilia mulheres que são constantemente maltratadas e violentadas por seus parceiros. Fico mais tranquilo em relação à Eloíse, agora que sei que ao lado dela estarão pessoas competentes e dispostas a ajudá-la.

Eloíse mesmo amedrontada conta toda sua história. Incentivo-a e fico ao seu lado o tempo todo e por sorte a delegada odeia esse tipo de homem que seu ex apresenta ser.

— Seu depoimento é o suficiente para enquadrar seu marido na lei Maria Da Penha, Eloíse — a delegada fala ao final do depoimento –, pediremos as cópias do seu prontuário nos hospitais em que foi atendida para anexarmos ao inquérito.

— Obrigada doutora — agradece confiante.

— Você teria algum parente que possa acolher você neste momento? — a delegada pergunta.

— Acho que não. — Eloíse responde tristemente. — Meus pais não me receberiam em casa, infelizmente e meu irmão mora em outro estado.

— Que pena — a delegada lamenta.

— Ela será acolhida por uma ONG doutora — Respondo por ela.

— Certo, então terminamos por hoje. — Dispensa-nos e voltamos para a entrada da delegacia. — Você ainda será chamada para novos depoimentos. — Saímos da sala da delegada.

— Como se sente agora? — pergunto por precaução.

— Sinto-me bem mais leve agora que falei tudo. É como se o peso que havia em meu corpo estivesse se dissipando aos poucos — responde com mais entusiasmo.

Conversamos com o pessoal da ONG e a deixo com eles, sei que ela estará em boas mãos. Meu coração está estilhaçado por ter que deixá-la, mas infelizmente não tenho nenhum parentesco com ela e por isso não posso acolhê-la. Sem contar que estou de mudança.

— Daniel, deixei as roupas de sua irmã em cima da cama, por favor, devolva-as a ela. Muito obrigada por toda a ajuda, jamais esquecerei e serei grata eternamente.

— Fique tranquila Eloíse, espero que nos encontremos em uma ocasião bem melhor no futuro. — Despeço-me dela e este foi nosso último contato naquele dia.



Cinco anos depois

Fui para São Paulo terminar minha residência médica em cirurgia cardiovascular, meu sonho desde que me decidi por medicina. Nestes cinco anos que se passaram, acabei perdendo o contato com Eloíse. A pressa do dia a dia não nos permitiram ser próximos.

Namorei por dois anos uma médica, não da mesma área que eu, ela é dermatologista, mas terminamos por conta de minha falta de tempo e incompatibilidades de horário, ela é do dia e eu da noite, quase não nos víamos.

Hoje é dia de congresso voltado para a área de cirurgia cardiovascular, e não sei por que, mas levantei-me com uma energia que não sentia há tempos. Um pressentimento bom.

Sou um dos palestrantes e me preparei muito para não fazer feio. Aos trinta e dois anos, sou outra pessoa. Mais centrado no que faço, não que antes eu

não fosse, é só que agora estou fazendo realmente o que gosto.

Minha palestra foi um sucesso, fui elogiado e aplaudido por grandes médicos. O seminário foi em um hotel renomado no centro de São Paulo, *Sharm Palace Hotel* de um grande amigo, *Otávio Vasconcelos*. Na hora do intervalo vou até o restaurante do hotel, preciso urgentemente de um café.

Sento-me calmamente com outros amigos médicos e ficamos aguardando uma garçonne, quando a vejo. A princípio chego a pensar que é coisa de minha imaginação, mas seu sorriso é inconfundível, apesar de pouco tê-la visto sorrir. Ela está mais linda do que antes, me deixando sem ar, renascendo sentimentos há tempos adormecidos. Com os cabelos mais curtos e clareados por luzes ela vem até nossa mesa.

— Bom dia senhores, em que posso ajudá-los? — Dá-nos seu sorriso cordial, e quando me vê seu sorriso se amplia ainda mais — Daniel? É mesmo você?

Retribuo seu sorriso e me levanto para abraçá-la. Um abraço de saudade.

— Eloíse! Quanto tempo, hein? — Abraço-a demoradamente, agora ela não é mais minha paciente, não preciso disfarçar.

— Sim, muitos anos que não o vejo. — Esquecemo-nos de onde estamos e caímos em uma conversa descontraída, porém, cheia de saudades quando um de meus colegas pigarreia.

— Ah, desculpem-me, acabei me esquecendo completamente de que estou em horário de trabalho. — sorri sem graça.

Eloíse anota nossos pedidos se antes que se vá, lhe passo meu número pessoal e peço a ela que me ligue para que possamos conversar.

Voltamos ao congresso, mas meu dia já estava perdido, ainda bem que minha palestra foi pela manhã, porque agora Eloíse não sai mais dos meus pensamentos.



Capítulo 10

Eloíse

Meus dias após o depoimento inicial não foram fáceis. Meus pais descobriram meu esconderijo e tentaram me persuadir a retirar a queixa, até me ameaçaram. Como não sucumbi às suas ameaças, afastaram-se de mim e renegaram-me. Chorei e sofri muito com a total falta de apoio de meus familiares.

Reinaldo foi preso, mas como nossa justiça é falha e cheia de brechas, não tardou a sair da cadeia e a me perseguir. Passava de casa em casa tentando me esconder. Até que resolvi pedir ajuda ao meu irmão mais velho que ficou indignado com nossos pais, mas não me julgou em nenhum momento e apoiou-me incondicionalmente. Acolheu-me em sua casa. O processo de separação foi concedido por uma juíza e pude finalmente adotar meu nome de solteira e respirar em paz.

Eduardo é três anos mais velho do que eu, e aos dezoito anos saiu de casa para não mais voltar. Mudou-se para São Paulo e foi tentar viver uma vida melhor comparada a que vivia ao lado de nossos pais. Quando consegui seu contato, ele ficou indignado com tamanha falta de amor de nossos pais e queria até mesmo tirar satisfação, mas o convenci a deixar para lá, eu precisava seguir com minha vida em um local diferente, onde eles jamais suspeitassem que eu estivesse. Apoiavam Reinaldo e mudar seus pensamentos era algo que eu não poderia fazer jamais.

Meu irmão me buscou no mato Grosso, acolheu-me em sua casa e ainda arrumou emprego para mim no hotel onde trabalho até hoje. Com muito custo, me ajudou a pagar minha faculdade de enfermagem e agora falta apenas um semestre para que eu conclua.

Das pessoas do meu passado, só tenho contato com minha irmã Hellen, que também saiu de casa assim que arrumou um emprego. Ela faz faculdade de psicologia, e diz que seu sonho é trabalhar em uma ONG para ajudar vítimas de agressão. Nossos pais não ficaram muito felizes com sua fuga de casa, mas não puderam fazer nada, já que ela estava decidida a não ser outra Eloíse nas mãos de um marido como o que eu tinha. Em nossas conversas por telefone nenhuma de nós tocamos mais no assunto família, isso é uma ferida aberta para ambas.

De Reinaldo não tenho notícias há tempos, por causa dele tive que mudar de estado e me forçar a ser uma pessoa ainda mais forte do que antes.

Refiz minha vida em São Paulo, morei por um tempo com meu irmão Eduardo, mas quando consegui certa estabilidade e para isso trabalhei em bares, boates e festas onde fazia todo tipo de bico para não depender muito de ninguém, aluguei meu próprio cantinho, onde vivo muito bem e feliz.

Meu irmão se casou há dois anos, e é muito feliz ao lado de sua esposa. Eu me dou muito bem com minha cunhada e com sua família, eles viraram a minha família postiça.

Ainda trabalho no mesmo hotel de quando cheguei a São Paulo, sou garçoneiro durante o dia e estudo à noite, já adiantei todo meu estágio, agora só falta concluir meu curso e encontrar um emprego em minha área. Sempre dou meu melhor sorriso aos clientes, não porque quero impressionar alguém, mas acho que o sorriso é a porta para a felicidade, sei lá, vai que alguém está cabisbaixo e precisa de um sorriso?

Chego à mesa com cinco homens bem vestidos, parecem ser executivos. Quando me deparo com aquele olhar penetrante me perco. Esqueço-me completamente de onde estou, retribuo o abraço e começamos a conversar como se não existisse nada ao nosso redor. Quando alguém pigarreja, lembro-me de que estou em horário de trabalho e começo a fazer meu serviço.

Antes de ir, Daniel me passa seu número de telefone e me dá aquela piscadela de bambear as pernas, secar a garganta e acelerar meu pobre coração. Fico sem graça de passar meu telefone para ele, já que não me pediu, mas com toda a certeza vou entrarem contato com ele.

Durante muito tempo ele não me saiu da cabeça, quando pensei ter superado sua ausência, ele reaparece em meu caminho ainda mais lindo do que antes. Trabalho o restante da tarde no modo automático, sorrindo e com os pensamentos nas nuvens.

Troco a roupa para ir embora, e só me dou conta de que está chovendo quando chego à saída do hotel.

— Poxa, justo hoje que não trouxe sombrinha tinha que chover? — falo sozinha olhando a chuva grossa escorrendo espessamente pelo asfalto.

Aguardo uns minutos e quando vejo que a chuva diminuiu um pouco corro até o ponto de ônibus que por incrível que pareça está vazio. Passa um louco e me molha toda.

— Idiota! — esbravejo inconformada — Não podia ter passado com calma não?

O motorista nem se importa e segue seu caminho. Pego uma toalhinha que levo sempre na bolsa e começo a me secar um pouco, para amenizar meu

estado lastimável. Quando, de repente, para um carro todo escuro ao meu lado, minha primeira reação é a de tentar correr, mas minhas pernas travam. Quando o vidro se abre, me deparo com aquele belo par de olhos e um lindo sorriso que me deixam sem ar.

— Se tivéssemos combinado de nos encontrarmos ainda hoje, não teria dado tão certo... — Ele expande seu lindo sorriso.

— Olá, tu... tudo bem Daniel? — Balanço a mão e dou-lhe um sorriso sem graça. O carro que passou antes me jogou água suja e estou imunda agora.

— Entre no carro Eloíse, te dou uma carona. — Não foi uma ordem, soou mais como um pedido.

— Não posso, estou toda suja e molhada, vou estragar seu carro.

— Até parece que ligo para isso Eloíse. — Continua sorrindo para mim.

Não consigo me afastar de onde estou, quando vejo, ele está saindo do carro e para ao meu lado. Fico ainda mais constrangida.

— Eloíse, se você não pode entrar em meu carro porque está molhada, eu também não posso, porque agora também estou molhado.

Sua voz sai rouca e cheia de desejo, minha vontade é de pular em seus braços e nunca mais me soltar. Isso me assusta e ao mesmo tempo me acalma. Só com ele pude me sentir assim tão entregue. Na primeira vez, achava que fosse por eu estar fragilizada, mas e agora? Agora estou bem e segura de minhas atitudes.

— O que me diz Elô? Vai entrar no carro comigo ou vamos passar a noite inteira aqui neste ponto de ônibus molhados e com frio?

— Aceito sua carona, você me convenceu. — Apesar de realmente estar frio, sobe-me um calor de não sei onde. Imagine nós dois gripados ou resfriados, sua mãe não vai gostar nem um pouco. — Sorrio com uma felicidade plena.

— É, você tem razão. Dona Alice não ficará nem um pouco feliz ao saber que novamente nos molhamos na chuva. — Seu sorriso é encantador e com certeza minha perdição.

Daniel me conduz ao lado do passageiro, fecha minha porta e dá a volta no carro assumindo seu lugar atrás do volante. Segue pela avenida e de tempos em tempos me olha e sorri. Faço o mesmo e esqueço-me de dizer onde moro, quando percebo estamos entrando em um prédio luxuoso.

— Onde estamos? — pergunto por fim.

— Em meu apartamento — responde tranquilo. — Me desculpe, mas acabei me esquecendo de te falar que viria para cá, é bem próximo do hotel em que estávamos. Não acho bom você ficar muito tempo com essa roupa molhada.

— Você estava no hotel?

— Sim, estava em um congresso de cirurgia cardiovascular hoje e quando saí te vi no ponto de ônibus, foi muita sorte.

Subimos o elevador falando sobre como eu consegui mudar de vida em tão pouco tempo.

— Fico feliz Elô, por você ter conseguido o apoio de que precisava no seu irmão.

Sorrio. Quando entramos no hall de seu apartamento fico novamente embaçada, tudo desse homem é bonito. Esse apartamento não é tão grande quanto o outro, mas ainda assim é enorme.

— Que lindo seu apartamento. Tem cara de lar. — Ele sorri e fico sem graça, às vezes falo as coisas sem pensar e dá nisso. — Quer dizer...

— Não precisa se explicar meu anjo — esse apelido me deixou ainda mais acanhada —, entendi perfeitamente o que você tentou falar. — Aproxima-se de mim e coloca as mãos em meus ombros, novamente sinto um calor subir pelo corpo. — Agora precisamos de um banho bem quente para não resfriarmos — sua voz sai rouca arrancando arrepios por todo meu corpo.

Arregalo os olhos e tenho certeza de que interpretei muito mal suas palavras, pois ele dá uma gostosa e sonora gargalhada.

— Ainda não é nada disso que você está pensando mocinha. — Toca seu indicador em meu nariz e passa por meus lábios, fecho os olhos e suspiro. — Elô, vamos logo para o banho, pois estou aqui tentando me conter e você não me ajuda suspirando assim.

Sorrio para ele com uma cara de sapeca.

— Onde é o banheiro *doutor*? — dou ênfase na última palavra arrancando um gemido rouco de sua garganta.

— Venha comigo meu anjo. — Ele segue na frente e me leva a um dos quartos, que acredito, seja de hóspedes. — Tire suas roupas e as deixe aqui do lado de fora, vou colocá-las na máquina de lavar, trarei uma de minhas camisas e deixarei aqui na cama. Fique à vontade, Elô. — Beija minha testa e me deixa sozinha.

Faço o que ele pediu e na dúvida se devo deixar minhas peças íntimas ou não, acabo deixando tudo, já que toda a roupa está molhada e não dá para reutilizá-las.

Entro na ducha e tomo um banho revigorante. Meu banheiro é um cubículo, quase não me cabe lá, mas não o trocaria pela minha vida anterior jamais. Saio do banheiro com uma toalha na cabeça e outra no corpo.

Daniel não está mais no quarto, mas vejo que passou por aqui e recolheu minhas roupas sujas e molhadas, além de ter deixado uma camisa vermelha sobre a cama. Visto e sorrio, ficou parecendo com um vestido largo, se colocasse um cinto daria certinho.

Saio pela casa e chego à cozinha onde procuro utensílios para fazer um chá para tomarmos.

— Meu anjo, aqui você não fará nada. — Daniel entra me assustando.

— Ai seu louco! Quase me mata de susto! — Coloco a mão no peito assustada.

— Ainda bem que sou cirurgião cardiovascular, minha área preferida é o coração. — Aproxima-se mais de mim sem me tocar. — O que ia fazer Elô?

— Ia fazer um chá para nós, depois dessa chuva seria excelente.

— Que tal um chocolate quente?

— Hum, sou uma chocólatra assumida! — Empolgo-me e pulo em seus braços, e de maneira apressada me abraça.

— Ah, menina! O que você está fazendo comigo, hein? — Passa seu nariz por minha face me fazendo carinho e me deixando toda arrepiada.

— Não sei nem o que anda acontecendo comigo Daniel! — Olho atentamente em seus olhos e me perco em suas íris. — Me ajuda a entender? — Sussurro sem desviar o olhar.

Ele aproxima mais seu rosto, me coloca sentada na ilha da cozinha, passa o dorso da mão direita pelo meu rosto e sem se conter começa um beijo lento. Não resisto, há muito tempo não sou beijada e com todo esse carinho, jamais fui. Pelo meu rosto começam a escorrer grossas lágrimas, acho que estou me libertando de vez de toda a solidão. Daniel me salva mais uma vez.



Capítulo 11

Daniel

Beijo cada lágrima que escorre por sua face, se eu pudesse tomaria suas dores e incertezas para mim. A colocaria em um pedestal e a idolatraria para sempre.

— Não chore meu anjo, não suporto vê-la assim — sussurro.

— Não é de tristeza Daniel, eu me sinto feliz. Parece até que estava esperando por este momento. — Sorri para mim.

— Desculpe-me, fica parecendo que estou apressando as coisas, mas desde o momento em que te vi pela primeira vez, quis beijá-la e tomá-la em meus braços.

— Então, beije-me novamente *doutor*? — Morde o canto do lábio inferior, e dessa vez devoro seus lábios e encosto-me a sua pelve.

— Estou louco para marcá-la como minha. — Aperto-me um pouco mais nela, que pode sentir o tamanho de meu desejo.

Esqueço-me do chocolate quente que prometi e a carrego da cozinha até o quarto beijando sua boca, rosto, mordiscando sua orelha e pescoço.

— Se não quiser, Elô, saiba que está tudo bem, vou entender e respeitar seu momento. Você pode se sentir insegura...

— Shiii! — Coloca seu indicador sobre meus lábios calando-me. Começo a lambê-lo. — Você é tudo o que eu quero Daniel, tome-me em seus braços. Quero ser sua. Chega de esperar.

Depois que ela falou isso, perdi todo meu controle e tirei minha camisa que ela estava vestindo. Começo a venerar seu corpo com os olhos, com as mãos e posteriormente com os lábios. Ela tira minha camiseta e me ajuda com a bermuda.

— Só Deus sabe o quanto esperei por este momento — falo entre os beijos que dou nela. — Nem eu mesmo sabia que ansiava tanto para ter você em meus braços.

— Eu também sinto que esperei por você a vida inteira, e só agora começo a viver de verdade.

Beijo-a enlouquecidamente, enquanto tiro minha cueca.

— Elô, se eu te machucar, ou quiser que eu pare, por favor, me avise. Não me perdoaria jamais se te fizesse sofrer, meu anjo.

— Você é tão lindo Dani! Não vai me machucar jamais. —sorri com os olhos marejados.

Sorrio de volta e começo a beijar todo seu corpo, ela estranha quando chego ao meio das suas pernas, mas não a deixo fechá-las. Verdadeiramente venero todo seu corpo, subo por suas coxas mordiscando-as lentamente. Beijo seu sexo, enquanto ela contorce de prazer sob meu corpo.

— Liberte-se meu anjo, hoje à noite é toda sua. — Provoco-a em seu centro do prazer, farei coisas inimagináveis com ela. — Esta é apenas uma pequena parte do que tenho em mente para fazer com você, o principal darei mais tarde meu anjo.

Ela grita e goza alucinadamente, deixando-me todo orgulhoso por eu ser o causador de tamanha satisfação. Coloco um preservativo e lentamente vou entrando em seu corpo, fazendo-a completamente minha. Amamo-nos sem pausa até de madrugada, quando exaustos, dormimos aconchegados um nos braços dos outro.



Acordo com um barulho estranho. Eloíse dá um salto da cama e pega seu celular que está berrando logo cedo, mas nem isso tira meu bom humor de poder ver seu traseiro redondinho virado em minha direção.

— Poxa vida, preciso trabalhar — ela diz agitada, procurando por suas roupas.

— Fica mais meu anjo! — Levanto-me a abraço-a por trás, passando as mãos por seus seios, mostrando a evidência de minha ereção matinal.

— Não posso Dani. — Vira para me olhar. — Eu bem que gostaria, mas o dever me chama.

— Eu sei meu anjo, também preciso trabalhar hoje, mas é uma pena porque eu gostaria de fazer muitas coisas com você sobre essa cama.

Ela sorri e dá um selinho em meus lábios.

— Preciso passar em casa antes de ir para o serviço, vou chamar um uber.

— Ficou maluca, Elô? Eu levo você em casa e de lá vamos trabalhar juntinhos.

— Vou ficar mal-acostumada com todo esse paparico Dani.

— Essa é a intenção. Vou tomar um banho rápido e já vamos até sua casa.

Ela não discorda e me arrumo em tempo recorde. Quando chego à sala, ela já está vestida com as mesmas roupas de ontem.

— Não te falei ontem, mas você ficou ainda mais linda com esses cabelos curtos e loiros.

— Obrigada. — Seu sorriso é lindo, acabo beijando-a. — Vamos nos atrasar para ir trabalhar.

— Já que não estamos de folga, então, vamos ao trabalho.

Saímos de mãos dadas, com olhares apaixonados. O dia está lindo apesar de nublado. Abro a porta do carro e não me canso de olhar para ela. Será que estou mesmo vivendo essa felicidade plena? Ou estou sonhando?

Chegamos ao seu apartamento, apesar de pequeno, é aconchegante e parece muito com ela. Enquanto ela toma banho e se arruma, fico na sala e observo algumas fotos espalhadas pelo local. Deduzo que sejam seus irmãos, ela me falou que são os que a apoiaram quando ela mais precisou.

— Vamos Dani? Estou pronta. — Ela chega à sala, linda, dá até vontade de jogá-la no sofá e fazer amor ali mesmo, mas não temos tempo e afasto este pensamento.

— Esqueci-me de falar meu anjo, hoje à noite não poderei te ver. — Faço uma carinha de cão sem dono — Meu plantão é de vinte e quatro horas.

— Eu também não posso faltar à aula outra vez — diz fazendo beicinho — Já faltei ontem e como falta pouco tempo para concluir, não é bom que eu falte mais.

— Vou sentir saudades meu anjo. Acostumei-me facilmente com você dormindo ao meu lado.

— Que fofo, Dani, mas agora vamos porque não quero levar bronca no serviço.

— Promete que me liga quando chegar em casa?

— Prometo *doutor*. — Morde o canto inferior dos lábios, essa atitude me deixa louco. Imprenso-a na parede e beijo-a com ferocidade.

— Agora vamos, não quero ser o causador de uma bronca no trabalho.



Deixo-a no trabalho e sigo para o meu. O hospital hoje está uma loucura, na hora do almoço sento-me a mesa com Fabiany, que a propósito é minha ex, namoramos por dois anos, mas decidimos terminar amigavelmente.

— Oi Dani. — Ela me abraça e beija meu rosto. — Quanto tempo, hein?

— Pois é Fabiany, continuo com meus plantões noturnos, só que agora pretendo diminuir a quantidade ou migrar para o dia.

— Fico muito feliz em ouvir isso, você realmente trabalha muito. — Vejo que o brilho em seu olhar mudou um pouco, depois que falei que pretendo diminuir meu ritmo de trabalho.

— E você Fabiany, o que está fazendo da vida fora do hospital?

— Minha vida está mais parada do que Saci de patinete. — Gargalhamos de sua piadinha.

— Que isso, hein? Você precisa de diversão menina.

— Olha só quem fala! O senhor trabalhador da noite, que passa a vida nas baladinhas hospitalares.

— É, você tem mesmo razão, mas agora tenho um motivo para diminuir meu ritmo — pronuncio sem pensar, estou tão feliz por reencontrar Elô que até me esqueço de que Fabiany é minha ex e pode não gostar de minha confissão.

— É mesmo? — Vejo que ela ficou um pouco interessada — Ela deve ser mesmo muito especial, para fazer você mudar seu ritmo.

— Desculpe Fabiany, não falei para te deixar triste, apenas não me contive e acabei falando.

— Ah, deixa disso, não estou triste. É apenas impressão sua.

Muda de assunto e voltamos a conversar normalmente.

— Dê um abraço em sua namorada por mim, pelo menos ela foi capaz de chegar onde eu não pude.

Fabiany sai e não tenho nem tempo para responder. Bem, deixa para lá.

Depois de um exaustivo dia de trabalho, no fim da tarde, Elô me liga:

— Oi Dani, atrapalho? — pergunta meio receosa.

— Claro que não meu anjo, você nunca irá me atrapalhar.

— Você fala isso agora, quero só ver quando eu começar a ficar grudenta igual chiclete barato se você vai falar a mesma coisa.

— Vou contar os dias para que você fique assim.

Ficamos ao telefone por uns dez minutos, quando batem à minha porta.

— Só um instante Elô, estão batendo em minha porta. — Enquanto ela

me aguarda de volta peço que a pessoa entre.

— Oi Dani, só passei para me despedir de você meu gato — Fabiany fala, e dá ênfase ao gato, quando percebe que estou com o telefone nas mãos.

— Ah, está bem Fabiany, bom descanso para você. Só um instante. — Vou encerrar a ligação com Eloíse antes que a Fabiany me deixe em maus lençóis. — Meu anjo, boa aula para você, mais tarde te ligo para ver se chegou bem em casa.

— Obrigada Dani, vou aguardar sua ligação. Um beijão para você.

— Outro enorme, meu anjo, até mais. — Encerro a chamada. — O que você estava dizendo Fabiany?

— Só vim mesmo me despedir Dani e dizer que adorei rever você. Boa noite. — Me abraça e beija meu rosto.

Depois que ela se foi não aconteceu nada de anormal, só fiquei com uma pulga atrás da orelha. Fabiany parecia meio estranha, será que ela tinha alguma esperança de um dia voltarmos? Pode ser somente cisma minha, mas sempre que eu estiver em um plantão com ela, ficarei atento.

À noite liguei para meu amor, sim, Eloíse é meu amor desde o momento em que a vi pela primeira vez já tinha esta constatação, só não tinha coragem para admitir. Em poucas horas que a reencontrei, já consigo almejar um futuro ao lado dela, dormindo e acordando juntos, com nossos filhos correndo pelo quintal de nossa futura casa.

— Oi, meu amor! Senti saudades — falo quando atende.

— Eu também Dani.

— O que foi, aconteceu alguma coisa? — pergunto achando sua resposta meio estranha.

— Nada! Não aconteceu nada Daniel. — Eita, o que será que aconteceu, hein?

— Elô, você está estranha e é fato, agora o porquê eu ainda não sei, mas vou descobrir. — Ela fica muda do outro lado. — Elô, meu amor, você ainda está aí?

— Sim, estou — Suspira — Desculpa Dani, é que... Acho que fiquei com ciúme de você e nem sei se tenho esse direito.

O sorriso que estampo no rosto é largo e sincero.

— Mas é claro que você tem esse direito meu amor, eu mesmo ficaria morrendo de ciúmes se um babaca chegasse perto de você, meu amor.

— É que eu nem vi nada e já estou assim, imagina se eu vir algo? Apenas escutei parte de sua conversa com sua amiga, pelo menos acho que seja uma

amiga, e isso me corroe a aula toda.

— Não se preocupe meu amor, ela não significa nada para mim.

Depois disso falamos como foi nosso dia e ela me disse que estaria de folga no dia seguinte. Combinamos de fazer um passeio no shopping e pegar um cineminha à tarde. Após desligar, enfrento uma cirurgia de emergência, que durou até as seis da manhã.

Chego a minha cobertura, tomo um banho e mando uma mensagem de bom dia para meu amor. Aviso-a de que vou cochilar até o meio dia e depois passo em sua casa para pegá-la.



Capítulo 12

Eloíse

Eu sei que ele ainda não me pediu em namoro, mas poxa, estou me corroendo por dentro. Nunca senti ciúmes na vida. E como sei que é? Vou explicar, sabe aquela boa história de que fica um anjo falando coisas boas de um lado e um capetinha do outro somente alimentando seu ódio e insegurança? Pois é, passei a aula inteira nesse dilema se falava para ele ou não, nem sei quais matérias tive hoje, mas sei que no dia da prova vou ter que me esforçar pra lembrar o conteúdo.

Às vezes acho que estamos apressando as coisas, mas em outras penso o quanto já sofri. Então acredito que devo aproveitar sim as oportunidades boas que a vida me concede. E com Daniel me sinto viva, sinto que sou a Eloíse que sempre almejei ser, a pessoa segura e decidida que sempre quis em mim. Com ele me sinto leve, solta e desinibida.

Quando ele desligou para falar com *a outra* me subiu um ódio jamais sentido, queria estar lá para mostrar a ela que ele já tem dona. Quanta possessão, não é? Nem eu mesma sabia que nutria esse tipo de sentimento.

Descobrir-me uma mulher possessiva é totalmente novo para mim, com Reinaldo nunca senti nenhuma sombra de nada parecido com isso. Quando Daniel me ligou à noite, não consegui disfarçar, sou uma mulher muito transparente e acabei falando dos meus sentimentos nada bacanas, ele pelo visto se sentiu nas nuvens, pelo seu tom de voz dava pra saber.

Depois que desligamos percebi o quão imatura estava sendo, em menos de dois dias juntos, já fazendo ceninha. Caí na cama gargalhando de minha tolice, e foi assim que adormeci.



Acordei bem cedo, pois tinha que arrumar a casa e lavar as roupas. Só tenho uma folga na semana e hoje é domingo, o dia parece ainda mais curto. Daniel me enviou uma mensagem de bom dia, achei tão lindinho, não vou responder porque ele pode já estar dormindo e não quero atrapalhar seu sono, afinal de contas, ele trabalhou vinte e quatro horas seguidas.

Arrumo a casa e lavo as roupas em um tempo recorde, dá até tempo de fazer uma hidratação nos cabelos e pintar as unhas. Quando Daniel chega, estou quase pronta, só falta colocar os brincos e calçar as sandálias.

— Uau! Serei o homem mais invejado do shopping hoje. — Agarra-me de um jeito possessivo e beija-me enlouquecidamente.

— Que saudade eu estava de você. — Retribuo o abraço e o beijo.

— Acho melhor irmos logo, alguém aqui anda com mais saudade do que eu. — Faz cara de santo enquanto caio em uma gargalhada.

— Só falta eu colocar os brincos e calçar as sandálias.

Quando estou totalmente pronta, ele me olha e diz:

— Você está tão linda Elô, não me canso de te admirar.

— Estou tão simples Dani, para de me deixar envergonhada.

Estou usando um vestido salmão, folgado e confortável, já as sandálias é outra história. Salto agulha altíssimos e sem conforto algum, mas adoro usar saltão, talvez seja por eu ser baixinha, agora que sou livre, abuso dos saltos. Almoçamos juntos pela primeira vez, Daniel foi muito atencioso e me falou sobre sua ex, a mesma fulaninha que estava conversando com ele ontem.

— Namoramos por dois anos, mas não tínhamos essa química que eu e você temos, sabe? — Controlo meu ciúme, se ele está me contando é porque quer que eu confie nele.

— Sei Dani, se não quiser falar sobre ela, tudo bem.

— Eu quero falar meu amor. Quero deixar bem claro para você que não sou homem de ficar com uma e outra. Quando assumo um compromisso, me doo à pessoa e quero o mesmo retorno de volta.

— Tudo bem, então me conte sobre sua *amiga*. — Não deixo de ser sarcástica ao dizer a palavra amiga.

Ele sorri e continua.

— Adorei descobrir esse seu lado *ciumentinha*. — Aperta minha bochecha. — Então, Elô, eu conheci a Fabiany quando eu fazia residência médica no hospital *Pront Atende*. Lá atendemos todos os tipos de casos que você possa imaginar e a Fabiany fazia residência médica em dermatologia. — Escuto-o sem interrompê-lo. — Os dois primeiros anos foram apenas amizade, eu não tirava você da minha cabeça. Mas certo dia, envolvemo-nos e começamos a namorar, porém eu sempre fiz plantões noturnos e ela diurno, raramente trabalho durante o dia. E isso foi esfriando nossa relação, então resolvemos terminar e seguirmos como amigos. E ontem a reencontrei depois de alguns meses sem saber nada sobre ela.

— Nossa! Então, você está na semana dos reencontros. — Tento fazer piadinha.

— Mas meu melhor reencontro foi você meu anjo. — Segura minha mão sobre a mesa e beija os nós dos meus dedos. Apenas olho-o admirada sem nada a dizer. — Agora quero saber um pouco sobre como foi sua fuga do Mato Grosso do Sul a São Paulo?

— Bom, já te falei que meu irmão me ajudou muito quando cheguei aqui, não é? — assente ainda segurando minha mão — Então, o primeiro passo foi arrumar um emprego, em seguida prestei vestibular e passei. Meu irmão me ajudava financeiramente nas mensalidades da faculdade, mas ainda assim trabalhava em minhas horas vagas em bares, festinhas e baladas, principalmente aos finais de semana. Um dia vou pagar meu irmão toda ajuda que ele me deu e ainda me dá.

— E sua irmã? Lembro-me que na época era a única em que você podia confiar.

— Ah, Hellen é um doce de menina, saiu de casa aos dezoito anos, arrumou um emprego e hoje cursa psicologia. Sempre que dá conversamos por telefone.

— Ela ainda mora no Mato Grosso do Sul?

— Sim, porém, não na mesma cidade de antes. Nossos pais não lhe davam sossego, tentando me encontrar. Para eles eu fui a pessoa ruim da história — respondo melancolicamente.

— Jamais pense isso meu amor. Você é uma sobrevivente de maus tratos, ele era o mau. Foi ele quem não valorizou a jóia preciosa e rara que tinha nas mãos e felizmente eu sou grato por isso. Se ele fosse um bom marido, talvez eu jamais conhecesse você.

— Você tem razão, Dani. — Sorrio lisonjeada e emocionada com sua confiança em mim.

— Agora vamos dar uma voltinha no shopping antes da nossa sessão no cinema — diz e sai me arrastando pelo shopping.

Vejo um vestido lindo em uma vitrine e paramos para observá-lo.

— Lindo, não é? — Daniel olha-me atentamente. — E é a sua cara.

— Ficou maluco, olha só o preço disso? — Assusto-me ao olhar o valor. — Não cabe em meu orçamento.

— Posso te dar de presente, que tal? — insiste.

— Nem no sonho meu doutor delícia, nada de presentes sem um motivo especial, combinados?

— Poxa, se não posso dar um presentinho para minha namorada, o que farei da vida então? — Faz uma carinha tão linda que quase me convence.

— Namorada? — Arregalo os olhos surpresa.

— Ainda não fiz um pedido formal, mas para mim você é minha NAMORADA. — Para cada sílaba, ganhei um selinho na boca.

— Meu namorado. — Coloco a mão no queixo — Gostei disso meu doutor delícia.

— E eu adorei esse *apelidinho*, meu amor.

Ele se esquece do vestido e continuamos nosso passeio. Quando deu a hora de nossa sessão caminhamos rumo ao cinema. Na fila tivemos uma surpresa, a ex dele estava lá com mais duas amigas para assistir o mesmo filme que nós, uma coincidência não muito agradável.

E aquele momento constrangedor nos abraçou. Ela não podia ser um pouco menos bonita, não? Fico insegura, ainda mais quando ela abraçou meu namorado.

— Oi, Fabiany! Parece que agora vamos nos encontrar em tudo quanto é lugar, hein?

— Dani. — Ignora-me e parte logo para o abraço ao meu namorado. — Puxa que legal te encontrar aqui. — Finge que nem estou presente. — Lembra-se da Lari e da Jú.

— Oi, Dani! — Elas o cumprimentam em uníssono.

— Claro que sim. Oi meninas. Então Fabiany, essa aqui é minha namorada Eloíse, Elô essa é minha amiga Fabiany.

— Prazer Fabiany. — Tento ser bem-educada, mas essa aí não me desceu de jeito nenhum, prevejo encrenca só de olhar para ela.

— Quanta modéstia Dani, eu sou sua ex-namorada. — Não disse, olha aí ela tentando marcar território, não gostei nada disso e não consegui disfarçar.

Daniel também ficou meio sem graça, mas deixamos o assunto de lado. Entramos no cinema e ocupamos nossas poltronas, ainda bem que não era perto da dela e estávamos mais atrás.

— Desculpe-me pela Fabiany, Elô, mas eu não esperava esse tipo de comportamento por parte dela, já faz mais de um ano que terminamos e ela jamais agiu assim.

— Tudo bem Dani, você não teve culpa, vai ver ela ainda tinha esperança de vocês voltarem e agora, represento um risco enorme para ela.

— Agora vamos esquecê-la, porque quero namorar no escurinho do cinema. — Começa a me beijar e a passar as mãos por todo meu corpo.

— Daniel seu maluco, as pessoas podem nos ver! — Assusto-me.

— E daí? Quero que você vivas muitas primeiras vezes e todas ao meu lado.

Sorrio e começo a retribuir os beijos e carícias. Comemos pipoca, tomamos refrigerante e namoramos muito o filme todo, se alguém me perguntar algo sobre o filme, não serei capaz de falar nem uma palavrinha sobre.

— Preciso ir ao banheiro Dani — peço quando estamos saindo do cinema.

— Eu também vou Elô! Quem sair primeiro espera ao lado do bebedouro.

— Certo. — Dou-lhe um beijo e sinto que estou sendo observada, olho para os lados, mas não reconheço ninguém. Banheiro feminino pós-filme é uma loucura, a fila está enorme. Sinto um calafrio por meu corpo, mas apenas o ignoro. Quando saio de minha cabine, o banheiro está quase vazio. Lavo minhas mãos e de repente alguém aperta meu braço.

— O que é isso? Ficou louca? — Viro-me e vejo a *vacaranha* da amiga do Daniel.

— Louca é você! Conheço bem seu tipinho, com essa cara de sonsa, roubou meu homem, mas não deixarei barato!

— Se eu tinha alguma dúvida de que você é louca, agora a certeza bateu com tudo por aqui. Não roubei nada.

— Isso, faça piadinha. Fique sabendo que vou lutar para reconquistá-lo novamente. Daniel ainda será meu.

— Eu nem vou ficar aqui discutindo com você! Que provavelmente tem experiência em fantasiar loucuras. Daniel escolhe quem ele quiser, e se está comigo, foi porque ele mesmo quis. — Defendo-me.

— Veremos sonsinha. Veremos.

Saio do banheiro tremendo de raiva. Quem essa sem noção pensa que é? Foco Eloíse, foco. Não preciso me amedrontar.

— O que houve Elô? — Sou tão transparente que ele já sabe que algo aconteceu comigo.

— Não foi nada. — Desconverso. — Vamos?

— Como assim não foi nada meu amor? — Passa as mãos pela lateral dos meus braços. — Você está tremendo e gelada. Aconteceu algo naquele banheiro? — Aponta para a porta.

Abraço-o e caio em prantos.

— Só me abraça Dani... Só me abraça, por favor!

Ele faz exatamente o que eu peço, me aconchega nos braços, afaga meus cabelos e beija o topo da minha cabeça. Quando me acalmo, afasto-me um pouco e lhe dou um sorriso tranquilizador. Acho estranho que a vaca amiga dele ainda não tenha saído do banheiro, provavelmente está vendo toda a cena pela fresta da porta.

— E aí meu amor, vai me falar o que aconteceu? — Daniel está visivelmente apreensivo, e acho justo que ele saiba, falei tudo sem omitir nem uma palavrinha.

— E foi isso que aconteceu. — Aperto os lábios e seguro as lágrimas que teimam em querer rolar.

— Vou entrar lá e colocá-la em seu devido lugar agora mesmo! — Ele fica indignado com meu relato.

— Não precisa Dani, ela provavelmente quer isso mesmo, chamar sua atenção. Vamos ignorar e pronto.

— Como nunca vi esse lado da Fabiany? — sua pergunta é mais para si do que para mim.

— Ela não tem cara de que faz esse tipo de coisa, mas fez e isso me abalou um pouco. Vamos embora?

— Vamos meu amor. Vou mimar você para que este incidente seja esquecido. Prometo te proteger e cuidar de você.

— Obrigada por estar comigo — minha voz sai embargada.

— Sempre estarei com você meu amor.

Beijamo-nos ali mesmo, em seguida vamos embora em direção à sua casa.



Capítulo 13

Daniel

Ah, mas a Fabiany ainda vai me escutar! Oh, se vai! Quem ela pensa que é para ameaçar minha namorada? Falando nisso, ainda não fiz um pedido formal, vou tratar logo de consertar esse erro.

— Elô, me espera aqui na sala, tenho uma surpresa para você. — Meu sorriso de menino travesso está presente neste momento.

— O que você vai aprontar meu doutor delícia? — pergunta passando suas unhas em cima da minha camiseta tentando me desconcentrar.

— É surpresa meu amor, só digo uma coisa: É algo muito bom.

Sorrimos e ela senta no sofá para me esperar. Vou ao banheiro da minha suíte e pego as velas aromáticas que estão guardadas no armário. Encho a banheira e coloco sais de banho e pétalas de rosas desidratadas na água.

Um banheiro não seria o melhor lugar para pedir alguém em namoro, mas não me importo. Farei *da ocasião o ladrão*.

— Prontinho meu amor. — Volto à sala e lá está ela, sentadinha no sofá. — Vou tampar seus olhos e na hora certa você verá a surpresa.

Conduzo-a ao banheiro e quando entramos, tiro as mãos dos seus olhos.

— Em minha cabeça, você já é minha namorada — ajoelho diante dela e ela faz um “o” com a boca —, mas preciso fazer um pedido formal. Eloíse, meu amor, você aceita ser minha namorada?

— Daniel... — Sua voz sai em sussurro. Acho que ela dirá sim, mas ainda assim fico apreensivo, ainda mais pelo o que aconteceu hoje no shopping.

— Elô você só tem duas opções meu amor, é *sim ou sim*. — Brinco pra descontrair.

— Não pressiona está bem? Deixe-me pensar direitinho! — Começa a rir, deixando-me ainda mais apreensivo. — Hum, quais são minhas opções mesmo?

— Sua descarada! É sim ou sim! — Continuo ajoelhado no chão aguardando a sua resposta.

— Com certeza, é aceitável? — pergunta mordendo o lábio inferior.

— Elô, você está querendo me matar! — Levanto em um rompante e imprenso-a na parede e a beijo com fervor. Levanto uma de suas pernas que se encaixa em meu quadril. — Minha namorada.

— Meu namorado. — Gargalha. — Adorei como soa bem em meus lábios. Meu namorado. — Repete.

Tiro nossas roupas o mais rápido que consigo e entro com ela na banheira. Sento-me atrás dela e começo a beijar a parte de trás de seu pescoço. Ela geme e se aconchega mais em mim.

— Quero fazer amor com você aqui nessa banheira.

Ela vira de uma vez espalhando água para fora da banheira e me assustando.

— Não uso nenhum método contraceptivo, Daniel. — Olha-me como se estivesse se sentindo culpada. — Não esperava arrumar um namorado tão cedo. — Morde o lábio inferior deixando-me ainda mais louco de tesão por ela.

— Tudo bem meu amor, não se sinta culpada por isso. — Mordisco seu lábio inferior, arrancando gemidos de sua garganta. — Cuidaremos disso.

Após o banho vamos para a cama, coloco um preservativo e fazemos amor loucamente, nos doando um ao outro. Dormimos de conchinha e em paz.



Semanas depois

—Dani, que bom te ver novamente no plantão diurno. — Encontro com Fabiany pelos corredores do hospital. Ainda não me esqueci do que ela fez com Eloíse.

— Oi, Fabiany! — Afasto-a de meus braços e ela fica visivelmente sem graça, outras pessoas nos observam.

— O que houve querido? Por que está me tratando assim?

— Não se faça de desentendida, Fabiany! Sei bem o que você fez com minha namorada no banheiro do shopping. — Vou direto ao ponto. — Saiba que não gostei de saber que você a ameaçou.

— Ficou maluco, Dani? Nem vi mais sua namorada depois que conversamos na fila de entrada para o cinema. — Ou ela mente muito bem, ou então, não foi intencional o que ela disse a Elô, apenas foi interpretado de forma errada. — Poxa vida! O que fiz para merecer sua desconfiança? — Faz biquinho e acabo cedendo um pouco.

— Vamos deixar isso para lá Fabiany. Só peço que quando a encontrar novamente, isso não se repita. Eloíse é muito importante para mim, e saiba que

não medirei esforços para defendê-la e fazê-la feliz.

Fabiany fica visivelmente revoltada, mas nada diz. Prevejo uma guerra ali. O resto do plantão foi tranquilo, vi Fabiany no refeitório do hospital, mas ela ainda estava magoada comigo e não se aproximou mais, também não fiz questão alguma de me aproximar. No plantão noturno, apareceu uma moça que tinha sido agredida por seu companheiro. Um filme se passou em minha mente.

Lembrei instantaneamente de Eloíse na primeira vez em que a vi. Meu coração se apertou, e a vontade que tive foi de chorar, mas minha posição quanto a ser médico me impedia de agir assim. Vesti minha armadura e fui fazer meu trabalho.

Não atendi a moça, há tempos atendia somente em minha área. Mas isso me perturbou a noite toda e acabei enviando uma mensagem para Elô:

Quando estou longe de você às horas não passam, o tempo parece se congelar. Queria estar aí ao seu lado, com você deitada em meus braços enquanto te faria um carinho gostoso e aquela massagem... Saudades de você Elô...

Sempre seu, Dani.

Enviei sem esperar por retorno, mas para minha surpresa, meu telefone toca imediatamente. E meu sorriso bobo aparece na face.

— Alô meu amor? — atendo ao primeiro toque.

— *Agora está explicado o porquê não consigo dormir.* — Sorrio e me acalma. — *Meu doutor delícia está pensando em mim.*

— Pensando, morrendo de saudades e contando os minutos para te ver... — Minha voz sai baixa, rouca e cheia de desejo.

— *Dani, essa atração que sentimos é tão forte que às vezes me causa certo medo...* — Sinto sua apreensão.

— Não tenha medo meu amor, nosso sentimento é recíproco. — Tenho medo de declarar todo o meu amor e assustá-la ainda mais. — Eu cuidarei de você enquanto você precisar de mim.

— *Eu queria você aqui agora, comigo* — Fala cheia de manha.

— Deus sabe como eu gostaria de estar aí agora. Mas, não se preocupe, vou direto pra seu apartamento meu amor. Essa noite será recompensada.

— *Adoro quando você promete que vai me recompensar...*

— E eu vou cumprir meu amor.

— *Até mais meu bem, e Dani...*

— Diz meu amor? — Seguro o ar quando ela me chamou assim.

— *É... nada não. Bom trabalho e até daqui a pouco.*

— Até mais meu amor. — Meio decepcionado encerro a ligação. Sinto que ela tinha algo importante para me dizer, mas resolvi não insistir.

Ao entrar no estacionamento do hospital vejo algo estranho em meu carro.

— Que merda! — Chuto o pneu quando me aproximo mais. — Ai, que merda! Nem no meu local de trabalho tenho sossego!

O pára-brisa do meu carro está quebrado.

— Não é possível que ninguém tenha visto isso, só pode ser brincadeira. — Nervoso, vou de encontro ao porteiro e começo a questionar. O coitado que acabou de pegar serviço provavelmente nem deve ter percebido o ocorrido.

— Perdão Doutor Daniel, eu acabei de chegar e ainda nem deu tempo de fazer minha ronda diária, mas podemos verificar o que houve através do sistema de filmagens.

Muito puto, me contendo, afinal de contas o coitado nem teve culpa. Ele me chama para entrar em sua cabine, e para meu azar, meu carro está localizado exatamente em um ponto onde a câmera não alcança.

— Ah, não acredito nisso! — Esbravejo entre dentes. — Não tem outra câmera? De outro ângulo?

— Infelizmente doutor, em todos os pontos essa vaga não é vista. — O porteiro fala meio receoso.

— Tudo bem, que sirva de lição para que eu não a use mais. Vou entrar em contato com meu seguro, não posso ir nem até a esquina com o carro dessa maneira.

Saio da cabine e já entro em contato com minha seguradora, que graças a Deus é muito eficiente e bem paga e quase não preciso usar. Pegam os meus dados bancários e os do carro para que a franquia seja descontada e não tardam a chegar. Enquanto estão a caminho, registro o boletim de ocorrência pelo meu notebook que sempre carrego na pasta.

Apesar de ter sido razoavelmente rápido, perdi cerca de uma hora, do momento em que vi o pára-brisa que brado até que saí pelo portão da garagem, acenando para um porteiro um tanto sem graça pelo ocorrido. Isso, posteriormente será relatado aos diretores do hospital. Onde já se viu alguém entrar e sair do estacionamento e não ser visto?

Algo começa a me deixar intrigado no caminho para a casa de Elô. Como alguém quebra o vidro de um carro e não leva nada que estava em seu interior? Aí tem coisa, e não vou sossegar até descobrir quem fez essa gracinha.

Meu telefone toca e é a Elô, mas não atendo por já estar quase chegando.

Ela deve estar preocupada, mas estou muito nervoso para falar ao telefone agora enquanto ainda dirijo. Chego ao seu apartamento e entro com minhas chaves. Elô está na sala com o telefone na mão e pula em meus braços quando me vê.

— Daniel, você demorou hoje! — Passa as mãos por meu corpo, apalpando procurando por algo fora do lugar, acho graça e começo a sorrir, dissipando a raiva que sentia antes de vê-la.

— Calma minha princesa, está tudo bem. Foi apenas um contratempo com o carro. Coisa fácil de resolver.

Ela enlaça suas pernas em minha cintura e me dá uma bronca.

— Custava ligar avisando? — sua voz apesar de baixa, sai cheia de preocupação.

— Me perdoa, mas pensei que estivesse dormindo, já que hoje é sua folga.

— Sabe que gosto de acordar cedo para arrumar a casa e cuidar das roupas.

— Elô, vem morar comigo? — Quando vi já tinha falado.

— Você sabe que gosto do meu cantinho, eu não sei se me adaptaria a outro local.

— Pensa com carinho, não vou tirar sua liberdade jamais. Meu apartamento é enorme, sinto-me tão triste e solitário quando não está lá comigo.

— Faço carinha de menino pidão, e vejo algo reluzir em seu olhar.

— Não sei não... Gosto de ficar aqui com as coisas que conquistei aos poucos.

— Você pode levar o que quiser, e outra coisa, podemos manter esse apartamento aqui fechado enquanto você faz um teste. Que tal? Só não me deixe só.

Sorrimos e nos beijamos, matando um pouco a saudade.

— Prometo pensar no assunto. — Sai do meu colo. — Agora, vou fazer aquele café delicioso de boas-vindas para você meu amor.

La saindo, mas a seguro com cara de bobo.

— Repete o que disse — minha voz sai rouca.

— Que vou fazer um café? — pergunta toda inocente, acho que nem ela percebeu o que disse.

— Não, a parte final. — Ela para, pensa e fica vermelha, passa os dedos pelos botões da minha camisa e quando me olha diz o que pedi.

— Meu amor? É exatamente o que você é para mim, o meu amor...

— Desse jeito vamos pular o café da manhã, Elô. — Agarro-a e beijo-a com ardor e muito amor, quase a deixando sem fôlego.

— Obrigado, Elô.

— Pelo quê? — pergunta-me.

— Simplesmente por existir em minha vida, por ser exatamente quem você é.

— Eu quem deveria agradecê-lo. Graças a você meu mundo tem cor, meus dias não são mais monótonos. — Beijamo-nos mais uma vez antes que eu a solte.

— Enquanto você faz aquele nosso café delicioso eu vou tomar um banho e tirar essa roupa de hospital meu amor. — Minhas emoções estão à flor da pele. Ando tão louco por ela que ter Elô a distância não está sendo legal. A convidei para morar comigo, pois tive medo de pedi-la em casamento e ser precipitado demais.

Com esse pensamento, sigo para o chuveiro.



Capítulo 14

Eloíse

Preparo uma mesa com pães, frios e frutas enquanto aguardo Daniel voltar do banheiro e a água estar no ponto de coar o café. Daniel volta quando estou colocando a garrafa na mesa.

— Hum, que cheirinho delicioso. O que fez de bom pra comermos?

— Nada muito elaborado, mas que com certeza matará sua fome.

— Tenho fome de outra coisa, agora que sei que sou seu amor, a fome triplicou. — Beijamo-nos como dois adolescentes, quando estamos juntos este é o resultado, sempre agarrados e aos beijos.

— Então vamos tomar esse café antes que esfrie. — Desconverso saindo de seus braços e sentando-me ao seu lado.

— Já chegou a uma conclusão sobre o que te pedi? — Arqueio uma sobrancelha.

— Sobre o quê? — Sei do que se trata, mas finjo não saber.

— Elô, vem morar comigo meu amor?

— Dani, vamos com calma, estamos pulando várias etapas do nosso namoro. Vamos curtir cada instante antes de tomarmos uma decisão final. — Levanto-me de minha cadeira e sento em seu colo. — Vamos deixar as coisas acontecerem naturalmente.

— Tudo bem por hora, mas saiba que ainda não desisti. — Dá um selinho e volto para minha cadeira ao seu lado.

Conversamos sobre nosso dia anterior enquanto tomamos nosso café, depois vamos para a sala e começamos a assistir a um filme, grudadinhos no sofá, trocando carícias e cafunés. Daniel começa a cochilar ao meu lado e acho engraçado.

— O Super Doutor precisa descansar um pouco. — Tiro sarro de sua cara e, ele sorri com apenas um olho aberto.

— Estou mesmo muito cansado, se importa se eu cochilar um pouco?

— É claro que não. Se bem o conheço, provavelmente não descansou nada no plantão de ontem.

— Você me conhece muito bem meu amor. Não consigo descansar direito sabendo que um paciente pode estar precisando de meus cuidados.

— Você é um fofo. — Ele faz uma careta e gargalho.

— Fofo, é? Vou te mostrar o que mais tenho de fofo. — Começa a fazer cócegas em minha barriga. Não sei se grito ou se sorrio.

— Chega Dani, por favor, chega! — Contorço-me em seus braços.

— Ainda me acha fofo, senhorita Eloíse? — pergunta já abrandando a cócegas.

— Nem um pouco, você é meu Shrek. — Gargalho agora pela comparação.

— Não sei o que é pior! Ser considerado como um fofo ou um ogro? Francamente estou sem moral nenhuma aqui. — Finge estar decepcionado.

— Ah, Não faz essa carinha, eu o deixo escolher.

— É muito descarada para meu gosto.

Daniel me pega no colo e seguimos para o quarto. Ele deita-me delicadamente na cama e começa a beijar minha boca, depois faz um caminho por meu lóbulo da orelha esquerda e pescoço. Enquanto sua mão acaricia um seio por sob a roupa.

Geme enrouquecido em meu ouvido enquanto sua ereção encosta-se a minha virilha.

— Minha delícia! Quero provar todo seu corpo com minha boca. Levar-te ao paraíso enquanto goza gritando meu nome.

— Ah, Dani, por favor... — Remexo embaixo dele enlouquecida com o que fala, sussurrado em meu ouvido.

— Por favor, o quê Elô? — sua voz continua baixa e rouca, aumentando ainda mais meu desejo.

— Por favor... Por favor... — Levanto um pouco meu quadril de encontro ao dele e meu gemido sai ainda mais alto.

— Se não disser o que quer, não poderei atender ao seu pedido. — Afasta-se um pouco, deixando um espaço vazio em mim.

— Por favor, meu amor, tome-me em seus braços, faça-me mais uma vez a mulher mais feliz do universo— falo alto, cheia de desejo por meu namorado.

— Será um enorme prazer poder realizar todos os seus desejos. — Aí foi minha perdição, Daniel cumpriu cada promessa que me fez, me levou ao paraíso e ao inferno ao mesmo tempo. Deitamos suados, exaustos e satisfeitos, lado a lado. Rapidamente o sono nos pegou.



Minha semana estava sendo tranquila no serviço, até me deparar com Fabiany no restaurante e para meu grande azar, sua mesa pertencia a mim.

— Boa tarde. — cumprimento-as ao aproximar-me da mesa. A propósito ela está acompanhada de três outras mulheres e sorriam de algo dito.

— Estava boa até você aparecer. — Seu sorriso se vai, e não me intimido com isso. — Exijo outra atendente.

— Como quiser. — Retiro-me sem delongas e peço que outra garçonete atenda sua mesa. Para mim foi um alívio não olhar para aquela cobra peçonhenta.

Coitadas das cobras serem comparadas a esse ser horroroso por dentro, por que por fora eu tenho que admitir, a danada é linda. Mas como beleza não põe mesa, o que essa aí tem de bonita por fora, tem de podre por dentro. Atendo minhas mesas sem olhar em sua direção, achei até estranho ela não armar um escândalo em meu ambiente de trabalho.

Quando estou saindo do hotel, a caminho de casa, me deparo com Fabiany me esperando.

— Oi, Songa-monga, podemos conversar? — diz baixo para que somente eu a escute.

— Não temos nada para conversar Fabiany. — Há muito tempo não sou mais aquela moça que se calava, aprendi a usar minhas garras para me defender quando preciso.

— Ora, ora! Quer dizer que você já se esqueceu que está com meu homem? Porque ele vai se cansar de você e vai ser para meus braços que ele vai voltar quando isso finalmente acontecer. — Passa suas unhas bem pintadas de vermelho por meu braço, arranhando um pouco, mas não ao ponto de me machucar.

— Seu homem? Não me diga. Não conte muito com isso! — Também consigo ser sarcástica quando quero. — Se ele realmente quisesse você — olho-a com desdém —, não estaria comigo, não dormiria toda noite aconchegado em meus braços e não ligaria para mim toda vez que está de plantão no hospitale não diria que está morrendo de saudades de meus beijos e de meu corpo.

Vejo sua raiva resplandecer nos olhos que lampejam como fogo ardente.

— Aguarde e verá. Quando você não for mais novidade ele a descartará como tantas outras. — Continuou tentando me abalar, mas sem sucesso.

— Daniel não é assim. Ele não usa as pessoas, ele se doa pelos outros. É assim com os pacientes como também é em uma relação.

— Essa louca me arranhou! — Passa as unhas por seu pescoço e em seguida grita, atraindo a atenção de hóspedes e funcionários no hall do hotel.

— É mentira! — Tento me defender, mas dessa vez não obtive sucesso, pois suas amigas estavam a postos e a ajudaram com a farsa. E quem acreditaria em uma funcionaria diante de uma cliente? — Eu jamais faria uma coisa dessas. — Suplico ao gerente que se aproxima de nós.

— Eloíse, espere em minha sala. — O gerente nem me dá direito de resposta, já sai em favor da *bonitona*. Antes de eu sair ela ainda dá um sorrisinho com ar de vitória em minha direção.

— Isso não vai ficar assim Fabiany, vou provar que não fiz nada. — Saio do hall em direção ao escritório do gerente, que a propósito já deu em cima de mim inúmeras vezes.

Quando ele entra na sala, fecha a porta com chaves e isso me assusta bastante.

— Posso saber por que fez aquilo com nossa cliente? Saiba que ela é uma médica conhecida por todos — Repreende-me como se ele fosse o dono.

— Eu juro que não fiz nada Rubéns, foi ela quem se arranhou sozinha. Eu já estava indo para casa quando ela me interceptou no caminho.

— E acha que vou acreditar em você? — Arqueia uma sobrancelha. — Só há um meio de você não perder seu emprego — Responde com um sorriso diabólico na cara.

— Por favor, não posso perder meu emprego agora, estou finalizando minha faculdade. Basta verificar as imagens das câmeras. Não fiz nada a ela.

— Calma bonequinha — odeio ser chamada assim —, há um meio de você ficar no seu emprego — ignora totalmente minha sugestão quanto às câmeras —, com chances de ainda ser promovida para um cargo melhor. Você é muito linda para ficar nessa posição de garçonele aqui no hotel — sua voz me causa asco e arrepios nada bons. — Para começar, basta você fazer um boquete bem feito em mim, estou prontinho, te esperando. Aí seu emprego estará garantido bonequinha. — Sua cara é pavorosa, meu estomago embrulha, só tenho vontade de sair correndo desse lugar.

Nem em seus sonhos vou cair no seu jogo. Sei que homens como Rubéns são capazes de fazer coisas horríveis com uma mulher indefesa. Mas, ainda assim não vou deixar nenhum homem usar e abusar de mim nunca mais. Ele não seria capaz de me atacar aqui.

— Depois veremos quais outros servicinhos você está apta a fazer para subir de cargo — continua com a chuva de propostas indecorosas.

— Seu nojento, imundo e asqueroso, saiba que prefiro ficar desempregada a sujeitar-me a esse tipo de *serviço*. Você pode e vai ser processado por assédio sexual e moral, seu porco imundo. — Ele levanta e vem em minha direção e isso faz com que eu me mantenha em retaguarda.

— É mesmo, sua putinha, e quem é que vai acreditar em você? Todos no hall viram o que você fez à nossa *cliente*. Acha mesmo que tem alguma credibilidade por aqui?

— Não encoste em mim! — falo alto, o suficiente para ser ouvida do corredor. Ele tampa minha boca, e faz uma ameaça.

— Não acho bom você ficar gritando. Posso fazer o que quiser com você que ninguém ficará sabendo bonequinha. Sei que você é sozinha, não tem ninguém para se preocupar caso você desapareça.

— Aí que você se engana, eu tenho um irmão que me ama muito e me apoia... — Ele corta minha resposta.

— Ah, é! Esqueci, mas até seu irmão dar por sua falta, já estará em estado de decomposição debaixo da terra. — Sorri outra vez diabolicamente, assustando-me.

— Eu tenho um namorado que me espera neste momento em casa, e se eu não aparecer, com certeza virá atrás de mim. E saiba que ele não medirá esforços para me proteger.

— A putinha tem um namorado, então? Interessante. — Cala-se, mas não por muito tempo. — Já que você não quer seu emprego, então está despedida por agredir uma cliente do hotel. Sairá sem direito a nada.

— Como você quiser Rubéns — Apesar de estar com raiva, tento manter a calma, antes que *ele* piore minha situação.

— E se tentar me denunciar por assédio sexual, saiba que negarei tudo e colocarei os melhores advogados no caso, só para ter o prazer de vê-la perder.

— Não se preocupe Rubéns, isso não vai acontecer. Nada aconteceu aqui, não é mesmo? Já entendi seu recado. — Faço-me de dissimulada.

— Muito bem, é assim que se fala. — Passa por mim e abre a porta para que eu saia sem dizer mais nada.

Estou desnorteada com o que aconteceu hoje, caminho em direção ao ponto de ônibus, triste e cabisbaixa. Inconformada com essa situação. Isso não pode estar acontecendo. É injusto, sou inocente e mais uma vez tentam me prejudicar.

Vou voltar ao hotel e procurar pelo senhor Otávio. Ele é o dono do hotel e precisa saber o que seu gerente anda fazendo. Por mais que Fabiany seja uma

cliente, ela forjou o atentado e para isso, tenho as câmeras ao meu favor.

Volto apressadamente e entro pela entrada dos fundos. Não quero correr o risco de dar de cara logo com Rubéns. Vou à recepção e peço à atendente que me anuncie no escritório, peço que ela diga que é um assunto muito importante. Com a autorização sigo diretamente aos elevadores.

— Boa tarde, Flávia. — Cumprimento sua secretária.

— Olá, Eloíse. — Ela sorri e pega em minha mão. — O senhor Otávio está meio ocupado, você pode deixar o recado comigo que assim que der passo para ele.

— Tudo bem. — Conto tudo o que aconteceu, desde quando atendi Fabiany no restaurante até o desfecho catastrófico. — E achei um desaforo eu pagar por algo que eu não fiz.

— Que absurdo! — Flávia fica horrorizada. — Você trabalha aqui há anos e nada parecido já aconteceu com você e os clientes, pelo contrário, todos sempre a elogiam, não se preocupe, falarei com o senhor Otávio e entro em contato com você o mais breve possível. — Quando ela começa a falar, não para mais — Mas fique tranquila, ele é uma pessoa muito justa e não será conivente com coisa errada.

— Obrigada Flávia, vou indo então, não posso perder aula, estou quase concluindo o curso.

— Que bacana! Você está cursando enfermagem, não é mesmo?

— Sim, e estou adorando. Pensei que na metade do curso desanimaria, mas enfim foi uma escolha feliz.

— Isso é bom. É tão ruim fazer algo só por fazer.

— E eu não sei? — Viajo momentaneamente no tempo e lembro-me de minha vida sofrida, graças a Deus está bem longe, no passado. — Não se esqueça de me ligar. Tchau.

Saio pelo mesmo lugar por onde entrei, ando atenta para não ser vista por Rubéns. Chego ao ponto de ônibus bem na hora que minha condução está parada. Embarco e vou por todo o caminho, pensativa e indignada por Fabiany ter feito o que fez. Preciso tomar uma atitude, não posso deixar simplesmente assim. Mesmo que o senhor Otávio resolva minha questão no trabalho, ela me caluniou em frente aos meus colegas e hóspedes. Vou registrar um boletim de ocorrências contra ela. Antes que faça algo pior comigo ou que coisas piores virem contra mim.



Capítulo 15

Daniel

Não vejo Eloíse há alguns dias, ando trabalhando exaustivamente. Como meus plantões são na grande maioria a noite, só nos falamos por telefone. Quando ela sai para trabalhar estou saindo do plantão e quando ela chega em casa, já estou a caminho do hospital, e hoje a achei meio estranha e muito invasiva.

A desculpa que me deu é que está muito cansada e preocupada com a apresentação do TCC, mas sei que vai tirar nota máxima, tem se dedicado com extremo rigor, todo o tempinho que tem de sobra, lá está ela com a cara enfiada nos livros.

Fico com uma pulga atrás da orelha, acho que aconteceu algo e ela não quer me contar. Ainda bem que amanhã estarei de folga, vou tirar toda essa história a limpo. Ando pelo corredor quando sou parado por um paciente, que a propósito está visivelmente alcoolizado e alterado.

— Você é o médico, não é? — pergunta com sua voz engrolada.

— Sim, sou um dos médicos do hospital — respondo cauteloso, o mesmo está procurando por brigas, algo típico de bêbados.

— E posso saber por que ainda não fui atendido? — Cruza os braços e fica cambaleante, mal se segura em pé.

— Deixe-me ver se posso ajudá-lo. Preciso saber primeiro o que tem para direcioná-lo à ala correta.

— Ver é o caralho! — Emite inúmeros impropérios, alguns nem dá para distinguir. — Eu quero é ser atendido logo e ir embora descansar, estou no meu direito.

— Senhor, assim não poderei ajudá-lo. Respeite-me! — Uso uma postura mais rígida.

Ele vem em minha direção com tudo e tenta me agredir, esquivo-me, como está bêbado, sua tentativa é em vão.

— Chame a segurança, por favor! — grito por ajuda. Rapidamente o corredor fica lotado de curiosos, para ajudar aparecem poucos.

— O que está acontecendo aqui? — O clínico de plantão aparece e tenta me ajudar. O bêbado por sua vez continua com seu linguajar chulo. — Ah, pode vir aqui, vou priorizar seu atendimento — fala baixo para que somente eu escute

— Vou evitar problemas maiores e assim ele vai embora mais rápido e nos dá paz.

Vou à recepção e pego minhas fichas, chamo meus pacientes para a cirurgia. Ao passar pelo corredor novamente, escuto os gritos de socorro de meu colega de trabalho. Vou às pressas e entro em luta corporal com o paciente alcoolizado detendo-o.

— Cara você passou de todos os limites e perdeu sua razão ao agredir o médico que te atendeu — falo com uma raiva transparente na voz.

— Atendeu muito mal, nem atestado esse merda quis dar. — O folgado ainda exige como quer ser atendido.

Tento em vão conter o homem, que parece ter mais força do que aparenta. Com certeza, além do álcool ele ingeriu alguma droga. A segurança chega e junto comigo e Rafael tentam contê-lo, dessa vez com mais sucesso.

— Chamem a polícia, estão me agredindo. — O homem começa a gritar e mais curiosos aparecem. A essa altura a polícia já foi acionada.

— Não se preocupe, já chamamos sim e estão a caminho. — Sou bem sarcástico.

— Camarada você nem imagina com quem está mexendo. — Além de tudo ainda faz ameaças — Posso até ser preso, mas um dia eu saio e todos vocês vão pagar por essa vergonha que estão me fazendo passar. — Conseguimos amarrá-lo com algumas faixas que a enfermagem nos trouxe.

— Você não está em condição de ameaçar ninguém aqui! — O segurança o responde.

— Você vai ser o primeiro a levar na cara seu merda. — Ele nos ameaça sem medo.

A polícia não demora a chegar e relatamos o ocorrido. Mesmo amarrado o homem consegue se levantar. Fico abismado com a força que ele tem, não tem lógica, parece possuído. Ao se levantar vai de peito no policial que estava mais próximo. Como o segundo estava atento, lhe dá uma gravata e o domina. Rapidamente ele é algemado para que não repita a ação. E seus impropérios continuam disparados.

— Eu quero minha mãe. — Começa a chorar e bater a cabeça na parede.

— Agora você quer a mãe, não é? — O policial que lhe deu a gravata pergunta com ironia. — Daqui a pouco você vai encontrar a mãe cadeia, ela lhe dará uma boa lição.

— E acha que tenho medo de ser preso? Não tenho não! — Cospe no chão — Não será a primeira e nem a última vez.

— Então, você já está familiarizado com a cadeia. Para de reclamar porque você está sendo enquadrado por agredir o médico e um policial. Quer mais? Continue com seu show! — O policial está visivelmente aborrecido.

Por fim eles o conduzem à delegacia de plantão da polícia. Rafael foi junto para prestar depoimento e queixa. Tudo isso porque o paciente queria atestado de três dias.

Antes de ir para a delegacia atendo Rafael que teve um corte superficial no supercílio direito. O resto da noite passou como um borrão e dou graças a Deus pelo plantão ter chegado ao fim.



Chego a minha cobertura e encontro Eloíse dormindo em minha cama. Será que está de folga e não estou sabendo? O jeito é acordá-la para saber.

— Oi meu amor, perdeu a hora? — Sonolenta, abre os olhos e me dá um lindo sorriso de boas-vindas.

— Oi! Que bom que chegou. — Pula em meus braços. — Estava com tantas saudades de você que vim para cá. — Ronrona em meus braços.

— Não mais do que eu meu amor! — Aperto-a em meus braços e sinto que estou sufocado por não dizer que a amo. — Mês que vem farei menos plantões, aí passaremos mais tempo juntos. E a senhorita ainda não me falou se perdeu a hora ou se está de folga!

— É mesmo! — Relata o ocorrido no hall do hotel com Fabiany e o gerente. — Estou esperando Flávia me ligar. Teoricamente estou desempregada. — Faz uma carinha triste.

— Venha aqui meu amor. — Afago seus cabelos, então era por isso que ela estava sendo invasiva ontem — O que decidir terá todo meu apoio.

— Pois é eu só não registrei o boletim ainda porque estou esperando uma posição do Senhor Otávio, porque envolve indiretamente seu hotel.

— Indiretamente não! Pois aconteceu no momento em que você estava largando seu turno e dentro do hotel. Conhecendo-o bem como conheço, não ficará indiferente ao assunto.

— Vocês se conhecem? Não sabia. Espero que pelo menos ele fique ao meu favor. Não posso ficar desempregada a essa altura do campeonato. Preciso terminar de pagar a faculdade e o baile de formatura.

— Você pode contar comigo meu amor. Posso pagar o restante de sua

faculdade e quando você se formar e começar a trabalhar me paga, já que sei que não aceitará que eu pague por você.

— Já conversamos sobre isso Dani, gosto de ser independente, de poder pagar minhas contas com meu próprio salário. Depender dos outros para sobreviver não é algo que eu queira reviver.

— São situações completamente diferentes. Jamais faria com você o que aquele infeliz fez. — Sei que isso ainda a machuca.

— Não fique triste meu amor. Só quero poder caminhar com minhas próprias pernas e me sentir útil nessa vida.

— Não pense assim meu amor. Você é uma mulher batalhadora, guerreira e muito importante para mim. Se quiser ser independente, eu a apoio. O que não concordo é quando você recusa minha ajuda, mas tudo bem.

— Ótimo. Que tal aquele *banhozinho* quente para matarmos a saudade?
— Fala mudando de assunto passando um dedo do meu pescoço até minha virilha, que estava dormindo até então, mas já está bem desperto agora.

— Já estou tomando o anticoncepcional há dois meses. — Confidencia e solto fogos de artifício em comemoração.

— Isso quer dizer que podemos nos amar despreocupadamente na banheira?

Balança a cabeça sorrindo e sai correndo em minha frente a persigo até a ducha onde tomamos um banho demorado e fazemos amor sem proteção pela primeira vez.



Passei o dia anterior planejando minha surpresa para Eloíse, ela nem sonha que vou acordá-la de madrugada para isso.

— Ah, nem acabei de dormir, você está cheio de apetite hoje, hein? — Reclama quando tento acordá-la a todo custo. Mas nem que eu tenha que arrastá-la para fora de casa, ela vai nesse passeio surpresa.

— Levanta dorminhoca, apesar de estar louco para fazer amor com você novamente, desta vez estou te acordando para lhe fazer uma surpresa.

— Surpresa? — Olha pela janela e franze a testa? — Que horas são?

— São exatamente três da manhã — respondo com um sorriso travesso.

— O quê? — Ela praticamente grita em meus ouvidos? — E isso lá são horas de acordar alguém que mal dormiu para fazer surpresas? — Volta a se

deitar e coloca o travesseiro na cabeça.

— Nada disso mocinha! Se não levantar agora mesmo vou ser obrigado a usar outras táticas para te fazer ficar de pé.

— Que táticas? — Senta-se abruptamente na cama.

— Que tal a festa das cócegas? — pergunto balançando meus dedos e sorrindo em sua direção.

— Nem vem Dani. Pode ir se afastando, já me convenceu. — Levanta-se de um pulo só e corre para o banheiro emburrada. Quando ela vir o que lhe preparei, aposto que muda esta cara feia rapidinho.

Como o local onde será a surpresa fica um pouco longe, mais ou menos uma hora e meia se o trânsito estiver bom, não podemos demorar a sair, do contrário, perderemos o nascer do sol.

Ainda emburrada Eloíse sai do banheiro.

— Como não sei para onde está me levando, o que devo vestir? — Cruza os braços a marrentinha.

— Você fica uma graça mal-humorada. — Beijo-a com fervor e sinto-a amolecer em meus braços. — Pode vestir uma roupa leve, após a surpresa faremos um piquenique — tampo a boca — é o máximo que posso adiantar.

— Então já sei o que vestir — Ela sorri e se veste rápido.

Saímos de casa às três e quarenta da manhã e Eloíse está atenta a tudo, tentando a todo custo descobrir para onde estamos indo. Quando falta pouco para chegarmos ao local, paro no acostamento.

— A partir daqui preciso vender os seus olhos, meu amor, do contrário estrago a surpresa. — Peço carinhosamente.

— Sua sorte é que meu bom humor está de volta e como estou curiosíssima para descobrir o que é essa tal surpresa, vou deixar.

— Não vai se arrepender, meu amor. — Beijo-a e retiro do porta-luvas uma faixa escura para tampar seus olhos.

Passamos o restante do caminho cantando músicas e falando amenidades.

— Chegamos meu amor. — Paro o carro no estacionamento.

— Já posso tirar essa venda horrível? Está me dando claustrofobia. — Dramática essa minha namorada.

— Ainda não. — Seguro suas mãos antes que ela estrague minha surpresa. — Aguenta só mais um pouco, preciso descer e conversar algo antes que você desça. Promete me esperar sem trapaças?

— E desde quando te dei motivos para não confiar em mim? — Fala um pouco indignada.

— Nunca meu amor. Mas quando estamos curiosos com algo, às vezes a curiosidade fala mais alto. Não quis te ofender.

— Eu sei! Desculpe-me. Prometo ser uma boa menina e me comportar diretinho.

— Depois a recompensa vem meu amor.

Beijo-a e sigo à recepção para pagar o pacote escolhido.



Capítulo 16

Eloíse

Confesso que estou um pouco apreensiva e muito curiosa para saber o que ele anda aprontando, mas me contenho e cumprio o que prometi. Mantenho-me quietinha e canto para não cair em tentação de afastar a venda dos olhos.

— Não disse que seria rápido. — Daniel abre a porta do carro e me auxilia na saída, já que não estou vendo nada. — Falta pouco para revelar a surpresa meu amor, aguenta firme e não desista.

— Tudo bem, eu confio em você meu amor. — Caminhamos cerca de uns três minutos.

— Agora vou tirar sua venda. — Daniel para bem atrás de mim e sussurra as palavras com sua voz rouca em meu ouvido ao retirar a venda.

— Uau! — Fico maravilhada ao ver do que se trata a surpresa. — Um passeio de balão? — Viro-me o abraço-o emocionada. — Sempre tive vontade de voar de balão, mas nunca tive tempo meu amor! Obrigada por realizar meu sonho.

— Essa é apenas uma parte da surpresa meu amor, a segunda parte, você descobrirá somente lá em cima. — Beija-me com ternura.

— E ainda tem mais? Não sei se sou merecedora.

— Mas, é claro que é! Você merece tudo e muito mais. Jamais se sinta inferior a ninguém.

— Own! Que fofo! Depois não quer ser chamado assim. — Aperto-o mais em meus braços.

— Quando chegarmos em casa, vou te mostrar meu lado fofo. — Juntos, sorrimos. Estou extremamente feliz com essa surpresa, não preciso de mais nada, tudo o que preciso está exatamente aqui ao alcance de minhas mãos.

— É seguro voar de balão? Não precisa usar nenhum equipamento de proteção? — pergunto curiosa.

— Não se preocupe meu amor, o voo de balão é considerado um dos mais seguros, além do mais, o piloto faz toda a checagem necessária antes de embarcarmos. E não, não é necessário nenhum equipamento de proteção. — Daniel me explica tudo minuciosamente. — Se sentir medo, agarre-se a mim — Brinca para descontrair. — Enquanto a equipe prepara nosso voo, vamos tomar nosso desjejum, não quero que fique com fome nas alturas.

Tomamos o desjejum, animados e atentos a tudo. Nem acredito que Daniel me fez essa surpresa maravilhosa, e pensar que eu estava de mau humor quando fui acordada.

— Desculpe-me pelo mau humor mais cedo.

— Você sabe que não precisa se desculpar meu anjo, eu sei que não a deixei dormir quase nada essa noite. — Adoro quando ele faz essa cara de safado, me sobe um calor incontrolável. — Mas saiba que não me arrependo nem um pouco.

— Vamos logo para o balão, antes que o fogo que está em mim se alastre em você — ele solta uma sonora gargalhada, chamando a atenção das poucas pessoas que estão por ali.

Quando entramos no cesto o piloto nos passa todas as orientações necessárias sobre decolagem e pouso. Informa-nos que o passeio tem uma variação de cinquenta minutos à uma hora e meia, que podemos atingir até 500 metros do solo e percorreremos a uma distância de 15 a 35 km do ponto de partida. Fico encantada só em imaginar como dever ser a vista lá do alto.

Durante o passeio desfrutamos de belas paisagens vistas do alto. Fico deslumbrada com tamanha beleza vista por mim pela primeira vez. Vejo o piloto sempre atento e Daniel me explica que é normal, ele está em uma busca constante de prováveis locais para aterragem em casos de emergência. Espero que não seja necessário, quero que termine tão bem quanto começamos.

— Olha aquilo Eloíse! — Daniel aponta algo quando estamos prestes a pousar.

— Dani, é o que estou pensando mesmo? — minha voz sai embargada. — Você está me pedindo em casamento? — Sorrio e choro ao mesmo tempo. Daniel tenta disfarçar sua emoção, mas seus olhos também ficam úmidos.

— Sim, meu amor! Quero que seja minha mulher de papel passado, quero envelhecer ao seu lado e criar nossos dez filhos e trocentos netos e ainda nem mencionei a quantidade de cachorros, gatos e passarinhos que teremos.

— Dez filhos? — Arregalo os olhos e gargalho, horrorizada. — Se está dizendo, não é? Confio em você de olhos fechados, amaremos todos eles e minha resposta para você é sim, sim e sim e sempre será sim meu amor! — Beija-me, tira uma caixinha de veludo do bolso, quando a abre, quase caio de costas, o anel é maravilhoso.

— Meu amor, você me deixa a cada dia mais e mais feliz! Prometo que dedicarei cada dia de minha existência para amá-la e fazê-la a mulher mais feliz do mundo. — Mostra-me o anel e encaixa em meu dedo anelar.

— É tão lindo meu amor, na verdade, tudo em você é lindo, obrigada por estar ao meu lado, obrigada por fazer-me imensamente feliz. Por ser o meu grande amor.

Beijo-o novamente e o piloto nos informa que já vamos pousar. Já em solo, recebo um buquê maravilhoso de tulipas vermelhas das mãos de Daniel.

— Escolhi essas flores porque elas significam amor verdadeiro e eterno. Tudo o que sentimos um pelo o outro. Amo você Eloíse.

— Você tirou o dia para me surpreender mesmo, Dani. Também amo você, muito. Vai além do que eu posso mensurar. — Cheiro as tulipas, muito emocionada. — O dia mal começou e estou vivendo fortes emoções ao seu lado.

— Quero viver para fazer você sorrir. — Brindamos ao nosso passeio de balão e ao pedido de casamento. Nunca imaginei que seria tão feliz assim. Ainda mais que viveria um grande amor para me completar.

Acompanhamos a desmontagem do balão e voltamos ao estacionamento, onde pegamos o carro e rumamos ao nosso piquenique. Ao voltarmos para a casa tarde da noite, realmente pude vislumbrar o lado mais fofo do meu futuro marido.



Acordo, bem-disposta e quando olho para minha mão um sorriso lindo se abre. Nem consigo acreditar como minha vida está indo tão bem ultimamente. Eu era uma pessoa solitária e sem perspectiva de encontrar alguém para me amar e hoje estou noiva e muito feliz. Tomo um banho e faço minha higiene matinal. Estudo um pouco e concluo finalmente meu TCC, agora sim estou preparada para apresentá-lo.

Saio de casa para um passeio no shopping. Não consigo ficar o tempo todo dentro de casa, não nasci para ficar parada. Ainda não sei como pude viver como vivia no passado: Presa a uma casa, sem trabalhar, sem liberdade, sendo uma esposa submissa a todos os caprichos daquele homem que só fazia me maltratar e humilhar.

Resolvo fazer uma visitinha surpresa a Daniel no hospital.

— Boa tarde. — Cumprimento a recepcionista que responde com cordialidade. — Preciso falar com o doutor Daniel.

Ela pergunta quem sou e em seguida faz uma ligação, instantes depois ele aparece no hall do hospital.

— Aconteceu algo Eloíse? — Chega já me analisando com seu olhar preocupado.

Sorrio e reviro os olhos, foi o suficiente para ele suspirar em alívio.

— Não aconteceu nada meu lindo, não posso fazer uma visitinha ao meu noivo em seu trabalho? — Abraço-o e me contendo, estamos em seu local de trabalho e com a sala de espera cheia de pacientes.

— Que alívio, vamos ao meu consultório, meu amor. Ainda tenho uns minutinhos antes de entrar para uma cirurgia. — Vejo um brilho diferente em seu olhar e isso me deixa muito excitada.

Mal entramos em seu consultório e ele me pressiona na parede.

— Adorei sua visita, meu amor. É uma pena estarmos em meu local de trabalho, meu desejo é fazer coisas maravilhosas com você aqui mesmo. — Seu beijo é arrebatador e saio de órbita.

— Coisas, é? Adoro fazer essas coisas com você. — Estamos tão envolvidos que não escutamos a porta sendo aberta.

— Ah, me desculpe Daniel... — Fabiany, sempre ela, essa víbora peçonhenta.

Daniel a fuzila com o olhar.

— Não sabia que estava ocupado, só vim saber que horas vamos almoçar. — Ela me ignora e sequer me cumprimenta.

— Fabiany — Daniel arqueia as sobrancelhas sem me soltar de seus braços — Você e todos no hospital sabem muito bem que entrarei em uma cirurgia agora sem hora para sair. — Ela me fuzila com o olhar. — E outra, não gosto que entrem assim de repente em meu consultório, sem antes bater à porta. — Repreende-a em minha frente.

— Desculpe-me. — Envergonhada, sai da sala. — Até mais Daniel.

— Quer dizer que vocês andam almoçando juntinhos, hein? — Sei que Fabiany só apareceu aqui, pois, sabia que Daniel estava comigo. Confesso que bateu ciúmes quando ela o chamou para almoçar, mas me controlei. Não quero me tornar uma mulher possessiva.

— Eu, ela e mais uns cento e cinquenta funcionários. — Ele sorri. — Minha ciumentinha venha cá e desfaça essa carranca. Sou todo seu e de mais ninguém. Depois que você entrou em minha vida, as outras não me interessam nem um pouco.

— Ah, Dani! Você sabe mesmo fazer com que uma mulher fique se sentindo o máximo. — Pulo em seu colo e beijo-o.

— Apenas a minha mulher. — Retribui o beijo.

— Acho que vou indo, não quero te atrapalhar.

— Se eu disser que não atrapalharia, estaria mentindo. Saber que você está aqui no hospital enquanto estarei no bloco cirúrgico, tiraria toda minha concentração.

— Bobo. — Dou-lhe um tapa sem muita força no braço. — Só passei aqui para matar a saudade. Até amanhã meu amor.

— Até amanhã meu amor. Quando eu sair da cirurgia te ligo.

Despedimo-nos e ele me leva até a portaria do hospital. Como ainda tenho um tempinho, resolvo dar um passeio no shopping, quando meu telefone toca.

— Alô. — Atendo reconhecendo o número imediatamente.

— Oi, Eloíse! Desculpe a demora em te ligar, mas o senhor Otávio estava muito ocupado por esses dias.

— Entendo perfeitamente — respondo-a.

— Você pode dar uma passada aqui no hotel ainda hoje? Deixei o horário das dezesseis horas para você explicar tudo ao senhor Otávio.

— Ai que bom! — Vou resolver meu problema de uma vez. — Já estou a caminho. Até mais.

Desisto de minhas compras no shopping, tenho coisas mais importantes para resolver. Como o hotel não fica tão longe, decido ir andando. Fazer uma caminhada me fará bem. Não demoro vinte minutos e chego à sala de espera do senhor Otávio.

— Chegou rápido Eloíse. — Flávia me cumprimenta com um aperto de mão.

— Eu estava de bobeira no shopping.

— Então esse é o motivo de ter chegado tão rápido.

Ela avisa ao Senhor Otávio de que já cheguei e aguardo ser chamada por ele. Quando entro em seu escritório me deparo com ele e sua belíssima esposa, a senhora Poline.

— Boa tarde, Eloíse! — Cumprimenta-me e respondo aos dois. — Flávia já me adiantou sobre o ocorrido. Quero deixar bem claro que estamos aqui para esclarecer tudo e não vamos apoiar atitudes incorretas dentro de nosso hotel. Rubéns passou de todos os limites.

— Obrigada senhor Otávio.

— Temos uma proposta a você. — Olha para sua esposa que sorri para ele. — Flávia nos disse que você está finalizando o curso de enfermagem e ficamos felizes por sua conquista e dedicação com os estudos. Muito em breve se formará e sei que de uma forma ou de outra nos abandonará, mas será para

seu próprio bem. Como temos uma vaga no RH, gostaríamos de saber se aceita a vaga como forma de desculpas. O salário é melhor, assim como a carga horária também. O que acha?

— Fico lisonjeada e muito feliz senhor e senhora Vasconcelos — Minha voz sai embargada e meus olhos marejam, tento ao máximo me controlar.

— Sabemos há quanto tempo trabalha conosco e o quanto nos é leal. Só queremos retribuir todo o serviço prestado. — É a vez de Poline falar. — E tem mais, acessamos todas as imagens dos vídeos e o que Rubéns não sabia e que a grande maioria dos funcionários também não sabem, é que existem câmeras espalhadas por todo o hotel, exceto nos quartos dos hóspedes e nos banheiros e que fique bem claro aqui, não consentimos com o que ele fez. O dispensamos e tomamos a liberdade de entrar com um processo de assédio contra ele em seu nome.

— Meu Deus! Fico grata senhores. — Agora sim, não consigo mais conter as lágrimas.

— E quanto à hóspede, sugerimos que faça o boletim para se resguardar. Nosso lema é tratar bem o cliente para que sempre volte, mas nem por isso vamos consentir que façam o que bem querem com nossos colaboradores. Sem vocês, não teríamos um serviço de qualidade para oferecer a eles. — Otávio sugere.

— Eu só não registrei o boletim ainda, pois não queria prejudicar o hotel.

— Quanto a isso não se preocupe, estamos dispostos a oferecer à justiça todas as imagens necessárias para ajudá-la. — Otávio indignado com o fato, fala.

— Obrigada senhores. — Nem consigo falar muito, tamanha é minha emoção de saber que Fabiany e Rubéns não ficarão impunes por me humilharem perante meus colegas e hóspedes do hotel.

— Não precisa agradecer Eloíse, estamos apenas sendo justos com você. Quando finalizam suas aulas? — Poline pergunta.

— Daqui a um mês — respondo ainda com a voz embargada.

— Então, tire esse tempo para se dedicar às provas finais e relaxar um pouco. Esperamos-te daqui um mês e quando encontrar um emprego em sua área, com muito pesar te liberaremos — Otávio responde.

— Curta suas férias forçadas e só me apareça aqui quando concluir o curso. — Poline fala sorrindo. — Aproveite e descanse, se conseguir. Sei bem como são os últimos dias de faculdade.

Saio de lá em êxtase. Nem em meus mais profundos sonhos pude imaginar que minha vida daria uma virada de trezentos e sessenta graus assim

em tão pouco tempo. Estou radiante de felicidade.



Capítulo 17

Daniel

Minha raiva é crescente quando me deparo com Fabiany no corredor após sair da longa cirurgia. Sei que seu intuito ao entrar em meu consultório mais cedo, foi justamente para constranger Eloíse e criar um atrito entre nós.

— Boa tarde, Dani. Como foi a cirurgia? — pergunta como se não tivesse feito nada demais.

— Boa tarde, Fabiany, eu preciso conversar urgentemente com você — vou direto ao ponto e sem rodeios —, quando tiver uma folga, vá ao meu consultório.

Seus olhos brilham. Aposto que já imagina o que tenho para falar. Não nasceu ontem e sabe muito bem que não gostei nem um pouco do que protagonizou mais cedo em meu escritório.

— Estou com tempo agora, querido, se quiser podemos conversar.

— Tudo bem, eu acho melhor mesmo que a gente se entenda de uma vez e coloque todos os pingos nos is.

Segue-me e sinto seus olhos me queimarem.

— O que tem de tão importante para me dizer meu lindo? — Passa as mãos pelo meu peito e as retiro o mais rápido que posso.

— Sem esse charminho para cima de mim Fabiany. O que tenho a dizer, eu acho pouco provável que você vá gostar. — Minha voz sai um pouco rude.

Afasta-se um pouco visivelmente indignada e emburrada.

— Então, fale logo meu caro, estou no fim do plantão e muito cansada por sinal. Preciso ir para casa descansar. — Aí ela mostra sua verdadeira faceta, quando contrariada aparece sua verdadeira essência, algo que não fui capaz de ver ao longo dos anos em que estivemos juntos.

— Você me disse que estava livre agora mesmo ou entendi errado?

Solta o ar e revira os olhos.

— Ai que saco Dani! — fala um pouco alto demais e visivelmente irritada. — Só queria ficar bem com você e voltar ao que éramos antes. Custa para você tentamos novamente, nos dê uma nova chance? Você sabe muito bem que a gente tem química juntos. E apesar do tempo que estamos separados, não fui capaz de esquecê-lo.

— Fabiany, entenda uma coisa e de uma única vez, agora eu sou

comprometido e estou muito feliz assim. A nós dois cabe apenas uma amizade, se for difícil para você aceitar isso, infelizmente teremos de cortar nossos laços amigáveis. Você está prejudicando minha noiva deliberadamente, até mesmo o emprego ela perdeu por sua causa.

— Como é? Eu nem vi sua “noiva”. Você só pode estar louco! — Não deixo de perceber sua ironia quando diz a palavra noiva e o ódio presente em sua voz. — Quando foi isso, me diz? — pergunta aos berros.

— Acalme-se, não quero brigar com você. Só queria entender o motivo dessa obsessão, se nem quando éramos namorados você agia assim. Além do mais, nós raramente nos víamos e decidimos *juntos* que o melhor seria terminarmos e seguirmos com nossa amizade.

— Mas percebi que sem você eu não consigo ser eu mesma, Dani. — Seus olhos estão lacrimejantes, mas não posso lhe dar falsas esperanças. — Sem você sinto-me incompleta.

— Fabiany, eu não posso te enganar. Estou loucamente apaixonado pela Eloíse, e entre mim e você não existe mais o “nós”. Só quero que você deixe Eloíse em paz, se quiser me bombardear, fique à vontade, só não chegue mais perto dela, por favor. — Vejo que ali encontrei uma inimiga. Fabiany está de braços cruzados e com um olhar matador. — Ela já passou por maus bocados e sinto-me no dever de protegê-la.

— Tudo bem, eu já entendi o recado! — Funga e passa as mãos pelo rosto, limpando as lágrimas derramadas. — Estou tirando meu time de campo, um bom vencedor é aquele que entende que mesmo quando se perde também está ganhando algo.

— Só mais uma coisa! — É melhor eu falar sobre o boletim — Eloíse vai registrar um boletim contra você e o gerente do hotel. — Vejo que seu queixo quase cai. — Você a acusou de algo indevido, e as câmeras do hotel estão lá para provar que você a viu sim, no restaurante do hotel e no hall. — Blefo, mas foi necessário. Convencerei Eloíse a seguir em frente com a acusação de ambos para se resguardar.

— Não tinha necessidade disso. — Funga mais uma vez e passa as mãos nervosamente pelo rosto. — Isso pode acabar com minha reputação.

— Pensasse nisso antes de armar um escândalo no trabalho dela. — Não sinto nem um pouco de pena de Fabiany — Basta você manter distância dela e o processo não terá andamento.

— Ok, Daniel, vocês venceram. Já entendi que não temos mais volta. Mas, se puder continuar com nossa amizade, ficarei grata.

— Prove que merece minha amizade e tudo ficará bem.

Sem responder, sai de minha sala e sento pensativo antes de encerrar meu expediente do dia. Pronto para dar continuidade ao meu plantão duplo.

Será que fiz mal em confrontá-la agora?

Deixo que o tempo me dê às respostas necessárias.

Há esta hora Eloíse já está na faculdade, envio apenas uma mensagem de texto avisando que a cirurgia foi um sucesso e que estou bem.



Semanas depois

Graças a Deus tudo se resolveu para Eloíse no hotel. Ela conseguiu uma promoção, mas só volta a trabalhar daqui umas semanas, Otávio lhe deu férias para concluir o curso e relaxar um pouco. Eloíse apresentou o TCC e atingiu a nota máxima com louvor, mas isso eu já sabia, ela se dedicou muito. Para ela não foi nada fácil ter que trabalhar e estudar ao mesmo tempo, mas ela venceu e falta pouco para a conclusão.

Dei um carro de presente para ela, mas não foi tão fácil assim para aceitá-lo. Oh, mulher difícil, meu Deus! Eloíse foi irredutível em sua escolha, eu queria um mais esportivo e ela um mais simples. Como é ela quem vai usá-lo, acabei cedendo. Escolheu um Fox azul, disse que é um carro confortável. A única coisa de que não abri mão foi de o carro ser blindado, algo que ela não questionou. Ainda temos medo de que o passado apareça para atormentar.

No próximo fim de semana iremos a um coquetel do hospital, e como adoro surpreender minha mulher, falei para não se preocupar com o vestido, eu mesmo vou providenciá-lo. Sei que isso a está deixando atormentada, toda hora me pergunta o que deve fazer, diz que tem medo de fazer feio na frente de meus colegas de trabalho. Digo apenas que ela jamais me envergonharia e que estarei ao seu lado o tempo todo.



Chegou o dia do coquetel e entrego uma caixa enorme à Eloíse que se surpreende.

— O que é tudo isso meu amor? Arregala os olhos ao pegar a caixa de presente.

— Um presente lindo para minha linda noiva! — respondo sorrindo por saber o quanto ela fica feliz com minhas surpresinhas.

— Uau! Para que tudo isso, meu Deus? Quando você disse que cuidaria de tudo, confesso que me bateu um medinho. Você é sempre tão ocupado, passa mais tempo nos hospitais do que em casa, achei que esqueceria — fala já abrindo a caixa.

— Eu disse que não se preocupasse, não disse? Aqui estou eu, cumprindo minha promessa. Abre logo isso meu amor, não me deixa mais aflito do que já estou.

— É para já meu amor! — Eloíse abre a enorme caixa e se depara com o mesmo vestido que vimos há meses na vitrine de uma loja do shopping.

— Ai que lindo meu amor — começa a chorar emocionada, borrando a maquiagem que acabara de fazer —, você sabe mesmo impressionar uma mulher. — Abraço-a e a beijo.

— Quantas vezes serão necessárias eu dizer que você merece que eu lhe dê o mundo meu amor? Ainda não terminou, tem mais presentes aí na caixa. — Surpresa, senta-se novamente e começa a vasculhar toda a caixa.

— São lindas Daniel! — Encontra o conjunto de joias que escolhi especialmente para essa ocasião em uma linda caixa de veludo azul, composta por brincos, pulseira e colar. — Você está estragando minha maquiagem. — Sorrio e a abraço novamente.

— Mesmo com a maquiagem borrada ou parecendo a *Samara do poço*, você continua linda — digo, tirando sarro de sua cara.

— Realmente o amor é cego. — Gargalha por minha comparação.

— Agora vou deixá-la terminar de se arrumar, caso contrário chegaremos tarde ao coquetel e não queremos ser os últimos a adentrar pelo salão, não é mesmo? — Dou-lhe um beijo na testa saio do quarto.

Quando ela sai do quarto fico embasbacado com tamanha beleza. O vestido ficou perfeito em seu corpo, as joias adornaram-na lindamente e os sapatos de saltos altíssimos vão foder com meu cérebro a noite toda.

— Se tivéssemos tempo, tiraria toda sua roupa e a amaria aqui mesmo neste sofá somente com essas joias adornadas em seu corpo e esse sapato que me fará perder o juízo essa noite.

Sorri maliciosa.

— Então, acho melhor sairmos, porque está subindo um calor por meu

corpo e se continuarmos com esse jogo de sedução, jamais sairemos deste apartamento hoje.

Eloíse pega sua bolsa de mão e sai rebolando à minha frente até a porta. Sigo-a louco para imprensá-la nessa parede e fazer nem que seja uma rapidinha, mas ela é mais rápida que eu e corre para o elevador.



Ao adentrarmos no salão do coquetel, nos deparamos com Fabiany, que ao pensar que não estou olhando, fuzila Eloíse com o olhar. Vou ficar de olho nela esta noite. Devo confessar que ela está deslumbrante em um vestido vermelho que favorece todas as suas curvas, não posso negar o quanto é linda. Só desejo que encontre um amor igual ao que sinto por Eloíse.

Eloíse vai ao banheiro e na volta está estranha e arredia comigo.

— O que houve Eloíse? Está tudo bem? — Franzo as sobrancelhas, preocupado ao me perguntar.

— Não sei, me diz você se está tudo bem Daniel! — Preciso entender o que aconteceu e puxo-a para um canto mais reservado.

— Se você não me contar o que aconteceu, meu amor, não poderei ajudá-la. — Passo as mãos por meus cabelos, já preocupado. — Não sei adivinhar as coisas. — Apesar de que imagino que Fabiany possa ter plantado a sementinha da discórdia enquanto ela estava no banheiro.

— Não quero estragar sua noite, em casa conversamos — diz apenas, mas continua de cara fechada.

— Se é assim que você quer, seu desejo é uma ordem. — Estou com muita raiva, por não saber o motivo do seu mau humor repentino, mas vou respeitá-la. Depois resolveremos isso.

A noite não foi mais a mesma, eu precisei sair do lado dela para dar uma palavra para todos, cheguei a pensar que Fabiany se aproximaria de Eloíse e passei a observá-la atentamente. Quando um homem que nunca vi na vida, tenta abraçá-la à força. Eloíse dá-lhe um soco no rosto e muitos curiosos aproximam-se dela e afastam o tal homem.

Fiquei puto de raiva por não estar perto dela para protegê-la e por estar palestrando, mas ao mesmo tempo orgulhoso, por ela ter se defendido tão bem e ter sido amparada por meus colegas de trabalho quando eu não estava por perto. Devo agradecê-los pessoalmente.

Desço do palco e muitos amigos param para me cumprimentar, mas a minha vontade é de correr para os braços de meu amor. No meio disso, Fabiany aparece para cumprimentar-me e ao ver que Eloíse se aproxima de mim, abraça-me com segundas intenções e tenta beijar-me. Não acredito que ela foi capaz de fazer isso e na frente de todos. Se eu ainda tinha um mínimo de respeito por ela, acabou-se aqui.

Afasto-a de mim e quando olho para Eloíse, ela está estática no lugar sem reação alguma. Olha-me com um olhar sofrido, entendeu tudo errado.

— Você é louca Fabiany! Só pode! — Vocifero e ela se descontrola.

— Eu te amo Daniel! Não é justo eu ser trocada por ela. — Aponta o dedo em riste para Eloíse! — Sou mais do que ela pode te oferecer Dani, volta pra mim. — Envergonhado por estar chamando atenção sem intenção, saio de perto dela e tento me aproximar de Eloíse, que se afasta ainda mais de mim, deixando-me amedrontado. Se ela não me escutar e terminar nosso relacionamento não saberei o que fazer.

Jamais imaginei que Fabiany poderia vir a ser tão dissimulada e tão baixa.

— Se valorize mais Fabiany! Não vê o papel ridículo que está fazendo. Vá se tratar. Estamos separados há anos e foi uma separação consensual. Acho que você enlouqueceu, não existe outra explicação. — Indignado, procuro Eloíse pelo salão a tempo de vê-la correndo para a escadaria. — Você merece até um Oscar por sua atuação Fabiany — digo e saio no encalço de Eloíse, ela não pode acreditar que fui conivente com as loucuras de Fabiany.

— Você não pode me menosprezar assim na frente de todos, Daniel! — grita enfurecida — Se me deixar assim, saiba que farei de sua vida um inferno. — Ameaça.

— Agora você conseguiu acabar de vez com o restinho de respeito que ainda sentia por você. — Viro-me e sigo na mesma direção em que Eloíse se foi.

No topo da escadaria, prevejo algo inevitável.

Grito por seu nome, ela não me ouve, mas graças a Deus, o carro consegue frear bruscamente, evitando assim um acidente de grandes proporções ou até a perda do meu grande amor. Ainda trêmulo, corro o mais rápido que consigo e alcanço Eloíse, amparando-a em meus braços.

— Elô, meu amor! Que susto quando vi você atravessar a rua e o carro que vinha em sua direção. — Aperto-a em meus braços, quase a sufocando. A vontade é de não soltá-la nunca mais.

— Solte-me Daniel Lambertini! — Tenta me empurrar, mas como sou

mais forte, continuo a abraçando. — Não acredito que aquela louca foi capaz de te beijar na frente de todos. Fique bem longe de mim, afaste suas mãos do meu corpo!

— Não é nada disso meu amor! Ela não conseguiu me beijar. Meus beijos são todos reservados a você. — Dou um sorriso presunçoso. — Perdoe-me meu amor, apesar de que não tive culpa alguma, foi ela quem me atacou.

— Você está bem? — O motorista do carro vem em nossa direção bastante assustado.

— Estou sim — Eloíse responde ainda trêmula — Desculpe-me por ter atravessado a rua sem olhar. Você está bem? — repete a mesma pergunta ao motorista.

— Sim, como não houve nenhum dano, vou seguir o meu caminho. — O cara diz e vira-se. Eloíse apenas balança a cabeça, mas quando se lembra de que ainda estou apertando-a em meus braços, fecha a cara.

— Não engoli essa história de que ela o ajudou a comprar este vestido e as jóias. — Então foi isso, Fabiany provavelmente a encontrou no banheiro, agora está explicado — Saiba que só não faço picadinho dele agora mesmo, porque não tenho o que vestir aqui e não quero sair por aí nua.

— Não acredito que ela inventou mais essa! Ela mentiu mais uma vez meu amor! E para te desestabilizar. — Como fui idiota de confiar em Fabiany e falar coisas pessoais em sua frente, mesmo ela me dando razões suficientes para não confiar nela — Eu escolhi sozinho o vestido, o que aconteceu foi que comentei sobre a surpresa que faria a você, e ela provavelmente aproveitou de minha confiança para tentar te envenenar. — Coloco as mãos em ambos os lados de seu rosto, amedrontado só em pensar em perdê-la. — Já provei a você o quanto é importante para mim, meu amor. Acredite em mim!

— Não sei se você merece doutor Lambertini! — Coloca suas mãos na cintura, ainda brava. Que mulher irredutível meu Deus! — Não pediu a ajuda para sua *vaca amiga*, mas fica de papos e segredinhos com ela pelos corredores do hospital!

— Adoro quando você assume esse lado possessivo e ciumento. — Pego-a pela cintura, beijo-a apaixonadamente e sinto-a ceder em meus braços. — Deixa-me louco e me bate uma vontade de te despir e fazer amor com você aqui mesmo no meio da rua. Acho melhor irmos logo para casa, antes que possamos ser presos por atentado ao pudor. Ela dá um risinho e sei que a raiva se dissipou.

Voltamos para o estacionamento do salão de festas e saímos em disparada para nossa cobertura. Ao entrar pela porta da frente da cobertura, mal fecho a porta e já estamos nos atracando. Eloíse arranca seu vestido e eu minhas roupas

apressadamente.

— Linda, você é tão linda meu amor! — Venero-a com meu olhar, mãos e boca.

O telefone de Eloíse começa a tocar em sua bolsa quebrando totalmente o clima.

Olha o visor e franze a testa quando lê o nome.

— Alô, Hellen? — Fico atento à sua expressão.

— Falei que um dia te encontraria sua puta traidora. Eloíse empalidece e amparo-a em meus braços.

— O que você fez com minha irmã seu monstro? — Sua voz sai esganiçada pelo choro.

Coloco seu telefone no viva voz e faço silêncio. Por mais que eu queira tomar o celular de suas mãos e falar com quem quer que esteja do outro lado da linha, me contenho para não atrapalhar. Sei que algo grave aconteceu e suspeito de que este homem é Reinaldo, seu ex-marido.

— *Você fugiu de mim e ainda me fez ser preso Eloíse. Agora vai pagar muito caro se não com sua vida, com a da sua irmãzinha que você tanto ama.* — Sabia que era ele e, portanto, o melhor é me manter em silêncio mesmo, pelo o que entendi, ele sequestrou a irmã de Eloíse.

— Não a machuque Reinaldo! Faço qualquer coisa que quiser, mas não faça nenhum mal a Hellen.

— *Pensasse antes de fugir! Você nem imagina há quanto tempo estou a sua procura sua vadia.* — Meu sangue ferve em minhas veias. — *Você não é livre, Eloíse. Sei que anda me traindo sua adúltera. Vai pagar caro por tudo o que fez comigo. Jogou-me em um poço de podridão, por sua causa perdi meu emprego e amigos.*

— Faço o que quiser Reinaldo, volto para você se preciso for, mas solte minha irmã. Deixe-me falar com ela? — Ah, mas ela não volta para ele é nunca, nem que para isso eu tenha que quebrar a cara deste crápula antes.

— *E perder minha única garantia de fazer com que volte e pague todo o mal que me causou? Não vai falar com ela nada não, aqui quem dá as ordens sou eu. Ah, e nada de polícia, do contrário, sua irmãzinha morre.*

— Não desliga seu porco imundo! — Eloíse chora em meus braços, seu choro é sofrido.

— Calma meu amor, vamos resolver isso juntos. — Minha vontade é de extravasar toda a raiva que sinto deste homem. Sempre atrapalhando nossos planos e prejudicando Eloíse.

— Ele está com minha irmã Daniel, sei do que ele é capaz! — Chora convulsivamente.

— Não se preocupe Eloíse, farei algumas ligações e viajaremos para o Mato Grosso do Sul amanhã mesmo, bem cedinho.

— Obrigada por me apoiar Dani. — Aperta-se em meus braços, se eu pudesse trocava de lugar com ela.

Faço as ligações necessárias, coloco detetives amigos meus para tentar rastreá-lo. Reservo nossas passagens de avião inclusive de Eduardo e sua esposa. Eloíse avisa seu irmão e combinamos de nos encontrarmos todos no aeroporto na manhã seguinte.

Coloco um calmante em um suco e dou para Eloíse, só assim para ela dormir. Arrumo nossas malas com o básico e aviso no hospital que precisarei me ausentar por alguns dias.



O voo foi tranquilo. Apesar de triste, Eloíse está confiante e segura ao meu lado. Precisamos arquitetar um plano para pegar Reinaldo em flagrante e acabar de vez com esse martírio.

Vamos direto para minha cobertura que está bem cuidada apesar de quase não vir aqui. Pago uma pessoa para manter a limpeza do apartamento a cada quinze dias.

— Eduardo, Bianca, por favor, fiquem à vontade. — Mostro a eles o quarto de hóspedes em que vão ficar e volto para Eloíse que está em nosso quarto já desfazendo as malas.

— Faz tempos que não venho aqui e ainda continua tudo do mesmo jeitinho. — Olha-me com uma admiração não contida.

— Depois daquele dia, mudei-me para São Paulo e raramente volto aqui. Apesar de amar esse cantinho, toda minha vida agora é em São Paulo.

— Não pensa mais em voltar a morar aqui? — pergunta com o olhar vagando pelo cômodo.

— Tenho muita vontade, fiz até planos de voltar este ano depois do congresso, mas o destino me presenteou com a mulher da minha vida, e meu lugar é onde ela estiver.

— Assim você me desmorona Daniel. — Pula em meus braços e beija-me enlouquecidamente.

— Não se esqueça de que seu irmão e sua cunhada estão aqui — falo antes que protagonizemos uma cena muito quente.

— Ah, seu estraga prazeres. — Sai do meu colo e vai inspecionar o closet e posteriormente o restante do apartamento.

Novamente seu celular toca.

— Por favor, não digam uma palavrinha sequer. Ele pode desconfiar de que estamos tramando algo contra ele e fazer ainda mais covardias a Hellen. — Ela pede a mim e seu irmão e atende já no viva voz.

— Alô! — sua voz sai apreensiva e a tensão é palpável.

— *Eloíse, se ainda quiser ver sua irmã com vida, sugiro que você se apresse e volte ao Mato Grosso do Sul o mais rápido possível, a cadelinha é tão leal a você que nem sob tortura diz onde é seu esconderijo.*

— Você prometeu que não a machucaria Reinaldo! — Sua voz sai com bravura excedente.

— *Prometi?* — Gargalha do outro lado. — *Não me lembro de prometer nada. Não tenho mais nada a dizer, só faça o que estou mandando antes que seja tarde demais.* — Mais uma vez ele encerra a ligação.

— Filho de uma porca imunda! — Eduardo grita e abraça Eloíse. — Quando eu o encontrar ele vai se dar muito mal, primeiro por tê-la agredido enquanto foi seu marido e agora por estar fazendo o mesmo com Hellen.

— Se acalme Dudu, vamos conseguir resgatá-la com vida, assim espero. — Os irmãos choram abraçados.

— Precisamos rastrear essa ligação — falo quando estão mais calmos.

— Ele ligou de um número desconhecido — Eloíse responde.

— Já acionei alguns amigos detetives e da polícia, vamos conseguir descobrir onde esse infeliz está. É uma questão de honra — falo com bravura.

— Mas, ele pediu para eu não colocar a polícia no meio. — Assustada, Eloíse chora.

— Calma meu amor. — Chego ao seu lado em dois passos. — Eles serão discretos, foi necessário. Esse crápula precisa ser detido.

Mais tarde, a sala de minha cobertura está lotada de pessoas. Detetives, investigadores da polícia e minha família.

Avisei minha mãe que estávamos no Mato Grosso do Sul e expliquei o que estava acontecendo. Ela se prontificou a nos fazer companhia e encomendou nosso almoço. Ela já sabia de meu relacionamento com a Elô e fazia muito gosto disso, disse que desde quando nos viu juntos pela primeira vez, já sonhava em tê-la como nora.

— Fico tão feliz em ver vocês juntos. — minha mãe fala com Eloíse e apenas as observo.

— Não foi nada planejado dona Alice. — Eloíse responde meio tímida.

— Deixe esse “*dona*” de lado minha querida, chame-me apenas de Alice. *Esse dona* faz com que eu me sinta bem mais velha do que realmente sou.

— A senhora está muito bem para a idade que tem. Quero chegar aos sessenta anos, assim tão linda quanto você.

— Quanta modéstia Eloíse! Agora vou ficar é com vergonha. — E mais uma vez o telefone toca.

— Veja bem Eloíse — Um dos investigadores a orientou anteriormente a tentar fazer com que Reinaldo fique mais de um minuto na linha. — Façamos como o combinado e tudo dará certo.

— Alô, Reinaldo? — Atende ao telefone bem mais confiante do que antes.



Capítulo 18

Eloíse

— Alô, Reinaldo? — Atendo ao telefone com a esperança renovada e confiante por ter ao meu lado pessoas que me amam e estão dispostas a me ajudar.

— *Já comprou sua passagem para o Mato Grosso do Sul?* — Nem me cumprimenta e vai logo dando as ordens.

— Sim Reinaldo. Estou neste momento a caminho do Mato Grosso do Sul. — Começo a ficar submissa do jeito que ele gosta, ganhando tempo para os investigadores rastreá-lo.

— *Muito bem, mas só vou libertar sua irmã quando você aparecer em minha frente. Nada de gracinhas, senão acabo com você.*

— Não se preocupe Reinaldo, farei o que você mandar. Se esse é o preço que tenho que pagar, pagarei. É a mim que você quer.

— *Não precisava ter sido assim sua ingrata! Se você tivesse me obedecido, nada disso teria acontecido. A culpa como sempre é sua. Casou-se comigo e no altar jurou obediência a mim, e o que foi que fez? Traiu-me e me humilhou perante meus amigos e família—* sua voz sai bem raivosa e arranca calafrios de minha espinha— *Até mesmo o traste do meu filho me abandonou por sua causa. Outro ingrato, aliás, só convivi com pessoas sem consideração que no momento em que mais precisei me viraram as costas. Seus pais são farinhas do mesmo saco.* — Escuto tudo sem interrompê-lo, mas quando fala dos meus pais, minha curiosidade é acionada.

— O que sabe sobre meus pais? Há muito tempo não os vejo ou tenho sequer notícia de como estão.

— *Ah, Eloíse, se eu soubesse, teria feito picadinho deles também. Recusaram-se a me ajudar em sua busca. Foram covardes e fugiram sem deixar rastro. Agora deixa de papo fiado. Que horas você chega ao Mato Grosso do Sul?*

Arregalo os olhos para os investigadores, não esperava por essa pergunta. Invento uma resposta para ganhar mais tempo.

— Estou viajando de Roraima para o Mato Grosso do Sul — mandei bem, agora —, não faço ideia de quantas horas ainda tenho pela frente e nem quantas paradas teremos até São Paulo. De São Paulo até aí, tentarei ir de avião

para chegar mais rápido.

— *Mas seu DDD é de São Paulo. Novamente mentindo sua idiota?*

— Não estou mentindo, meu DDD é mesmo de São Paulo, mas estou em Roraima a trabalho, este que até já me desliguei para voltar a viver com você.

— *Muito bem, então—* ufa, conseguir contornar bem a teia em que se formou essa conversa —, *não demore muito, já estou perdendo a paciência com sua irmã, não quer comer nada do que eu trouxe e ainda cospe em mim.*

Tenho vontade de rir ao imaginar a cena, se não fosse tão trágico seria até divertido.

— Vai me ligando de tempos em tempos. Não se preocupe Reinaldo, estou voltando para você e agora para sempre. — Mal ele sabe o que lhe espera.

— Assim espero. — Sem mais, desliga o telefone.

— Muito bem Eloíse, fez um excelente trabalho. — Todos na sala vibram por eu ter mantido a mente tranquila ao conversar com Reinaldo.

Daniel e meu irmão disputam entre eles para ver quem me abraça mais apertado.

— Já temos a localização de onde sua irmã está. Agora só precisamos do mandado de busca e apreensão para adentrarmos ao cativeiro, pois fica em um prédio comercial. Colocaremos homens a postos para vigiar o local. Em breve sua irmã estará com vocês. — Um dos investigadores fala para mim e Dudu.

— Agora vá descansar um pouco Eloíse, não suporto vê-la assim com essas olheiras. — Daniel pede, mas não tenho vontade de descansar enquanto não ver que Hellen está bem.

— Cansada eu estou, mas não vou conseguir descansar em paz sabendo que minha irmã ainda está nas mãos daquele louco.

— Boa notícia pessoal. — Um dos policiais presentes chama nossa atenção — O juiz que está de plantão hoje já vai liberar o mandado de busca e apreensão mais rápido do que imaginávamos.

— Graças a Deus. — Suspiro alto. — Ainda bem que conseguiram resolver tudo com rapidez. Assim minha irmã corre menos perigo nas mãos daquele louco.

— Vamos para o local e você fica aqui com meus pais e Bianca. — Daniel fala já pegando suas chaves e carteira.

— De jeito nenhum, quero ir com vocês. — Levanto-me abruptamente ficando tonta em seguida. — Preciso ver minha irmã.

— Meu amor, não será possível. — Daniel me ampara em seus braços. — Não a colocarei em risco. — Daniel é irredutível. — Está se sentindo bem?

— pergunta, preocupado.

— Estou bem sim, foi apenas uma tonteira, mas já passou, acho que me levantei rápido demais.

— Querida não é bom que você vá com eles. Pode correr ainda mais riscos. — Dona Alice tenta apaziguar. — Sua irmã virá diretamente para cá.

— Não ficarei em paz enquanto não me certificar que Hellen está realmente bem.

— Não se preocupe Elô, me encarrego de cuidar muito bem de nossa irmã. — Eduardo promete.

— Tudo bem, mas prometa-me que não vai tentar ser um herói e colocar sua vida em risco também, está bem? — Suplico.

— Eu prometo Eloíse. — Abraça-me e beija minha testa.

— Prometa também Daniel. — Ele se aproxima e faz o mesmo que meu irmão. — Prometa que voltará para meus braços?

— Nem preciso prometer meu amor, voltarei para você de qualquer jeito. Mas já que você insiste, eu prometo. — Beija-me em despedida e uma paz começa a reinar em mim. Porque eu sei que se eles prometeram, é porque são capazes de cumprir.

Eles voltam horas depois com minha irmã com o rosto muito inchado pelas agressões que sofreu, porém já medicada. A notícia ruim é que Reinaldo conseguiu fugir mais uma vez, deixando apenas uma mulher como guarda no cativeiro. A mesma foi presa, porém disse não saber onde Reinaldo mora.

Mais uma vez ele se deu bem. Espero algum dia, enfim, viver em paz sem sua sombra a me perseguir.



Depois de toda essa confusão, voltamos para São Paulo e na viagem de volta começo a ficar muito indisposta, mas escondo bem o que sinto para não preocupar meus irmãos e Daniel.

— Agora que tudo está bem, podemos marcar a data do nosso casamento meu amor! — Daniel fala ainda no avião. — Não aguento mais esperar para ver seu nome com meu sobrenome.

— Sim meu amor — concordo plenamente —, agora nós já podemos marcar a data para o nosso tão sonhado casamento.

— Já deu a notícia sobre a nota do seu TCC aos seus irmãos?

— Ainda não, queria dizer pessoalmente, mas aí veio toda essa confusão — falo melosamente com ele.

— Não vejo a hora de chegar em casa e tirar toda essa tensão dos nossos corpos. Apesar de que Reinaldo ainda possa vir a nos perturbar.

— Vou trocar meu número de celular, assim ele não perturba mais. Apesar de quê, deve ter jogado o chip fora. É esperto, deve ter desconfiado que fora rastreado.

— Ele não vai conseguir se safar para sempre. Tudo o que fazemos aqui, pagaremos algum dia. — Não falamos mais nada e acabo cochilando em seus braços.



Foram dias difíceis para Hellen e por conta do que lhe aconteceu, eu e Dudu a convencemos a ficar de vez em São Paulo. No início ela não queria, mas como ainda está com medo de que Reinaldo possa sequestrá-la novamente aceita nossa sugestão.

Minha irmã transferiu seu curso para a mesma universidade em que eu estudo. Deixei que morasse em meu apartamento, já que fico mais na cobertura de Daniel do que em meu apartamento e em breve nos casaremos. Nesses últimos dias em que estou indo à aula, passo em seu apartamento e lhe dou carona, mas ela já está bem mais tranquila.

Como ando muito cansada, resolvo procurar um médico sem que Daniel saiba e faço um check-up. Ando muito indisposta e não quero assustá-lo à toa. Pode ser falta de alguma vitamina.

Meu irmão me ligou no dia anterior dizendo que tinha algo importante a me dizer, apesar de curiosa, consegui me conter e esperar até que Daniel chegasse do hospital para irmos à casa de Dudu.

— Eloíse e Daniel, sejam bem-vindos à nossa casa. — Bianca, esposa do meu irmão nos recepciona em seu portão.

— Obrigada, Bianca — Abraço-a. — E como anda, mas coisas por aqui?

— Muito bem, espere até ouvir o que temos a dizer. — Sorri.

Entramos e cumprimentamos meu irmão e Hellen na sala, ambos estão apreensivos.

— Está acontecendo algo de que eu ainda não saiba? — pergunto tensa.

— Temos duas notícias para contar. — Dudu segura na mão de Bianca.

— Seria uma boa e outra ruim? — Minha tensão se triplica.

— Não necessariamente. — Ele responde meio tenso. — Nem eu mesmo sei o que tem aqui. — Pega um envelope pardo em cima da mesa.

— Eu também não sei do que se trata, cheguei há pouquíssimo tempo. — Hellen se defende quando olho em sua direção.

— Então, abra logo Dudu, estou ficando nervosa já. E de quem é este envelope? — pergunto novamente. Daniel se mantém quieto segurando em minha mão.

Eduardo diz que um oficial de justiça lhe entregou este envelope há dois dias e que ficou em choque sem saber do que se tratava. Após o torpor que lhe atingiu, entrou em contato comigo e com Hellen e decidiu abrir e descobrirmos o conteúdo juntos.

Quando ele abre, tem algumas de fotos de nossos pais em viagens. Provavelmente foram feitas após sairmos de sua casa.

— Daniel, você que está mais calmo, poderia ler para nós? — Eduardo pede ao meu noivo.

— É claro. — Pega a carta e começa a ler.

“Queridos filhos (Não tão queridos assim)

Esta é uma carta de despedida, vocês não merecem, mas decidimos por bem e em comum acordo que vocês soubessem do nosso desfecho.

Casamo-nos por amor, sim, nos amamos muito antes de vocês filhos intrusos e ingratos se intrometessem em nosso meio. Primeiro veio um, depois o segundo e quando nos demos conta, já tínhamos três filhos para criar. Fazer o quê, não é? Já que já tinham nascido, cuidamos e pensamos que nos trariam riquezas no futuro, ledo engano. A cada dia que se passava nos frustrávamos mais com vocês.

Eduardo nunca nos obedeceu e na primeira oportunidade fugiu e sumiu no mundo. Depois conseguimos um marido rico para Eloíse, e você filha ingrata, nunca nos agradeceu pela ajuda de se casar com um bancário bem-sucedido. Pelo contrário, também sumiu nesse mundão sem deixar rastros, deixando-nos em maus lençóis.

Aí apostamos nossas fichas em Hellen, não é? A caçula, a única capaz de nos deixar em uma posição confortável. Enganamo-nos mais uma vez, você só pensava em encontrar um emprego e sair logo de casa e isso não demorou muito a acontecer.

Já que não tínhamos herança mesmo, resolvemos vender tudo o que tínhamos (na verdade quase nada) e com o dinheiro que nos rendeu dessas

vendas, fomos curtir nossos últimos momentos felizes ao lado um do outro. Sem nos preocuparmos com o amanhã. Descobrimos nosso amor que estava escondido e adormecido, aquele mesmo que nos uniu um dia, voltou com força total e resolvemos aproveitar nosso sentimento.

Torramos todo o dinheiro em passeios maravilhosos, onde renovamos nosso amor. Só que agora o dinheiro acabou e como sabemos que vocês filhos ingratos jamais nos darão a vida que merecemos, resolvemos dar um fim às nossas vidas juntos. Amamo-nos tanto e acima de tudo e de todos que vamos morrer juntinhos e abraçados.

Não pense que nunca sentimos nem um tipo de sentimento por vocês, amamos vocês à nossa maneira, mas nosso amor é mais forte do que qualquer tipo de amor secundário.

Estamos em nossa última viagem, um cruzeiro marítimo, estamos muito felizes por fazermos o que faremos. Pularemos juntos ao mar, abraçados.

Não tentem nos procurar, não nos encontrarão. Estaremos felizes porque estaremos juntos, nos amando além dessa vida.

Sintam-se livres para fazerem o que quiserem sem se preocuparem conosco.

Atenciosamente,

Seus pais:

Mariângela e Josias Bastos

Todos na sala choram e ficam em choque. Hellen é a primeira a falar.

— Tudo se explica agora. O porquê de eles nos tratarem a vida toda dessa maneira. Eram egoístas e mesquinhos. Pelo menos não nos deixaram com dívidas para pagar.

— É lamentável saber que eram nossos pais e que nunca se importaram conosco de verdade — Dudu fala.

— Mil anos podem se passar e jamais vou compreender essa atitude egoísta de ambos. — Falo por fim.

— Agora que tudo está esclarecido nessa parte, deixaremos isso de lado, vamos enterrar esse nosso passado e mudar a página. Eles desejavam isso, então que esse desejo seja concedido. — Eduardo fala por fim.

Eu e Hellen concordamos, enquanto Daniel e Bianca não opinam.

— Bem, então vamos à notícia boa! — Bianca fala sorridente.

— É mesmo meu amor! Vamos alegrar essa casa — Dudu diz beijando Bianca.

— Ah, parem com essa *melação* e vamos logo com a notícia, chega de

lamúrias — falo fingindo indignação.

— Então, vamos direto ao assunto porque já estou com fome. — Dudu sorri.

— Conta uma novidade — Hellen fala revirando os olhos.

— Eu e Bianca estamos esperando um bebê — diz finalmente.

— Que maravilha! — Eu e Hellen falamos em uníssono.

— Oba, meu primeiro sobrinho. — Até Daniel se empolga com a notícia.

— Ai, meu Deus, serei titia e daquelas bem babonas! — Falo, emocionada.

— Eu serei mais babona ainda, aproveite a onda Elô, e trate de me dar logo mais um sobrinho para eu mimar, assim os dois nascem pertinho um do outro.

— Ainda é cedo gente. — Olho para Daniel que parece concordar com minha irmã. Reviro os olhos para ele que sorri ainda mais.

— Sabíamos que ficariam felizes! Eu estou nas nuvens. Este bebê era planejado para o próximo ano, mas Deus quis que ele viesse agora e é muito bem-vindo.

— MUITÍSSIMO bem-vindo. — Bianca fala com a voz embargada.

— Conta tudo Bianca, como anda essa gravidez? — pergunto eufórica.

— Ah, gente! Esse bebê ainda nem nasceu e já está me dando um trabalhão, tenho passado muito mal, principalmente pela manhã e à noite com enjoos e azia.

— Isso é normal Bianca — o doutor Daniel se incorpora e reviro os olhos mais uma vez sorrindo para ele — Estou falando sério, meu amor. Raramente uma mulher não sente um desconforto aqui ou outro ali durante a gestação.

— Eu sei meu amor, é só que, você está sempre em pose de médico não relaxa nem na sua folga. Isso sim é amor pela profissão. — Abraço-o.

Após almoçarmos, Daniel pega uma faca e bate delicadamente na taça em que bebeu o vinho.

Tlin... tlin...

— Atenção família da Eloíse e agora minha também. — Chama a atenção de todos. — Agora sou eu quem tem um comunicado a dizer.

— Ai, meu Deus! — Hellen exclama emocionada. — Será que serei titia de mais um bebê?

— Não apresse as coisas Hellen. Escute primeiro — Chamo sua atenção, mas ainda assim sorrio carinhosamente para minha irmã.

— Então, continuando, sei que eu deveria ter feito este pedido há tempos, passei a carroça na frente dos bois, mas ainda estou em tempo de me redimir. — Faz um suspense e silencia por um curto tempo, onde ninguém fala nada. — Eduardo, como você é o irmão mais velho de Eloíse, gostaria de pedir a mão dela em casamento. — Termina de falar e escuto os suspiros das mulheres presentes. — Que fique bem claro que a benção de vocês é muito importante para nós.

— O amor é tão lindo! — Hellen fala com um olhar sonhador e todos nós, sorrimos deixando-a sem graça.

— Lembrando que, mesmo sem sua autorização vamos nos casar. — Meu noivo é mesmo pretensioso.

— Eu jamais vou impedir a felicidade de minha irmã, e se você a faz feliz, quem sou eu para impedir a felicidade de vocês? A minha benção vocês já têm.

— Muito obrigado Eduardo, prometo dar continuidade à felicidade de Eloíse. — Pausa um pouco e continua. — Vamos brindar a esse casamento e ao nosso futuro?

— Vamos brindar. — Foi uma euforia só e votos de felicitações a nós. Depois Daniel e Eduardo nos abandonaram na sala por não suportar nossas brigas por causa da ornamentação e do vestido, das flores e por aí vai.



Vou à faculdade pegar minhas notas finais e aproveito para pegar o resultado dos meus exames no laboratório e já mostrar ao meu médico. Nem me preocupo em olhá-los, não vou entender nada mesmo.

— Seus exames estão ótimos Eloíse. — O médico diz.

— Mas doutor, e todo esse cansaço, essa falta de ânimo e esse sono sem fim? Sinto-me totalmente sem energia.

Ele junta suas mãos sobre a mesa, me encara e sorri.

— Você não olhou os exames, não é mesmo Eloíse? — Balanço a cabeça, um pouco assustada. — Você está grávida — diz sem rodeios.

— Mas eu estou tomando o anticoncepcional certinho há mais de três meses.

— Não se esqueceu de tomar nem um dia sequer? — Arqueia uma sobrancelha.

— Não. Nem sempre o tomo no mesmo horário, mas tomo fielmente todos os dias.

— Todo método contraceptivo é 99,9% seguro, mas infelizmente existe aquele 0,01% de chance de falhar. Como você não tomava fielmente no mesmo horário todos os dias, bem-vinda às estatísticas. Parabéns mamãe. Vou passar as vitaminas e mais exames para começarmos o seu pré-natal.

Nem escuto direito o que o médico diz. Estou anestesiada. Daniel vai amar a novidade.

Voltando para casa tenho a ideia de fazer uma caça ao tesouro para contar-lhe a notícia. Ainda bem que ele só volta para casa amanhã pela manhã, terei muito tempo para arquitetar meu plano.



Capítulo 19

Daniel

Chego em casa e me deparo com Eloíse segurando um cartaz enorme na porta de entrada — ela já sabia que eu chegaria agora, me ligou mais cedo —, com os dizeres: “É a hora da caça ao tesouro!”

— O que você está aprontando, meu amor? — Pego o cartaz e beijo-a em seguida.

— Para descobrir o que é você terá que encontrar todas as peças do quebra cabeça e depois montá-lo aqui na mesa da cozinha. Não vale trapaças, ficarei de olho.

— Ai, meu Deus! Será que meu pobre coração vai aguentar? — pergunto nervoso, o que será que me espera nessa caça ao tesouro?

— Vamos às regras dessa brincadeira — diz sorrindo.

— E ainda tem regras? E se por acaso eu não conseguir alcançar o objetivo esperado?

— Por isso existem as regras meu amor. Vamos a elas então — diz animada. — A primeira regra é a seguinte, não pode trapacear, mas isso eu já falei. Se por acaso não conseguir matar a charada você terá uma chance extra para cada etapa.

— Somente uma chance extra? — Reclamo.

— Você é inteligente, Dani, e sei que nem vai usar todas as chances extras. Lembrando que seguirei você por toda essa caça ao tesouro, não vou aguentar esperar você voltar à cozinha, eu vou morrer de tédio se ficar aqui sozinha.

— Então que comecem os jogos — falo colocando minha pasta na cadeira. — Por onde começo?

Eloíse entrega-me um envelope de carta com bilhete dentro.

— Quando foi que planejou esse jogo meu amor? — pergunto ao ler o que está escrito.

“Bem vindo à caça divertida ao tesouro, agora que começou não tem mais volta! Para seguir em frente mate a primeira charada: Para achar o que procura rapidinho, tem que estar com o pé quentinho.”

— Pé quentinho? Só pode ser na sapateira ou gaveta de meias! — falo e corro para o closet. — Essa é moleza.

— Fique aí se achando o máximo só porque acha que acertou a primeira pista. — Eloíse me esnoba e corre atrás de mim pela casa.

— Haha! Não falei! — Grito ao pegar o segundo envelope com a primeira peça do quebra cabeças. Abro-o e leio a próxima charada.

“Olhe só que arrepio, a próxima peça está em um lugar bem frio.”

— O lugar mais frio aqui de casa é a geladeira. — Corro para lá e encontro o próximo envelope no congelador.

— Está indo bem meu amor. — Eloíse vibra com meus achados. — Para de enrolar porque estou ficando ansiosa já.

Abro o terceiro envelope com a segunda peça, vou colocando todas juntas em um mesmo envelope.

“Para entender o que a dica falou tem que usar a palavra Alô!”

— Alô é ao telefone. — Corro para a sala e lá está o envelope, na mesa do telefone.

Rapidamente abro o envelope e leio a próxima charada.

“Não desista de sua corrida, esquente um minuto a sua comida.”

— Eloíse, eu estou falando que está fácil! — Mais uma vez volto à cozinha e ela vem ao meu encalço sorrindo à toa.

E sigo mais uma charada.

“Se precisar, para um pouquinho e pode tirar um cochilinho.”

— Tiro cochilos na cama! — Corro para o quarto, neste momento minha adrenalina está a mil e estou achando muito divertido essa caça ao tesouro. Reviro tudo e acho a próxima pista embaixo de meu travesseiro.

“Para a pista ficar completa tem que encontrar a bicicleta!”

— Só pode estar na academia e é para lá que eu vou. — Sigo até nossa academia, mas quebro a cara e pela primeira vez nesse jogo. — Não está aqui Eloíse e agora? Vou recorrer ao bônus.

— Falei para não ficar contando com o ovo antes de a galinha botar. Pensa um pouco.

— Não temos outra bicicleta em casa, portanto não faço ideia do que seja. Quero recorrer à pista extra.

— Então tudo bem! Para acessar a pista extra você terá que convencer-me.

— Ah, vai ser mole. — Chego perto dela e a seduzo, beijo seu pescoço e subo por sua orelha, sussurro em seu ouvido — Onde está a pista meu amor?

— Assim é golpe baixo Dani, a próxima pista está na biblioteca.

— Caramba, porque não pensei antes! Está no aparador. Desculpa meu amor, mas vou te deixar aqui. — Saio em disparada para a biblioteca e me deparo com apenas um livro escorado pelo aparador em formato de bicicleta.

Abro-o e encontro minha pista.

“Para encontrar mais uma peça desse quebra-cabeça divertido e gostoso, você tem que estar muito cheiroso!”

— Meus perfumes, e é para lá que eu vou correndo. Eloíse, tente me acompanhar! Você está sendo muito boazinha!

Debaixo de um frasco de perfume encontro a próxima pista.

“Hoje o dia vai ser legal e com muita diversão, com certeza no fim de tudo você vai precisar de muita água e sabão!”

— Água e sabão eu encontro na lavanderia, mas pode ser também na banheira, por que não? — Aproveito que estou no quarto e sigo para o banheiro, achando dentro da banheira de hidromassagem mais um envelope.

— Você está se saindo melhor do que a encomenda meu amor! — Falta bem pouco para terminar a caçada.

“Enfeito o chão do seu lar e sou macio de pisar!”

— Ah, brincadeira Eloíse! Quantos tapetes nós temos em casa? — Essa não vai ser fácil, vou ter que procurar um por um.

— Mas me diz quantos são macios ao pisar. — Tampa a boca com a mão — Ops! Acabei dando a dica extra. — Sorri e me segue.

— Só o da sala de estar é tão macio meu amor. — Acho o envelope assim que entro na sala e vou logo o abrindo apressadamente.

“Sou uma coisa que você precisa usar depois de comer e acordar!”

— É a escova de dente. — Mais uma vez saio correndo deixando Eloíse para trás.

E lá está ele, meu envelope esperando para ser aberto. Com a adrenalina, nem o percebi ali antes.

“Quando sua barriga roncar, lá as guloseimas você vai encontrar!”

— Guloseimas ficam nos armários da cozinha. — Que ansiedade para concluir esse jogo e pegar meu tesouro, o que será?

Abro as portas dos armários a procura do envelope e o encontro debaixo de um pote de balas. Abro-o e fico feliz em saber que está acabando, apesar de estar gostando muito dessa brincadeira.

“Diz-me uma coisa, você tem um sofá? Pois é nele que sua próxima pista está!”

—É no meu sofá mesmo ou no da sala Eloíse? — pergunto eufórico.

— E eu sei lá? Descubra por si só. — Gargalha.

— Isso vai ter troco sua descarada, você que me aguarde. — Passo pela sala e vasculho os sofás, mas neles não tem nada. Vou até o quarto e debaixo da minha poltrona de leitura está o meu tão familiar envelope com a pista seguinte.

“A espera acabou e chegou a hora! A nova pista está aonde toda sujeira das roupas vão embora! Corre lá!”

— Agora é na lavanderia. — Olho presunçoso para Eloíse encostada na porta e passo por ela sorrindo muito.

Pego o envelope e fico maravilhado por saber que é o último e que vou resgatar meu tesouro.

“Parabéns, você conseguiu, espero que goste do seu tesouro! Mas lembre-se de montar o quebra-cabeça para o baú resgatar! (O baú está em cima da geladeira).”

Monto o quebra-cabeça e nele há apenas várias interrogações.

— Sua anjinha má, não me deu nenhuma dica do que é o tesouro. — Reclamo com ela.

— Tudo o que você precisa saber está dentro do baú e a partir daqui vou filmar para guardar de recordação e mostrar para toda a nossa família.

Vou até a geladeira e pego o baú. Coloco na mesa e o abro com cuidado.

Vejo uma plaquinha escrita “1+1=3”, uma toquinha de bebê, um par de luvinhas e um par de sapatinhos, todos na cor vermelha juntos com o teste de gravidez e duas canecas: Papai do ano e mamãe do ano.

— É sério isso meu amor? — Minha voz sai embargada e meus olhos estão ardendo, ao olhar para Eloíse, lágrimas escorre por meu rosto, ela também está muito emocionada.

— Muito sério meu amor! Não foi planejado, mas foi a minha melhor descoberta.

— Eu te amo Eloíse, amo tanto que chega a doer. — A vejo desligar a câmera do celular e beijo seu ventre. — Ei, bebê o papai já te ama muito, tanto quanto ama a mamãe!

— O bebê manda dizer — Eloíse responde com a voz embargada. — Que a mamãe e ele também amam muito o papai.

— Sabe aquela pista de que eu ia precisar de muita água e sabão? — Ela balança a cabeça. — Então, vamos lá encher a banheira porque depois vamos usar a pista do travesseiro.

Sorrimos juntos, nossa felicidade é plena neste momento e sei que agora

estamos completos.



Capítulo 20

Eloíse

Acordo no meio da madrugada atordoada. Não sei se eu estava sonhando ou se estava revivendo o passado, só sei que parecia ser bem real. Um medo percorre todo meu corpo e fico gelada. Daniel está de plantão, portanto, estou só.

Vou até a cozinha tomar uma água para me acalmar, todavia o medo está presente sem me dar trégua. É como se a qualquer momento Reinaldo pudesse me achar e voltar a fazer suas maldades. Sei que agora sou bem mais forte do que antes, mas ainda assim estou amedrontada. Serei mãe e o medo triplica só de imaginar ele fazendo mal ao meu filho.

Deito-me no sofá trocando os canais, procurando por algo interessante na televisão. Só me dou conta de que dormi ali mesmo quando Daniel chega pela manhã e me encontra encolhida no sofá. Meu coração se enche de amor ao vê-lo.

— Meu amor, eu não acredito que passou a noite neste sofá! — Carregame no colo até a cama e me dá um beijo de bom dia.

— Não passei a noite lá meu amor. — Passo minhas mãos por seu pescoço para ajudá-lo com meu peso e é claro que não vou dizer o motivo pelo qual perdi o sono na madrugada, direi parcialmente o que me manteve acordada. — Acordei de madrugada e fui beber um copo com água, mas perdi totalmente o sono, aí me deitei lá para assistir um pouco de televisão. Acabei adormecendo por lá mesmo.

— Fico com o coração partido em deixá-la em casa sozinha, meu amor. Vou procurar alguém para me substituir no hospital para diminuir meu ritmo de trabalho.

— Não precisa Dani, sério mesmo. Não é sempre que isso acontece.

— Eu sei, mas quero curtir esse barrigão crescendo e todas as etapas dessa gravidez e se eu continuar nesse ritmo de trabalho perderei tudo isso.

— É, olhando por este lado, concordo com você.

— E como andam os preparativos para a colação de grau na semana que vem? — pergunta da porta do closet.

— Já comprei o vestido e estou muito empolgada, mas acho que não vou ao baile, esse bebezinho está dando muito trabalho para a mamãe. É raro o dia que não sinto enjojo.

— Vai passar meu amor e você vai sentir falta de todas as fases da

gravidez, inclusive dos enjoos. — Daniel se aproxima, beija minha barriga e minha boca.

— E como foi o plantão? — pergunto interessada.

— Foi bem agitado, mas no final, vencemos mais uma batalha. Aliás, raramente trabalho em um plantão tranquilo. — Gargalha. — E o trabalho, como está levando?

— Não trabalho sozinha, Dani. Tem mais três profissionais no RH junto comigo, todo o trabalho é dividido por igual.

— Pelo menos a loucura de Fabiany serviu para uma coisa boa. — Daniel fala. — Agora você trabalha bem menos que antes.

— Pois é, até retirei a queixa contra ela. Não compensa seguir com isso. E estou amando minha nova função.

— Isso é muito bom, estarmos em paz com aquilo que nos identificamos.

Daniel vai para o banheiro tomar sua ducha e fico deitadinha lhe esperando. Com ele em casa sinto-me mais segura. O frio e o medo da madrugada se dissipam e me acalmo. Porque sei que seus braços é o meu lugar preferido e assim, acabo adormecendo novamente.



Uma semana depois

Hoje é o dia de minha colação de grau, estou muito feliz por ter chegado até aqui, ter o apoio dos meus irmãos e da família do Daniel é muito importante para mim. Quem diria que aquela mulher amedrontada de cinco anos atrás que nem sequer podia sair de casa sozinha chegaria até aqui e estaria feliz?

Realmente as voltas que o mundo dá são necessárias para que possamos seguir de cabeça erguida. Apesar de estar muito feliz, sinto uma angustia sem sentido ao me arrumar. É como se algo estivesse prestes a acontecer, mas afasto todos os pensamentos ruins e sigo me arrumando.

— Oi! — Hellen entra em meu closet. — Nossa! Como você está linda Elô, não sei se é por causa da gravidez, mas sua pele está maravilhosa e seu corpo esplêndido, seus cabelos, então? Nem se fala.

— Ah, para com isso Hellen, assim fico com vergonha. — Ela revira os olhos e sorrio de sua reação.

— O que eu falo é a mais pura verdade. Você sempre foi linda, Elô, mas

agora está maravilhosa. É como se este bebê te fizesse reluzir.

— Daqui a alguns meses quando eu estiver parecendo uma bola você me fala novamente se estarei bonita?

— Para mim você sempre estará bonita. — Segura em minhas mãos e fala fixando os olhos nos meus — Onde quer que eu estiver, estarei olhando por você. — Ela sorri e um frio na espinha, arrepiando-me dos pés a cabeça.

— Porque diz isso Hellen? Deixa de bobeira, estaremos sempre juntas. Ou já se esqueceu de que você é quem vai me ajudar a trocar as fraldas deste bebê que está crescendo aqui dentro? — Franzo a testa um pouco preocupada. — Eu hein, hoje você está estranha.

— Estou normal. Vou mesmo mimar muito esse bebê e serei sua protetora. — Abraça-me apertado.

— Ai, meu Deus! Estou vendo que vou sofrer para educar essa criança. Tendo uma tia que antes do bebê nascer já diz que vai mimar e protegê-lo muito. — Sorrimos e seguimos abraçadas até a sala.

— Nossa! Como minha noiva está linda! — Daniel vem em minha direção elogiando e já me abraçando.

— Falei o mesmo para ela, mas não acreditou em mim. Quem sabe você a convença, não é cunhado? — Hellen sorri ao dizer.

— Mais tarde a convenço com certeza. — Daniel fala com uma voz rouca cheia de promessas e sorri.

— Me poupem destes detalhes sórdidos. — Hellen tampa os ouvidos, entretanto gargalha. — Cuide bem de minha irmã, do contrário faço picadinho de você. — Hellen o provoca.

— Vocês tiraram o dia para me constranger. — Reviro os olhos.

— Estou falando sério, Elô. Você é muito importante para mim, não sei o que seria de mim sem você.

— Vamos parar já com isso antes que eu me atrase. Que tal irmos?

Seguimos em uma conversa alegre e leve até o local onde será celebrado o culto ecumênico e a colação de grau. Já no salão sinto que estou sendo observada constantemente, passo os olhos por todo o ambiente, mas não consigo notar ninguém com olhar diferente em minha direção. Apesar desta sensação estranha, tudo foi perfeito.

No final recebo os cumprimentos dos meus irmãos, dos pais de Daniel e sua irmã e me despeço de meus colegas de faculdade, afinal de contas, não irei ao baile.

Daniel me abraça e diz que está muito feliz com minha conquista.

— Que tal comemorarmos em uma pizzaria Elô? — Hellen sugere e em seguida me abraça muito apertado, é como se fosse um dos nossos últimos abraços.

— Está acontecendo alguma coisa Hellen? — pergunto meio amedrontada, aquela sensação estranha insiste em aparecer constantemente.

— É claro que não. Só quero ficar abraçadinha assim com minha irmã para sempre. Já que daqui a alguns meses esse serzinho que mora dentro de você vai roubar todo seu tempo e eu serei jogada para escanteio.

— Não acredito que está com ciúme do próprio sobrinho? — Daniel brinca com ela.

— Eu estou mesmo me corroendo de ciúmes, mas sei que quando vir àquela carinha linda me arrependerei de ter ficado com ciúmes dele ou dela, o mesmo serve para seu bebê Bianca. Eu amarei esses dois bebezinhos incondicionalmente de onde eu estiver.

— Outra vez esse papo Hellen? — pergunto estranhando a conversa.

— O que foi? Posso estar em minha casa e vocês na suas e ainda assim, meu amor será incondicional. Vamos logo comer, porque estou faminta.

Como não rir de minha irmã?

Seguimos em carros separados e Hellen continua grudada em mim, feito um carrapatinho. Tirou o dia para me mimar e, confesso que estou adorando todo esse paparico.

Comemos nossa pizza e aquela sensação ruim não dava trégua por nada. Observo meus irmãos felizes por mim, eles sorriem o tempo todo. Todos estão felizes demais, espero que nada estrague nossa felicidade. Daniel está exultante e, seus pais da mesma forma. Então deixo de lado minha neura e relaxo, aproveito o momento.

Na saída da pizzaria Daniel pede o carro ao manobrista e aguardamos na calçada enquanto nos despedimos de meu irmão e minha cunhada, uma vez que os pais de Daniel e Amanda vão ficar em nosso apartamento e a carrapatinho da Hellen também. Quando de repente, um carro invade a calçada em alta velocidade.

Tudo aconteceu muito rápido e quando percebo, Hellen me empurra, voa pelos ares e é arremessada há uma distância de mais de três metros. O carro sai em disparada cantando pneus pela rua sem nem ao menos prestar socorro.

Pura covardia.

Tive a impressão de ter escutado uma gargalhada, mas pode ter sido apenas coisa de minha imaginação. Meu irmão que já estava dentro de seu carro,

desce e corre em direção a Hellen que está agonizando no chão.

Fiquei sem chão quando cheguei perto dela, Hellen está toda ensanguentada, agonizando de dor, mas tentando ser forte o tempo todo. Aquela cena destruiu meu dia, minha doce irmãzinha ali caída e eu sem poder fazer nada.

— Por favor, Hellen, você não pode nos deixar! — Grito aos prantos. Amanda tenta me afastar de Hellen para que Daniel preste os primeiros socorros, mas não quero me afastar dela, não ainda. Sinto que esses serão nossos últimos momentos juntas.

— Meu amor, eu preciso que você se acalme para que eu possa ajudar a Hellen. — Daniel segura meu rosto com as duas mãos e encaro seu olhar triste e piedoso.

— Ela não vai sobreviver Daniel e tudo por minha culpa! Isso não foi um simples acidente — grito, cheia de dor. — Era para ter sido eu, você viu como ela me empurrou e se jogou na minha frente?

— Sim, meu amor, agora se acalme um pouco, faça isso pelo bebê. Cuidaremos para que Hellen fique bem.

— Promete que ela vai ficar bem?

— Prometo que farei o possível para que isso aconteça. Agora me dê espaço, preciso prestar-lhe os primeiros socorros. Alguém acione o Samu? — Afasto-me e sou amparada por Eduardo e Bianca que choram, sofrendo assim como eu.

Faço uma prece silenciosa pedindo a Deus para que não tire de mim minha preciosa irmã. Já perdi muito nessa vida, não posso perdê-la também. Vejo Daniel fazendo massagens cardíacas em Hellen e ao longe escuto barulho de sirenes. Continuo rezando e me apego com Deus.

— Dudu, ela não pode nos deixar! Dudu, nossa irmãzinha foi atropelada! — Choro agarrada ao meu irmão, sem deixar de olhar nem um instante para Hellen.

— Parece que ela sabia que algo estava para acontecer, Elô! — Eduardo fala em meio ao choro. — Hoje pela manhã, ela foi lá para casa, me abraçava o tempo todo, com certeza ela estava sentindo que algo estava para acontecer.

Bianca compartilha de nossa dor. Somos muito unidos.

Meu coração está despedaçado e sangrando. Se eu pudesse trocaria de lugar com ela e, acho que foi exatamente o que ela fez. Tomou o meu lugar. Tinham muitas pessoas ao redor de Hellen, muitos curiosos e poucos querendo realmente ajudar. Sentia o tempo todo como se alguém ainda me observasse, mas

olhava para todos e não conseguia ver ninguém que pudesse tentar me fazer mal.

Quando os paramédicos chegam, tomam o lugar de Daniel e rapidamente a colocaram em um balão de oxigênio e a levam imediatamente ao hospital. Os seguimos em nossos carros, Daniel compenetrado na direção, mas me olhava de tempos em tempos preocupado e com aquele olhar pesaroso.

— Ela vai morrer, não vai? — pergunto do nada, ele não responde, mas para bom entendedor, um olhar de pena basta. Choro copiosamente.

— Calma meu amor, vamos esperar os médicos nos dar uma posição sobre o quadro dela, ainda não posso afirmar ou negar nada.

— Já estamos aqui há bastante tempo e ninguém diz nada! — Impaciente, ando pela sala de espera.

— É assim mesmo, ela chegou e foi direto para o poli traumatismo, já sabemos que está em cirurgia, daqui a pouco vou em busca de novas informações. Eu prometo.

— Como médico, o que você tem a me dizer? — pergunto. — Não me poupe Daniel, posso ter esperanças mesmo se forem mínimas?

— Não posso te enganar Eloíse, o quadro de sua irmã é bem delicado. Antes de o SAMU chegar, Hellen sofreu uma parada cardiorrespiratória, algumas lesões são expostas e sangramento pelo nariz. Se ela sobreviver poderá ficar com alguma sequela e sofrendo pelo resto da vida.

— Então, vou deixar de ser egoísta e pedir a Deus que faça o melhor por minha irmãzinha. Não posso apenas pedir para que ela sobreviva correndo o risco de sofrer pelo resto da vida. Não vai ser fácil aceitar, mas só peço que Deus faça o melhor para ela. — Daniel afaga meus calos e choro tanto que acabo adormecendo em seus braços.



Acordo-me sobressaltada, com um médico chamando pelos familiares de Hellen. Já espero pelo pior, não tem como ela sair ilesa de um atropelamento tão grave como este.

— A cirurgia terminou e a paciente foi transferida para a UTI — o médico fala quando nos aproximamos dele —, vocês ainda não podem visitá-la. Seu estado é gravíssimo e delicado.

— Mas ela vai sobreviver doutor? — Eduardo pergunta esperançoso.

— Ainda não podemos dar garantia de nada, como falei o estado de

saúde dela é muito delicado, ela está respirando com a ajuda de aparelhos e durante a cirurgia ela sofreu mais duas paradas cardiorrespiratórias. Ela tinha múltiplas fraturas pelo corpo e apresentava um quadro já delicado. Agora o que nos resta é aguardar. As próximas vinte e quatro horas serão decisivas para a vida da paciente.

— Podemos aguardar aqui? — pergunto.

— Sugiro que vão para casa e descansem. Qualquer mudança no quadro, entraremos em contato com vocês. De qualquer forma ainda não poderão visitar a paciente.

Com um olhar pesaroso, ele se despede e sai pelo corredor.

— Como a vida é injusta, ela é tão jovem e cheia de vida, não merecia isso — falo chorando, nos braços de Daniel. Eduardo aperta Bianca em seus braços como se ela fosse sua tábua de salvação.

— Elô, vamos para casa descansar um pouco? Você precisa se alimentar.
— Daniel fala carinhoso.

— Não tenho fome, aliás, estou anestesiada e não sinto nada.

— Eu sei o quanto você está sofrendo meu amor, compactuo com sua dor, mas pense em nosso bebê, ele precisa de você.

Saio de meu torpor quando ele fala do bebê, ele precisa de mim tanto quanto minha irmã e sei que ela não aprovaria que eu ficasse sem comer.

— Tudo bem, mas voltaremos para o hospital assim que possível.

— Eu prometo, meu amor.

Saímos do hospital com o dia já claro e por ironia, nublado. Parece que até o céu resolveu chorar pelo que aconteceu com Hellen.

No carro, um filme se passa em minha mente, desde quando éramos crianças, quando ela corria para minha cama na madrugada por medo de dormir sozinha, nosso companheirismo e confiabilidade uma na outra. Quando Reinaldo me agrediu e que perdi a memória, como ela cuidou tão bem de mim e tentou me proteger a qualquer custo das maldades dele.

Quando foi sequestrada, quase enlouqueci até que ela estivesse novamente em minha companhia. Como ela vibrou em saber que eu estava grávida e, por último como ela queria me passar uma mensagem oculta com as frases estranhas que ela dizia ontem.

É como se ela soubesse que algo de muito ruim estava prestes a acontecer e por isso queria passar o maior tempo possível grudada em mim, para que as boas lembranças sobressaíssem às tristes.

Tento relembrar a cor do carro, placa ou até mesmo do motorista, mas é

praticamente em vão, nada me vem à cabeça. Só me lembro de Hellen me empurrando e tomando o meu lugar, isso jamais vai sair de minha memória. Era para ter sido eu, tenho certeza!

Até nisso ela quis me proteger, minha doce irmã. Por mais que eu a queira ao meu lado nos encantando com seu sorriso e espontaneidade, não posso ser mesquinha e pedir que ela fique. Só posso pedir que ela consiga um bom lugar e continue sendo feliz. Sei que ela não ficará aqui por muito tempo, sinto que seu tempo conosco está finalizando. Só espero ter a chance de abraçá-la uma última vez e dizer o quanto a amo.



Hellen

Senti-me estranha o dia todo, mas estava em paz e muito feliz por estar ao lado de minha irmã. Sentia que era meu último dia ao seu lado, então, aproveitaria ao máximo enquanto pudesse abraçá-la. Faria deste dia o mais perfeito e quando ela estivesse triste, se lembraria dos momentos em que fomos felizes ao lado uma da outra.

Arrumei-me e fui para seu apartamento, não podia me desgrudar dela, afinal, nosso tempo era escasso. Sua barriga ainda não está aparecendo, mas Elô está radiante, reluzindo com essa gravidez. A única coisa que lamento é que este bebezinho não irá me conhecer pessoalmente, mas sei que de onde eu estiver estarei cuidando para que seja a felicidade de minha irmã.

Após a colação de grau de Eloíse, sugeri que fôssemos a uma pizzeria comemorar mais essa conquista. E na saída, sabia que era chegado o momento.

Na calçada, avistei o carro vindo em alta velocidade. Apesar de estar com muito medo, não pensei duas vezes em empurrar Eloíse para o canto e tomei o seu lugar. Foi surreal, a dor dilacerante, tentava lutar pela vida, escutava o burburinho das pessoas ao redor. Tentava a todo custo dizer que estava bem e que esta era minha missão aqui na terra, mas minha voz não saía, o ar começou a me faltar, senti que minha vida se esvaía sem que eu pudesse dizer o último adeus aos meus irmãos.

Escutava Eloíse ao longe chorando e pedindo a Deus para que eu ficasse com ela. Oh, minha irmã! Não faça isso, de onde eu estiver estarei olhando por vocês. Senti quando meu fio de vida escapou. Foi quando tive a primeira parada cardiorrespiratória, deduzi ser Daniel a tentar me trazer de volta a vida, por ser o único médico no local, foi quando voltei a respirar parcialmente.

Pessoas me socorriam e moviam-me delicadamente, colocando-me em uma maca fria. O choro de Eloíse e Eduardo era o que mais dilacerava meu coração.

Não conseguia ver nada ao redor, escutava apenas muitas pessoas falando ao mesmo tempo. Isso não me amedrontava, eu sabia que minha missão estava concluída.



Ponto de vista do assassino:

Tudo foi minuciosamente planejado, detalhe por detalhe. O dia seria este, na colação de grau dela. Eu só não contava com Hellen trocando de lugar com Eloíse. Isso definitivamente não estava em meus planos.

Era para ter sido Eloíse e seu bebê! Há mais de cinco anos planejo seu fim. Ela sempre em meu caminho impedindo minha felicidade. Hellen não tinha nada que bancar de heroína e salvar aquela que deveria ter partido para o além no mínimo uns nove anos antes.

Ela brinca de ser gata, só pode! Deve ter sete vidas como o bichano. Tantas vezes já tentei por um fim em sua vida, mas ela sempre se safa.

A Segui o tempo todo de perto, porém fui discreta em minha perseguição, tanto que nem mesmo Daniel percebeu minha presença. Esperava por uma boa oportunidade, e o momento exato chegou quando os vi aguardando o carro na calçada.

Mantive o carro ligado e parado na esquina, calculei detalhadamente meu tempo e no momento certo, dei partida e acelerei. Eloíse estava em um ponto propício para que tudo desse certo. Meu plano era infalível! Não teria como ela sobreviver.

Meti o pé no acelerador e me joguei sobre ela, meu sorriso estava radiante, agora sim eu teria a vida que eu merecia sem a sombra dela em meu encalço. Meu plano perfeito saiu pela culatra, quando a bastarda de sua irmã a empurrou e tomou seu lugar.

Entretanto, vocês acham que ainda assim fiquei triste? É claro que não! Eloíse não morreu *desta vez*, mas ainda assim sofrerá a perda da irmã que tanto ama. Isso me dá um pouquinho de satisfação.

Quando o carro acertou em Hellen, ela voou e caiu em queda livre batendo primeiro as costas, depois a cabeça. Minha alegria neste momento foi imensurável. Ver o pavor nos olhos de todos foi espetacular. Principalmente o terror no olhar de Eloíse. Ah, minha querida, era para ser você, mas não me faltarão oportunidades para isso.

Fugi o mais rápido que pude, abandonei o carro que roubei alguns dias antes em um beco escuro. Precisava voltar e ver de perto meu trabalho quase que perfeito.

Foi maravilhoso saber que Eloíse mais uma vez sofreria, meus olhos brilhavam em expectativa, tinha vontade de me aproximar, mas por cautela, mantive-me à sombra para não correr o risco de ser reconhecida.

Quando o resgate chegou, percebi que era a hora de retirar meu time de campo, de qualquer forma, não será hoje que conseguirei concluir meus planos. Portanto, vou comemorar meu plano quase perfeito. Não saiu como eu gostaria, mas foi até melhor do que imaginava.

Ainda não é o fim, em breve vocês terão notícias minhas.



Capítulo 21

Eloíse

— Que lugar é este Hellen? Para onde estamos indo? — Estamos em uma estradinha adornada por todos os tipos de flores, estamos ambas com roupas brancas e reluzentes.

Sigo-a e, ela apenas sorri. Sua felicidade me contagia, dando-me uma sensação de paz e isso também me deixa feliz. Ela transpira felicidade.

— Que lugar lindo! Uau! Por que me trouxe aqui?

— Porque você precisa saber que estou bem e feliz! — Sorri e joga os braços para cima. — Estou em paz Elô, e quero que me prometa que ficará bem e vai fazer o possível para que Dudu também fique bem!

— Por que diz isso, Hellen? — pergunto meio alarmada.

— Você é forte Elô, mas precisará ser ainda mais. — Segura meu ventre — Esse bebezinho aqui será sua fortaleza. Ainda vem muita batalha pela frente, mas você vai contornar tudo e sair vitoriosa.

Sorri e começa a se afastar.

Não se vá Hellen, preciso de você comigo! Preciso de você agora e sempre. — Sussurro e, ela me sorri de volta. Segura em minhas mãos e começamos a correr pelo campo aberto e verde. Deitamos embaixo de uma árvore e sempre sorrindo, segura forte em minhas mãos.

— O sofrimento será inevitável, mas você sentirá minha presença constantemente ao seu lado minha irmã. Obrigada por todo o esforço dedicado a mim. — Beija minha face e seca as lágrimas que escorrem sem que eu nem perceba.

— Não posso viver sem você Hellen — sussurro.

— Você vai se acostumar minha linda, onde quer que eu esteja, cuidarei de vocês. Isso foi necessário para as coisas entrarem em ordem, mas saiba que sempre te amarei e sempre cuidarei de todos vocês.

Ela começa a desaparecer.

— Hellen, não! Por favor! Não me abandone, não, não...

— Calma Elô! Foi apenas um sonho. — Daniel deita-me em seus braços, sussurrando palavras de conforto. — Vai ficar tudo bem, estou aqui meu amor.

— Ela se foi Daniel, para sempre — Falo chorando copiosamente.
— Foi só um sonho meu amor, respira fundo e mantenha a calma. — Daniel continua afagando meus cabelos.
— Preciso de um banho. — Estou molhada de tanto que suei.
— Vou com você. — Em seus braços, sou levada ao box. Daniel entra no chuveiro comigo e me ajuda no banho.
— Ela estava tão linda, Dani — falo já mais calma quando estou me vestindo — Ela estará em um bom lugar, eu vi que ela vai ficar bem e é isso que me conforta.
— Eu sei meu amor, ela sempre foi uma boa pessoa, portanto estará sempre em um bom lugar.
— Vamos logo para o hospital?
— Primeiro vamos tomar café e ligar para seu irmão, acho melhor irmos todos juntos.
Concordo e faço tudo em modo automático.



— Doutor, será que podemos ver a paciente Hellen Bastos? — pergunto ao adentrar na recepção e encontrar o mesmo médico que conversou conosco pela manhã.
— Ia mesmo ligar para vocês. Acompanhem-me, por favor. — Sua cara não é a de quem tem boas notícias para informar.
— *Vai ficar tudo bem!* — Olho para os lados, confusa ao escutar a voz de Hellen. Procuro-a em todos os cantos, mas nada vejo. É como se ela sussurrasse apenas em meus ouvidos.
— Então — o médico começa —, o quadro de saúde da paciente se agravou ainda mais. — Ele fala com cautela. — A paciente sofreu uma parada cardiorrespiratória antes da cirurgia e mais duas durante, isso fez com que ela ficasse bem debilitada e muito frágil — Comum olhar pesaroso ele prossegue, intercalando seu olhar por todos nós. — Temo não ser o portador de boas notícias, mas também não podemos enganá-los. A paciente tem pouquíssimas horas de vida.
O choro no corredor é coletivo, até mesmo Daniel chora.
— Vou autorizar a entrada de vocês na UTI, só peço que revezem para não tumultuar o quarto e agravar ainda mais os poucos minutos de vida que a

paciente ainda tem.

Concordamos e começamos a entrar um de cada vez. Eduardo é o primeiro, seguido por Bianca.

— Sua vez, meu amor — Daniel diz quando Bianca sai do quarto, dilacerada.

— Quero ser a última, Dani. Quero passar com ela seus últimos minutos de vida.

Ele concorda e vai. Não demora muito e é minha vez de entrar.

— Oi! — falo como se ela pudesse me responder. — Obrigada por ter aparecido em meu sonho. — Não vejo nenhum tipo de mudança nos aparelhos, sento-me na cadeira ao lado da cama, seguro sua mão e prossigo. — Eu sei o que você fez por mim Hellen, e serei eternamente grata por sua lealdade, minha irmã. — Grossas lágrimas escorrem pela minha face.

Limpo meu rosto com uma toalhinha que trouxe e prossigo.

— Nosso tempo foi tão curto — minha voz sai embargada. — Você não estará aqui quando esse bebezinho vier ao mundo. Quem vai me dar forças quando o medo tentar me dominar?

—*Estarei ao seu lado minha linda. Não se esqueça disso.*

—Acho que já estou ficando louca com sua ausência. — Dou um fraco sorriso. — Até suas respostas ando escutando.

Olho ao redor para ver se algo se modifica, mas nada acontece.

— Senhora, preciso que se retire, a visita tem que ser breve. — Uma enfermeira me interrompe.

— Tudo bem, já estou finalizando por aqui. — Compadece de minha dor e deixa-me um pouco mais. — Onde quer que esteja, saiba que amo muito você e mesmo com sua partida, este sentimento só tende a crescer. Fique em paz e seja muito feliz minha irmã.

Sinto um aperto forte de sua mão na minha, em seguida ela amolece e um bip forte se faz ouvir na sala.

Em um dos estágios da faculdade presenciei uma cena parecida e sei que minha irmã se foi.

— Preciso que saia agora senhora. — A enfermeira fala e aperta a campainha chamando pelo médico. Só vejo o alvoroço de pessoas entrando na sala enquanto estou saindo em prantos.

— Acho que ela se foi — falo, abraçando Eduardo. — Mas sei que ela ficará bem.

— É isso que me consola minha irmã — Dudu fala chorando.

O médico volta e nos confirma o óbito de Hellen.

Combino com Eduardo de não fazermos um velório longo. O enterro será pela manhã mesmo. Chega de sofrimento, ela não gostaria de nos ver assim. contei para Dudu sobre o sonho e ele diz que teve um bem parecido. Acho que nossa irmãzinha fez direitinho a lição de casa, para que não sofrêssemos tanto com sua ausência.



Meses depois

Daniel me acompanha a mais uma consulta de pré-natal e já sabemos que teremos uma menina. Hellen ficaria radiante com a notícia. Ainda sinto muita falta dela, mas acabei me apegando ainda mais ao bebê para diminuir a dor de sua perda.

Muitas lágrimas ainda caem, sempre que me lembro dela, mas o sorriso já consegue dar o ar da graça em meu rosto, em homenagem a ela que vivia a nos sorrir com sua espontaneidade e generosidade.

Segui seu conselho e escolhi ser feliz por mim, por meu bebê e minha família. Consegui ajudar Dudu a superar a ausência de Hellen. Isso não fará com que ela caia no esquecimento, ela estará sempre presente em nossas memórias. Eu quero aproveitar cada momento que eu possa ter ao lado das pessoas que amo, assim, farei brilhar em meu rosto um lindo sorriso, por ter compartilhado tudo o que foi possível enquanto ela ainda estava ao meu lado.

Daniel se tornou ainda mais protetor quando a polícia começou a trabalhar com a hipótese de homicídio e não de um simples acidente. Para nosso azar, as câmeras da pizzeria estavam desligadas naquele dia. Descobrimos que o carro fora abandonado em um beco bem próximo da pizzeria, e que havia sido roubado poucos dias antes.

Os cuidados foram redobrados e estamos em alerta o tempo todo.

— Vou te deixar em casa antes de ir trabalhar. — Daniel diminuiu bem sua carga horária.

— Não precisa meu amor, posso ir de táxi. — Com a barriga enorme, dirigir se tornou uma tarefa difícil.

— É ruim que vou deixar meus diamantes andando por aí sem segurança — ele passa a mão por meu ventre —, mas não mesmo. Vou te levar em casa e

não se fala mais nisso.

— Não adiantaria dizer não, quando você assume esse lado protetor, ninguém consegue te fazer mudar de ideia.

O caminho para casa foi rápido e tranquilo.

— Se cuida meu amor, não deixe de me ligar por qualquer motivo que seja.

— Tudo bem. — Beijo-o e ele só dá partida novamente quando eu entro no prédio.

— Bom dia, senhora Eloíse. — O porteiro me intercepta antes que eu entre no elevador. — Chegou essa caixa para a senhora.

— Bom dia, senhor Valter. — Sou cordial com ele. — Quando foi que isso chegou? — Estranho, não encomendei nada.

— Faz menos de dez minutos que deixaram aqui.

— E tem remetente? — Um alerta pisca em minha mente.

— Me deixa ver. — Coloca a caixa no chão e olha atentamente todos os lados. — Não, só o destinatário. Estranho, não é mesmo?

— Senhor Valter, pode me achar uma maluca neurótica, mas não vou levar essa caixa para meu apartamento de jeito nenhum. — Começo a tremer e quase chorar, mas tento me controlar para não o assustar. Pode não ser nada, mas não vou me arriscar.

— Calma dona Eloíse, venha comigo —, leva-me até as poltronas no hall — sente-se aqui. Vou pegar uma água para a senhora e chamar a Aninha para ficar aqui com você.

Apenas balanço a cabeça e não tiro meus olhos da caixa por nada. Aninha não demora a chegar, é uma senhora já de meia idade e esposa do síndico e moram no primeiro andar.

— Oi, dona Eloíse! O que está acontecendo? — Questiona quando me encontra trêmula e amedrontada.

— Não sei quem enviou essa caixa dona Aninha. — Aponto para o motivo do meu pânico. — Só sei que isso me apavora.

— Quer que eu ligue para o doutor Daniel? — pergunta ao sentar-se do meu lado para me confortar.

— Não! — Olho-a assustada. — Ele acabou de me deixar aqui e foi para o hospital. O melhor a se fazer é deixar essa caixa aí mesmo onde está. Não tenho coragem sequer de abri-la.

— Se a senhora quiser, posso abri-la por você. — Senhor Valter oferece — Assim espanta de vez esse medo, menina. Imagina só a senhora passando o

dia entre o medo e a curiosidade? Se for apenas um presente, levo para a senhora assim que alguém puder ficar aqui na portaria para mim.

— Mas e se for uma bomba, sei lá pode ser tantas coisas? Depois de tudo que já me aconteceu, não duvido de nada.

— Acho meio improvável que seja uma bomba, a caixa apesar de grande, é bem leve.

— Ok! Pode abrir senhor Valter. — Seguro na mão de dona Aninha e o agradeço. — Obrigada.

— Não precisa agradecer, estou aqui para ajudar mesmo, aqui somos uns pelos outros. — Vira-se e começa a abrir a caixa.

Quando ele termina de abrir a caixa, quase caio para traz. Dentro dela, tem uma boneca, sem os olhos, com a roupa suja de batom vermelho, como se fosse sangue.

Meu desespero é palpável, alguém quer fazer mal ao meu bebê. Abraço dona Aninha e soluto em seus braços. O senhor Valter assustado com o que viu, esconde a caixa em sua guarita.

— Oh, menina, quem poderia fazer uma maldade dessas com você? Venha comigo, hoje você fica em meu apartamento até que o doutor Daniel chegue — dona Aninha diz.

— Alguém que não gosta muito de mim quer prejudicar meu bebê e isso eu não posso deixar. — Direciono-me para o porteiro que está com uma cara de dar pena — O senhor viu quem entregou a caixa, sabe me dizer se é homem ou mulher?

— Era um rapazinho dona Eloíse, se tinha doze anos era muito. Pediu para deixar a caixa aqui e saiu correndo, mas podemos buscar nas câmeras, assim pegamos as características exatas dele.

— Não vai adiantar muito. — Ainda choro, com medo do que ainda está por vir — Pode, por favor, chamar a polícia, senhor Valter? Preciso registrar um boletim.

— Claro, assim que eles chegarem aviso à senhora.

— E você não pense que ficará sozinha naquela cobertura enorme. — Dona Aninha fala já me arrastando para seu apartamento que fica no primeiro andar. — Quando eu disse que passaria o dia comigo falei muito sério. Será um prazer ter sua companhia.

— Não quero dar trabalho dona Aninha.

— Que isso dona Eloíse? Não será trabalho nenhum. E além do mais, depois que meus filhos cresceram e cada um foi viver sua vida, me sinto tão

solitária. Somos apenas eu e o Zé Carlos, nem netos meus filhos me deram ainda, então vou paparicar você e este bebê aí em seu ventre.

— Ah, dona Aninha, me chame apenas de Eloíse. Desse jeito vou me acostumar e não vou querer sair do seu apartamento. — Abraço-a.

— Valter, quando a polícia chegar, mande-os ao meu apartamento.

— Sim senhora. — Ele ainda está com uma cara de dar dó olhando para mim.

— Obrigada mais uma vez senhor Valter e não fale nada ainda ao Daniel, eu mesma quero contar.

Balança a cabeça e sigo para o apartamento de dona Aninha.



— O que seria de mim se não encontrasse em meu caminho pessoas tão boas quanto vocês?

— O que seria de nós se não pudéssemos ajudar uns aos outros? — Responde com outra pergunta — Vou fazer uma broa de fubá divina para tomarmos café, você vai adorar e com certeza vai mudar este astral pesado aí.

Meu telefone toca dentro da bolsa e quando atendo, é meu amor.

— Oi, amor! — Controlo minha voz para que ele não perceba que chorei há pouco.

— Oi, meu amor! Está tudo bem? — Parece estar tenso.

— Claro, por que não estaria? — Estranho sua pergunta, é como se ele soubesse o que me aconteceu.

— Nada — Visivelmente mais aliviado continua. — Liguei para Amanda e como ela está de férias da faculdade, pedi que passasse uns dias com você. Assim ela te ajuda com a compra do enxoval da nossa mocinha.

— Não precisava incomodá-la Dani. — Não menciono que estou no apartamento de dona Aninha, não quero deixá-lo preocupado — Mas já que ela vem, será bem-vinda. Se Hellen estivesse aqui já teríamos comprado muitas coisas. — Minha voz sai cheia de saudades de minha irmã.

— Ela faz mesmo muita falta, meu amor — pesaroso fala. — Sei que ela faria o possível por nossa filha.

— Quando Amanda chega?

— Ainda hoje. Assim que ela estiver em São Paulo vai nos ligar. Preciso desligar agora e trabalhar.

— Tudo bem. Eu amo você Daniel.

— Eu também te amo Eloíse.

Tomo um delicioso café na companhia de dona Aninha, que me fez esquecer um pouco o que me amedrontava. A polícia chegou e fez o boletim, mas deixaram bem claro que encontrar quem enviou a caixa seria quase impossível.

Amanda chegou no meio da tarde, e ficou horrorizada quando viu a boneca na caixa. Agradei dona Aninha pela hospitalidade e prometi que voltaria mais vezes para uma visitinha.



— Então, cunhada que tanto amo e minha preferida. — Amanda começa com sua espontaneidade. — Vamos descansar um pouco e colocar as novidades em dia, há tempos não nos vemos?

— Você só me tem de cunhada, lembra? — Brinco.

— Quem disse? Eu estou com um rolo aí e este rolo tem três irmãs. — Para pensativa. — Na verdade, são três pedras em meu sapato, acredita que são contra nosso relacionamento?

— Às vezes é apenas ciúme do irmão Amanda, mas daqui a pouco passa. — Sorrio.

— Não sei se tenho maturidade para isso. — Continua contando. — Já avisei ao meu casinho, que se elas chegarem perto demais, eu vou descer a mão. Não quero saber de nada.

— Amanda você é hilária, sabe que te adoro não é? Que bom que nos damos muito bem. — Sorri junto comigo.

— Quem será o idiota que enviou aquela boneca horrorosa? — pergunta-me, mudando de assunto.

— Não faço a mínima ideia, só sei que me arrepiou dos pés à cabeça.

— Conhecendo bem o Daniel, sei que assim que ele ver vai surtar.

— Vai mesmo, por isso não quis falar por telefone.

— Vamos deixar isso pra lá, agora me conta, como está minha sobrinha? Quando Daniel nos ligou contando que você espera uma mocinha, fizemos uma festa só. Papai queria comprar charutos e tudo mais. Eu não pensei duas vezes em arrumar minhas malas e voar para cá.

— Não foi uma surpresa para mim. Eu já sentia desde que fiquei grávida,

que seria uma mocinha — Aliso meu ventre —, as mães sempre sentem.

— Estou louca para irmos às compras. Quero participar ao máximo que eu puder da decoração do quarto, claro se você deixar.

— Como assim se eu deixar? É obrigação de uma madrinha participar ativamente de tudo.

— Oh, meu Deus! — Seu grito de felicidade é tão alto, que é bem capaz de toda a cidade de São Paulo ter escutado. — É sério mesmo que serei a madrinha? — Pula do sofá e abraça-me emocionada. — Ah, Elô, estou tão feliz!

— Daniel escolheu você e um amigo, eu escolhi Hellen e meu irmão. — Não controlo minhas lágrimas. — Agora Bianca a substituirá.

— Não fique assim. Hellen estará sempre presente em nossas lembranças e de onde quer que ela esteja, cuidará de vocês.

— Eu sei Amanda! Só não consigo me conformar com o fim trágico que ela teve. Era tão jovem, uma pessoa tão boa, tinha muito para viver ainda.

— Realmente não dá para entender essa maldade, mas um dia teremos todas as respostas para nossas perguntas.

— Assim espero Amanda.

— Que tal mudarmos de assunto e falarmos sobre o enxoval dessa princesinha aí? — Acaricia minha barriga. — Hellen não ia gostar de te ver triste.

— Você tem razão, ela ia puxar minha orelha se soubesse que ando chorando tanto.

Aproveito que estou de folga e começamos a planejar as compras para nossa pequena e os problemas do dia acabam por cair momentaneamente no esquecimento.



Capítulo 22

Daniel

Saber que seria pai de uma menina foi uma surpresa enorme. Eu não tinha preferência e meu coração se encheu de alegria.

Vou ter que conviver em meio às bonecas, panelinhas, batons, esmaltes e maquiagens. Sem contar quando virar mocinha terei que controlar meu ciúme quando começar a namorar. Nem vou pensar muito nisso, minha cabeça até coça só em pensar nela toda produzida, pronta para sair e um moleque a esperando na sala para saírem de mãos dadas. Deus me defenda!

Meu sorriso é enorme e por onde passo sou notado.

— Bom dia doutor Daniel. — O porteiro corre para falar comigo.

— Bom dia, algum problema? — Assusto-me, pois apenas nos cumprimentamos e sigo para os consultórios.

— Deixaram uma caixa para o senhor aqui na portaria, quer pegar agora?

— Claro! Melhor pegar de uma vez.

— Outra coisa — ele começa meio apreensivo —, comecei uma investigação por conta própria a respeito do seu pára-brisa quebrado e a única coisa estranha no vídeo, é uma mulher que apareceu naquela noite por aqui. Conversando com o porteiro da noite, ele relatou que essa mesma mulher perguntou se o senhor estava de plantão e que horas sairia. Disse que precisava mostrar-lhe uns exames e ele a orientou a fazer a ficha lá na recepção. Ele disse que ela saiu e foi em direção à recepção e que não a viu mais.

— Deu detalhes de como é essa mulher?

— Sim, buscamos as imagens do dia e posso enviar ao senhor se desejar.

— Eu quero sim, pode enviar no meu e-mail?

— Claro doutor! Vou enviar agora mesmo!

Passo meu endereço de e-mail para ele e o agradeço.

— Obrigado. — Vou saindo quando sou chamado novamente.

— Doutor Daniel? Esqueceu a caixa.

— Ah, é mesmo. — Pego a caixa e estranho não ter nem um remetente.

— Bom dia, meninas! — Cumprimento as recepcionistas. — Meus pacientes já chegaram?

— Bom dia, doutor Daniel! O primeiro sim, já foi admitido e está na sala

de espera, aguardando a chamada.

— Certo, vou me preparar e daqui a pouco o chamo.

Entro em meu consultório, deixo a caixa sobre a mesa, coloco meu jaleco, ligo para meus pais e conto que esperamos uma mocinha. Encerro a ligação, mas a curiosidade me vence e abro a caixa misteriosa.

Assusto-me ao ver o conteúdo, são fotos de Eloíse em momentos de descontração, algumas no shopping, outras no trabalho. Uma boneca com a roupa manchada de sangue e sem os olhos. Quem fez isso não deve ter coração. Ela está sendo seguida o tempo todo e isso me preocupa. Vou dar um jeito de contratar um segurança para protegê-la a todo custo.

Um medo me consome, de perder a mulher que amo e que carrega minha filha no ventre. Ligo para ela, que está bem e nem desconfia o porquê dessa ligação, sendo que acabei de deixá-la em casa. Quando ela diz que está tudo bem, me tranquilizo e informo que Amanda vai passar uns dias conosco. Ela fica radiante.

Volto ao trabalho um pouco menos apreensivo. Todavia, preciso redobrar os cuidados com minha família.

Quando termino as cirurgias, vou almoçar no refeitório do hospital, e lá encontro alguns amigos e Fabiany, que há tempos eu não via.

— Olá, pessoal! — Cumprimento com cordialidade.

— Olá, Daniel! — A mesa está cheia e sento ali mesmo ao lado deles.

— Oi, Daniel! — Fabiany começa: — Eu gostaria de primeiro pedir desculpas por minha infantilidade. Depois que entendi o que fiz, fiquei morta de vergonha.

— Desculpas aceitas Fabiany.

— E gostaria de parabenizá-lo pela chegada do seu bebê.

— Obrigado, é uma menina — respondo feliz e olho para todos que me felicitam.

Não vejo inveja em Fabiany, pelo contrário, ela parece estar bem feliz por mim.

— Se algum dia eu puder, quero pedir desculpas diretas à sua noiva. Enquanto não a vejo, transfira minhas desculpas e os parabéns pela filhinha de vocês.

O restante do dia foi bem tranquilo, liguei para Eloíse mais umas cinquenta vezes e só de saber que Amanda já estava lá com ela fico mais tranquilo.

Deixo para ver o vídeo do estacionamento em casa.



Ao chegar em casa à noite, Eloíse já me espera na sala e me dá um abraço acalorado.

— Oi, meu amor! Que saudade. — Beijo-a despudoradamente, passo as mãos por seu corpo.

— Hum, hum! — Escuto um pigarro e solto Eloíse — Ei! Eu estou aqui, hein? Sou uma pessoa pura e inocente, por favor!

— Oi, Amandita, minha pequena travessa. — Afasto-me um pouco de Elô e abraço-a — E quem vê até pensa que você é mesmo um ser inocente. Venha aqui e dê logo um abraço neste seu irmão mais velho.

— Até parece que tenho outro. — Revira os olhos, mas pula em meus braços.

— E aí, já começaram a planejar o enxoval da minha pequena?

— Mas é claro e a propósito, obrigada por me chamarem para ser madrinha. Estou radiante com o convite.

— E quem mais poderia ser a madrinha? Se não te chamasse ia escutar suas lamúrias pelo resto da vida. — Brinco.

— Poxa vida! Obrigada pela parte que me toca irmãozinho. — Faz-se de ofendida.

— É brincadeira Amandita, e você sabe o quanto te amo, será uma honra tê-la como madrinha.

— Assim eu choro! Seu bobo! — Abraça-me emocionada. — E o nome de minha afilhada? Qual será?

— Ainda não falamos sobre isso, mas gosto muito de Helena, e seria uma homenagem à Hellen, não é meu amor?

— Ah, Dani, você não existe! — Abraça-me e chora emocionada em meus braços.

— Que bom que gostou meu amor.

Começamos a falar sobre o nosso dia e descubro que Eloíse também recebeu uma caixa misteriosa, conta que ficou muito assustada e que por isso ficou na casa de dona Aninha até que Amanda chegasse — Preciso lembrar-me de agradecer-lá.

Não falo nada do vídeo do estacionamento, não quero preocupá-la ainda mais. Aproveito o entrosamento delas e vou para o escritório e lá vejo o vídeo.

Não tem imagens da vaga em que meu carro estava e mesmo que tivesse, não daria para ver quem quebrou meu pára-brisa, só dá para ver um vulto voando veloz, parece uma pedra. Quem quer que tenha feito isso, não queria ser descoberto e só queria dar um aviso.

Quanto à mulher, nunca a vi na vida. Não faço ideia de quem seja. Tampouco é alguma de minhas pacientes, eu não esqueceria o rosto de um paciente jamais.

— Dani — Eloíse bate à porta do escritório e entra — o jantar está pronto.

— Nunca vou me cansar de olhar para você minha linda. — Levanto-me e a coloco sentada sobre a mesa. — Cada dia que passa, fica mais gostosa.

— Para com isso seu louco! — Gargalha em um misto de excitação e medo que Amanda possa nos ouvir. — Sua irmã está ali na sala.

— Eu não vou aguentar esperar a hora de dormir Elô, olha só como estou? — Encosto-me nela, enquanto ela morde o lábio inferior e geme. A barriga abaulada atrapalha um pouco, mas nada que não possamos contornar.

Beijo-a enlouquecidamente, como se Amanda não estivesse nos esperando para jantar.

— Vamos jantar, antes que esfrie ou que Amanda venha atrás da gente.

— Tudo bem, entretanto, mais tarde você não me escapa.

Sorrindo, saímos do escritório.

— Eloíse, eu estou pensando em contratar uma empregada fixa para ficar aqui em casa com você. O que acha?

— Acho bobagem, uma vez que trabalho de segunda à sexta. A diarista é o suficiente.

— Mas quando você sair de licença maternidade será uma boa opção. — Amanda fala.

— Aí eu até concordo, ter alguém que me possa auxiliar será uma benção, mas por hora acho desnecessário.

— Você venceu, mas vou contratar um motorista para ficar a sua disposição, e não tem negociação.

— Tudo bem, eu não vou contestar. Acho que vai ser bem útil, dirigir com esse barrigão é bem difícil.

— O amor é lindo, só me caso algum dia se for assim. — Amanda suspira na mesa — E falando em casamento, quando será o de vocês? — Olha interrogativamente de mim para Eloíse.

— Por mim, já teria me casado, mas com os acontecimentos fomos

adiando.

— Que tal aproveitarem minha ilustre presença e já marcarmos a data e tudo mais?

— Acho uma excelente ideia Amanda, não vamos mais adiar. — Eloíse fala com um olhar apaixonado. — Só quero que seja algo bem simples e íntimo.

— Então, vamos oficializar nosso casamento, meu amor. Preparada para ser a senhora Lambertini?

— Preparadíssima meu amor! — Sai do seu lugar e começa beijando-me sem pudor algum.

— Ei, ainda estou aqui. Que tal irem para o quarto? Vocês não têm jeito, mesmo. — Amanda joga o guardanapo em nós e rimos muito, juntos.

Apesar de o dia ter começado com a caixa misteriosa muito estranha, terminamos bem o dia.



Os dias passam e nenhuma novidade acontece, a não ser Amanda e Eloíse enlouquecidas com os preparativos para o casamento e com o enxoval da pequena Helena.

Conseguiram marcar a data do casamento para daqui duas semanas, dei carta branca para escolherem e comprarem o que quiserem. Será uma cerimônia bem íntima com poucos amigos e familiares.

Pedi que Eloíse saísse do emprego, mas ela não quer deixar os Vasconcelos na mão, acho justo e enquanto eles não encontrem alguém para substituí-la, ela vai trabalhando meio período.

— Fala Amandita — Atendo minha irmã que já me ligou umas vinte vezes só hoje.

— Oi, maninho! Estou ligando para saber se você já olhou seu terno e a questão dos padrinhos, preciso passar os nomes para a equipe de ornamentação.

— O terno, vou mandar fazer hoje, assim que eu sair do hospital, já o padrinho, escolhi o Nícollas, só que ele está saindo com a Fabiany e não sei se a Elô vai gostar.

— Nossa! Ela vai te matar antes mesmo de casarem. — Ri apreensiva. — quer que eu pergunte?

— Ficou louca? Eu mesmo pergunto! Se for para ela brigar, que seja comigo.

— Tudo bem, mas não enrola muito não, precisamos passar os nomes o mais breve possível.

— Ok, Amanda!

— Espero não te ligar tão cedo. Beijos Dani.

— Beijos Amanda e obrigado por estar me ajudando nesse momento especial.

— Faço isso com prazer maninho, sei que faria o mesmo por mim. Agora tchau antes que você me faça chorar. Acho que conviver com uma grávida está me deixando muito sensível.

Encerro a ligação com um enorme sorriso no rosto. Sinto-me um homem feliz e assim que me casar e, minha filha nascer serei um homem finalmente realizado.

Ao sair do hospital, tenho a sensação de estar sendo seguido, paro e olho, mas não vejo nada. Sigo para o alfaiate para encomendar meu terno, já havia conversado com ele anteriormente e expliquei que precisava de um terno para me casar e dei-lhe a data. Hoje preciso tirar as medidas.

Paro o carro no estacionamento próprio do ateliê, olho para todos os lados atentamente redobrando minha atenção, mas não vejo nada de estranho.

— Boa noite. Tenho um horário marcado com o senhor Fernando Duarte — falo ao adentrar na recepção.

— Qual o seu nome, por favor? — a recepcionista pergunta.

— Daniel Lambertini. — Ela procura algo no computador.

— Por aqui senhor Lambertini. — Sorri e me direciona para uma sala com sofás de couro branco. — O senhor Duarte já vem atendê-lo.

Alguns minutos depois sou atendido pelo alfaiate.

— Boa noite, Daniel! Desculpe-me fazê-lo esperar, estava terminando de atender um cliente.

— Boa noite, senhor Duarte! — Levanto-me para cumprimentá-lo.

— Vamos deixar as formalidades de lado.

— Certo.

Fico bem à vontade e ele já começa a me mostrar os modelos dos ternos.

— Este aqui, por exemplo, é um dos mais usados no momento — Mostra-me um terno — o modelo dele é o slim.

— Gostei deste. Em qual cor poderia ser feito? Minha noiva sugeriu cores diferentes, o que acha?

— Hoje em dia o diferente está na moda. Muito bem, tenho essa tabela

de tecidos, as cores são as mais variadas que puder imaginar.

— Estava pensando no *Marsala* ou um azul. — Aponto a tabela.

— Ambos ficariam lindos, mas o *Marsala* acetinado tem todo um charme, acho que sua noiva aprovaria.

— Então, é este que farei. *Slim Marsala* acetinado.

— Vamos às medidas, então. Por aqui Daniel.

Acompanho-o até outra sala tão bem organizada que nem se parece com um ateliê de corte e costura.

— A camisa pode ser a branca mesmo? Porque podemos fazer uma na cor marfim, ou até mesmo uma preta, fica a critério do cliente.

— Eu prefiro na cor branca, nosso casamento será bem simples. E a gravata, quero no mesmo tecido e cor do terno.

— Ok! A primeira prova é daqui oito dias, se precisar de algum ajuste dá tempo de fazer. Consigo te entregar um dia antes do casamento.

— Certo, fico feliz de tê-lo conseguido em tempo.

— Não se preocupe, seu terno estará prontíssimo um dia antes.

— Não vou me preocupar, seu ateliê foi muito bem recomendado.

Despeço-me dele, passo na recepção e pago metade do valor do terno. Quando saio do ateliê, vejo alguém abaixado ao lado do meu carro. Quando chego mais perto, vejo que se trata de uma mulher, mas quando ela me vê, sai correndo. Tento segui-la, mas ela desaparece no meio das pessoas.

Volto ao carro e encontro parafusos da minha roda no chão, alguém ia tentar sabotar meu carro.

— Moça, as câmeras de vocês funcionam no estacionamento? — Volto ao ateliê.

— Sim, aconteceu algo com seu carro? — pergunta apreensiva.

Explico o que vi, ela chama um segurança e o dono do ateliê, que fica horrorizado por alguém ter entrado em seu estacionamento.

— Isso nunca aconteceu aqui, fico envergonhado pelo acontecido. — Fernando está visivelmente constrangido.

— Vocês não tiveram culpa. — Explico por alto o que vem nos acontecendo. — Pode ser a mesma pessoa que quebrou meu pára-brisa.

— Mesmo assim, isso nunca aconteceu, que vergonha. — Fernando continua sem jeito.

— Pode ficar tranquilo, esse caso não se repetirá, imaginava que estava sendo seguido, só não sabia que teriam coragem de entrar no seu

estacionamento.

— Vamos registrar um boletim e meu ateliê fornecerá as imagens e todo o apoio a você.

— Obrigado! E desculpe o transtorno.

Ligo para Eloíse e Amanda e peço que não saiam de casa de forma alguma, explico o que aconteceu, mas as tranquilizo. Com as imagens em mãos, rumo para a delegacia e registro mais um boletim. Aproveito e ligo para um amigo e peço indicação de um motorista que possa fazer a segurança de minha mulher.



Capítulo 23

Eloíse

Desde o dia em que Daniel tirou as medidas do terno, ele adquiriu uma obsessão ainda maior em me proteger. Contratou um motorista que é segurança também. Amanda e eu só saímos em sua companhia. Nos primeiros dias, foi difícil me acostumar com ele em nosso encalço, mas agora, depois de quinze dias, já estou acostumada, e se ele não está por perto, até estranho.

— Você está tão linda Eloíse. — Estou pronta para o casamento. — É emocionante para uma sogra ver uma nora tão linda no dia do casamento.

— Obrigada Alice, seu filho é o responsável por minha felicidade e por consequência a beleza fica mais visível.

— É hora de ir minha linda, Eduardo já está ansioso para levá-la até o altar.

— Meu irmão é mesmo ansioso.

Passei um dia maravilhoso ao lado de minha sogra Alice e minhas cunhadas Bianca e Amanda. Bianca a propósito, está com uma linda barriga e seu bebê será um menino.

Chego ao sítio, acompanhada de Alice, e começo a chorar emocionada.

— Oh, minha filha, não é hora de chorar, vai borrar a maquiagem!

— É inevitável, a emoção é tamanha que transborda nos olhos.

— Eu sei meu bem, mas segura a emoção porque a noite está apenas começando.

Amanda e Bianca foram à frente. Dona Aninha e o senhor José Carlos são meus padrinhos, nos tornamos muito próximas depois do dia em que recebi a caixa misteriosa, ficaram emocionados com meu convite, já até tratam Helena como neta.

Já os padrinhos de Daniel são Fabiany e Nícollas. Não foi fácil aceitá-la como madrinha do meu casamento, mas nos reunimos três vezes antes da cerimônia e percebi que ela se arrependeu verdadeiramente do que me fez, até se desculpou e disse estar envergonhada. E seu entrosamento com Nícollas não parecia ser forçado, eles realmente estão gostando um do outro.

Desço do carro e encontro meu irmão impaciente esperando por mim. O agradeço por ser tão presente em minha vida e por todo o cuidado. Seguimos pelo tapete vermelho até ao altar, emocionados, não enxergo nada ao meu redor

que não seja o Daniel, meu futuro marido.

Ele está tão lindo no terno escolhido, ficou fazendo mistério e não me contou de forma alguma a cor do seu terno. Está perfeito nele.

— Cuida bem da minha jóia preciosa Daniel — Dudu fala quando me entrega ao meu futuro marido.

— Já cuido meu caro, e cuidarei para sempre. — Apertam as mãos e beija minha testa.

A cerimônia foi rápida, porém linda e inesquecível. Diverti-me muito, dançamos e bebi muito suco natural. Nosso casamento foi em um sítio de um amigo de Daniel, e só entrou quem realmente estava em nossa lista. Tinham muitas seguranças cobrindo nossa cerimônia.

— Enfim, casados. — Daniel fala emocionado quando temos um instante de sossego.

Apesar de não termos convidado muitas pessoas, as que se fizeram presentes precisaram de nossa atenção.

— Eu já me considerava casada mesmo antes da cerimônia, meu amor. — Beijo-o com carinho.

— Mas agora você carrega em seu nome o meu sobrenome, e isso faz de mim um homem muito orgulhoso.

— Daniel eu te amo e acho que nunca vou me cansar de dizer isso.

— Com licença pombinhos, desculpe atrapalhar, mas está na hora da dança dos noivos. Precisamos liberar a pista. — Amanda nos interrompe.

— Que assim seja. — Olha-me com um amor que transborda de seus olhos. — Me conceda essa dança, senhora Lambertini?

— Será um enorme prazer, senhor Lambertini.

Começamos com a valsa e em seguida colocam outras músicas e a pista é liberada para todos. Daniel antes já me fazia feliz, agora depois de casada, o que sinto é bem mais que felicidade.

O casamento parece ter renovado um pouco minhas energias.

— Cunhada, que horas você vai jogar o buquê? — Amanda pergunta depois de várias danças.

— Daqui a pouco. Está louca para ser a próxima a se casar, não é sua danadinha?

— Nada disso, na hora quero estar bem longe. — Gargalha.

— E seu casinho, não quis mesmo vir, não é?

— Aquele babaca preferiu as irmãs a mim. Mas tudo bem, que elas o

façam feliz. Quando perceber que fez uma péssima escolha vai rastejar aos meus pés, e eu não vou dar bola para ele. Agora vamos dançar cunhada porque a festa está apenas começando.

— Queria eu estar com toda essa energia, mas essa barriga aqui está ficando pesada e minha energia vai ficando meio escassa a cada dia.

— Daqui a pouco Helena estará em seus braços e você vai sentir falta dela na sua barriga.

— É verdade, Amanda! Falta pouco para ela nascer.

— Então, vamos curtir antes que ela nasça e você se arrependa de não ter dançado muito enquanto ela ainda estava na sua barriga.

— Sua louca. Sorrimos enquanto ela sai me arrastando novamente para a pista de dança.

O dia do nosso casamento foi inesquecível.



Cinco dias após nosso casamento nossas vidas entram na rotina novamente. Optamos por sair em lua de mel após o nascimento de Helena e da quarentena. De todo jeito, não curtiríamos muito com medo da Helena a qualquer instante nascer e eu não posso viajar para longe, já completei oito meses de gestação.

— Amanda. — Grito da sala — Eu estou pronta.

— Já vou. — Ela grita do quarto de hóspedes.

— Nossa! Você está reluzindo hoje. — Amanda me elogia quando chega à sala.

— Obrigada Amandita, mas estou só o pó da rabiola. Quase não dormi essa noite, com muito calor, falta de ar e um cansaço fora do comum, acho que Helena não vai esperar muito para nascer.

— Quer que eu busque a encomenda? Vou com o motorista e volto rapidinho enquanto você fica aqui descansando.

— Nada disso, eu vou pessoalmente conferir se eles não vão nos passar a perna.

— Tem certeza? Estou te achando meio abatida hoje.

— É só à noite mal dormida. Agora vamos. Não podemos atrasar demais, quando chegarmos ainda temos que deixar tudo prontinho.

O caminho até a loja de artigos para bebê foi tranquilo. Hoje o dia

amanheceu ensolarado e o céu está perfeito em um azul profundo. Ao chegar à loja, somos recebidas por uma atendente que já estava nos aguardando.

— Bom dia. — Seu sorriso é esplêndido e não poderia ser diferente! Gastamos uma boa grana aqui com os itens do quarto da Helena, dentre roupas e acessórios.

— Bom dia, viemos buscar o restante da encomenda do quarto da minha pequena — falo e aliso minha barriga.

— Por aqui senhora Lambertini, por favor. — A acompanhamos até uma sala arejada com teto alto e janelas compridas. Verificamos toda a encomenda.

— Está faltando o móbile de carrossel. — Amanda cobra antes de mim.

— Desculpe-me, vou pegar. — A atendente se levanta para pegar. — Perdão, o deixamos separado para não estragar.

— Minha filha vai amar tudo o que compramos, mas acho que exageramos demais em comprar tudo isso.

— Não exageramos nada, minha afilhada merece todos os mimos que compramos para ela.

— Você tem razão, minha querida.

O motorista nos ajuda a levar tudo para o carro e seguimos para almoçar antes de voltarmos para casa.

— Olha só como meus pés estão inchados, Amanda? — Mostro meus pés para ela.

— Nossa! Estão mesmo muito inchados, se quiser podemos cancelar o almoço, ligamos para seu chefe e avisamos que você não está bem para ir trabalhar hoje.

— Nada disso, vou almoçar de uma vez, minha pequena já está com fome, olha só como mexe? — Aponto a barriga. — E outra, ainda dou conta de trabalhar, quando estiver impossível, entro com a licença.

— A dindinha está aqui meu anjo. — Amanda acaricia minha barriga e sorri quando Helena mexe mais. — Então vamos antes que você caia aqui e eu não consiga te carregar.

Amanda sempre me colocando para cima - penso com ironia.

Após o almoço o motorista deixa Amanda em frente ao prédio e vou direto para o trabalho. Acho que vou ter que pedir a licença maternidade adiantada.

Estou desconfortável, com os pés inchados, dores nas costas e muito cansada.

— Bom dia, Flávia! — Ligo para a recepção do Otávio — Posso falar

com o senhor Vasconcelos ou com a Poline?

— Está tudo bem Eloíse? — Flavia fica toda preocupada.

— Está sim. Só um pouco cansada.

— Daqui a pouco passa e você nem se lembrará desse desconforto.

— É o que todo mundo diz e assim espero.

— Eles estão em reunião, mas vou dizer que você ligou. Há algo que queira adiantar?

— Não é nada muito importante, só queria saber se posso entrar com o pedido de licença de uma vez, estou mesmo muito cansada.

— Vou passar a eles, mas creio que eles vão assinar o pedido na hora, afinal de contas, já tentaram te dar uma licença há tempos, não é?

— Pois é, mas eu queria trabalhar até o dia do parto, pensei que seria mais fácil, me enganei.

— Não se preocupe, assim que eles saírem da reunião passo seu recado.

— Obrigada, Flávia, até mais!

— Até mais Eloíse e se cuida.

— Pode deixar.

A tarde se arrastou e resolvi pedir um suco no restaurante antes de ir embora.



Capítulo 24

Catharina

Sequestrar essa garota não foi uma tarefa fácil. Aquele motorista de merda não saía da sua cola. E também tinha sua cunhada sempre pendurada em seu braço, para cima e para baixo. No serviço, tinha câmeras para todo lado.

Mas, nada é impossível para mim. Estou focada em meu plano e desta vez nada pode me atrapalhar, dessa vez tem que dar certo.

Eloíse acorda.

— Oi, bonequinha! Está lembrada de mim?

— Você? Não posso acreditar. Como vim parar aqui?

— Enquanto você viver será uma pedra no meu caminho. — Gargalho.

— Essa gargalhada, eu já escutei antes. Meu Deus como você é cruel. — Pobrezinha chora, até parece que sinto pena dela. — Como teve coragem de matar minha irmã?

— Querida, foi uma pena ela ter morrido, era para ter sido você. Quem mandou tentar te defender? Pobrezinha, tão jovem ainda!

— Catharina por que tudo isso? Não estrague sua vida, querida.

— Não me chame de querida, Reinaldo! Toda a minha vida foi ao seu bel prazer. Desde a adolescência mendigo por seu amor, e você só me despreza. Primeiro casou-se com aquela ordinária que se dizia minha amiga. Teve um filho com ela. Guardei meu sentimento, porque eu te amava e achava que você seria feliz com ela, mas ela não soube te amar como eu sempre amei.

— Você não está normal Cath, isso é apenas imaginação da sua cabeça, eu nunca te iludi, sempre vi você como uma irmã, nunca passou por minha cabeça que você gostasse nem que seja um pouquinho assim de mim.

— Cala boca Reinaldo! Eu me cansei, você nunca será meu! Sua obsessão é por essa idiota aqui, que mesmo fugindo, você nunca a esqueceu, está sempre procurando por ela. Não me interrompa, quero continuar narrando tudo o que passei achando que algum dia, você seria meu. – Ajeito meus cabelos o melhor que posso - Então, prosseguindo: Quando Maria Isabel te largou, eu estive ali, secando suas lágrimas, lambendo suas feridas, mas você na primeira oportunidade que teve, fez o quê? Casou-se com uma moça jovem e muito bonita, diga-se de passagem. Mas ela também não lhe deu o valor merecido meu amor. Eu sou a única capaz de te amar de verdade e de te entender. Por causa

dela você foi preso, por causa dela, você perdeu seu emprego e amigos. E agora por causa dela, você vai morrer, eu não queria ter que fazer isso, mas se você não for meu, não será de mais ninguém. Só não sei ainda qual dos dois, mato primeiro. Ela ou você querido?

— Não faça isso Cath! Prometo que ainda podemos viver um caso de amor. Colocaremos uma pedra no passado e vamos escrever nosso feliz para sempre.

— Tarde demais Reinaldo. Se tivesse percebido que eu o amava antes, eu até aceitaria sua proposta, mas agora? Agora não posso mais ter filhos e nunca vou me esquecer de tudo o que fiz para chegar até aqui. Tarde demais querido, é com muito pesar que digo isso, mas você vai morrer. — Hoje vou me sentir feliz de verdade. Vou acabar com todos que me feriram e me pisotearam, serei feliz sozinha.

— Como cheguei até aqui? Catharina eu achava que você era uma pessoa do bem, se eu soubesse que me sequestraria, jamais teria lhe treinado para me substituir durante minha licença. Por favor, não faça nada a minha filha, deixe-me sobreviver, ela precisa de mim.

— Que peninha, mas sou obrigada a atrapalhar seus planos, minha querida. Você não verá o lindo rostinho de sua filha. Ainda vou consolar seu marido, já que você roubou o meu homem, nada mais justo que eu fique com o seu, não é? — Meu riso soa diabólico até mesmo para mim. — Fiquem aí conversando enquanto vou comer alguma coisa. Esperar você acordar me desgastou um pouco e abriu meu apetite.

— Estou com sede, pode me dar um pouco de água?

— Para quê? Daqui a pouco você vai morrer, mesmo.

— Pelo menos me fala como você conseguiu me trazer até aqui? — Ela pede e eu acho que é bom mesmo que saiba o quanto fui genial.

— Está bem, vou resumir, porque quando eu voltar, já saberei quem matar primeiro.

— Cath, não faça isso, você não é uma pessoa ruim. — Reinaldo tenta me dobrar na conversa.

— Ah, meu amor, sua chance para me convencer já passou querido, hoje você pode dizer qualquer coisa, mas não toca mais meu coração. Meu amor se tornou ódio.

— Eu prometo te fazer feliz ainda, Cath.

— Cala a boca, antes que eu lhe coloque uma mordaça. Escuta tudo o que vou narrar. — Olho para ambos que permanecem calados, Eloíse mais

amedrontada do que Reinaldo. — Então, quando a escutei pedindo um suco no restaurante, me ofereci para buscar, estudei todas as câmeras e descobri alguns pontos cegos, e em um deles coloquei um remedinho que não ia te apagar de repente. Quando bebeu o suco e ficou meio grogue, peguei seu telefone e enviei uma mensagem ao seu cão de guarda e disse que era para ele buscar sua cunhada para irem ao shopping quando saísse do serviço. Aproveitei e saí com você enquanto seu cão de guarda não estava presente. Genial, não é mesmo? Mas quando você já estava no meu carro, acho que você percebeu o que eu fazia e tentou descer do carro, bati sua cabeça no painel e foi quando você desmaiou.

— Você não perdoa nem mesmo uma gestante. Como pode ser tão mesquinha e cruel. Não dá para acreditar que você é um ser humano.

— Isso bonequinha, abusa de minha bondade.

— E como você o prendeu?

— Liguei para ele dizendo que estava com você, mas quando descobri que ele não tinha a intenção de te matar, o convenci a me obedecer, quer saber como? Apontei a arma para sua cabeça. Mandeí que fechasse os olhos e o amarrei com a fita adesiva. Ele não ia querer ver sua amada morrendo, não é mesmo Reinaldo?

Ele nem responde, confirmando pelo silêncio, tudo o que eu já imaginava.

— Agora vou me alimentar e tirar no cara ou coroa qual dos dois vai ver o outro morrer primeiro.



Capítulo 25

Eloíse

Quando a louca sai, encaro Reinaldo e nada falo. Ele me causa medo, asco e pavor.

— A gente não precisava terminar assim, Eloíse. Mas agora entendo que não posso te culpar por nada do que fiz. Cada escolha minha hoje tem uma consequência. Se eu soubesse que Cath era apaixonada por mim, jamais teria me casado por duas vezes. Nós nos dávamos bem, mas eu só a enxergava como uma amiga leal, quase uma irmã.

Continuo calada, com medo de falar algo e despertar nele uma fúria que conheço bem.

— No início, quando passei a te perseguir eu queria mesmo te matar, e foi sugestão da própria Catharina, mas com o tempo, percebi que eu sentia sua falta. Você era sempre leal a mim, e meu ciúme bobo acabou por destruir tudo. Nunca te amei, mas eu sentia um carinho por você. Depois de você me deixar, no decorrer dos anos fui amadurecendo e entendendo que te matar não seria uma opção. Quando sequestrei Hellen, não queria machucá-la, mas ela não ficava quieta. Eu só queria ter você de volta em minha vida. Hoje eu entendo que sinto por você a mesma obsessão que Cath sente por mim. E é por isso, que pelo menos uma vez na vida eu vou fazer a coisa certa.

— Ai, meu Deus! Como se soltou? — É agora que ele me mata.

— Para de gritar Eloíse, meu intuito não é te fazer mal, não mais. Fique tranquila, posso me parecer com um monstro para você, mas o que eu quero hoje é apenas me redimir de todo o mal que já te fiz.

— Por que isso agora Reinaldo? Está querendo me ganhar na conversa? — Ele solta-me.

— Não Eloíse. Nada disso. Foi preciso eu ver de perto uma louca dizendo estar apaixonada por mim, para enxergar meu próprio reflexo no espelho. Só então, pude ver o quão ruim fui para você. Se eu fosse uma boa pessoa, você jamais teria fugido de mim.

— Ai! — Sinto uma forte dor perpassar por minha barriga. Ai meu Deus, cuida da minha bebêzinha. — Reinaldo ampara-me, até que eu consiga ficar novamente de pé.

— Precisamos fugir daqui Eloíse, acho que sua filha quer conhecer o

mundo. Vamos, antes que a Cath apareça.

— Onde estamos? — pergunto e o sigo.

— Em um prédio abandonado, nossa sorte foi que você estava desacordada, então a Cath teve que ficar aqui no primeiro andar mesmo.

— Como ela me trouxe até aqui?

— Eu entrei andando e me sentei aqui, quando ela terminou por amarrar minhas pernas para que eu não fosse a lugar algum. Você veio carregada por ela, nem eu sabia o quanto ela era forte. Às vezes o ódio que carregamos no peito nos dá força para errarmos ainda mais.

— Espero que você esteja verdadeiramente arrependido de tudo o que já me causou Reinaldo.

— Não se preocupe Eloíse, só quando nos deparamos com alguém mais louco que a gente é que enxergamos o mal que fazemos aos outros. É meio difícil de acreditar, mas pode confiar em mim.

— Ai, de novo não! A dor está mais forte! — falo pausadamente tentando me manter de pé.

— Eloíse! — Escuto a voz de Daniel, mas devo estar alucinando com a dor.

— Acho que seu marido nos encontrou. — Reinaldo me ajuda a caminhar até a entrada do prédio que estamos.

— Onde vocês pensam que vão. — A louca aparece e nos aponta sua arma. — Como se soltaram? — fala aos berros, descontrolada.

A essa altura, Daniel nos alcança com os policiais que apontam a arma em direção à Catharina. Estamos entre o fogo cruzado.

— Não atire no Reinaldo — Falo aos policiais. Daniel nada entende e franze a testa, meio decepcionado comigo. — Ele está me ajudando, somos reféns dela — falo com a voz cansada, segurando meu choro.

— Espero que não tenha feito nenhum mal à minha mulher e filha. — Daniel se aproxima de nós.

Reinaldo não responde, está atento aos passos de Catharina.

— Não posso deixar vocês sozinhos nem para comer, não é mesmo? — Ela parece não enxergar nada além de nós dois — Ainda bem que decidi qual matar primeiro, e foi você.

Aponta a arma e um disparo com um som alto e seco sai. Caímos no chão e a dor que sinto neste instante é imensurável. Só penso em minha filha e peço a Deus que a salve.

Depois disso, escuto uma gritaria, pessoas tocando em mim.

— Ela precisa de uma ambulância. — Alguém diz.

— Não há como esperar mais, ela está em trabalho de parto bem avançado.

— Calma meu amor, estou aqui e vai dar tudo certo. — Daniel me abraça e sinto uma paz tão grande ao sentir o seu toque.

A dor passa momentaneamente e descubro que não levei o tiro, a dor foi apenas pela queda e mais uma contração.

— Nossa pequena quer nascer, meu amor. — Choro, emocionada por estar viva e por saber que a qualquer momento vou estar com Helena em meus braços.

— Sim, meu amor — Sinto a emoção na voz do Daniel. — Nossa pequena está a caminho e me sinto honrado em ser o médico que vai ajudá-la vir ao mundo.

Sinto mais uma contração e faço força quando Daniel pede, minutos depois de fazer muito esforço para ajudar minha pequena, escuto o choro de minha filha e esqueço-me totalmente de minhas dores. Choro de alegria e junto com Daniel sorrimos. Ele embrulha nossa filha em sua camisa e a coloca sobre meu peito, minha pequena se acalma na hora.

Somos levadas para o hospital para retirar os restos de placenta e Helena passar pelo primeiro atendimento.

— Eu ainda não acredito que ajudei nossa filha vir ao mundo. Eu amo vocês.

— Eu também te amo, meu amor.



Epílogo

Depois daquele dia louco, finalmente conseguimos a nossa tão sonhada paz. Depois de receber alta no hospital, Daniel me contou como foi que aconteceu toda a loucura que não consegui entender por estar em trabalho de parto.

Quando a louca da Catharina apareceu gritando, a polícia já estava a postos. Quando ela atirou, Reinaldo pulou em minha frente - mais uma vez, alguém me salva –levando o tiro em meu lugar.

Um policial revidou e a acertou com um tiro no ombro, como eu estava em trabalho de parto, fui socorrida primeiro. Catharina apesar de ter sofrido horrores antes que outra ambulância tivesse chegado, não morreu, vaso ruim é difícil de quebrar.

Catharina foi socorrida e levada para o hospital ainda com vida, mas percebendo que não sobreviveria, tratou logo de tirar a agulha do soro e enfiar em seu pescoço, morrendo quase que instantaneamente.

Esperamos Helena completar dois meses e nos mudamos novamente para Campo Grande, no Mato Grosso do Sul. E hoje batizamos nossa filha juntamente com Christian, filho de Eduardo e Bianca.

Eles também não conseguiram ficar em São Paulo, logo que nos mudamos, eles vieram atrás com toda a mudança.

Helena hoje está com seis meses e a cada dia está mais esperta. Farei de tudo para que ela seja feliz e sei que lá do céu, Hellen fará o mesmo.

— O que você está fazendo aí meu amor? — Daniel encontra-me na varanda da cobertura, a mesma em que nos sentamos, conversamos quando eu fugia de Reinaldo pela primeira vez.

Viro-me e encaro meu marido. Estampo um enorme sorriso na face.

— Estava apenas pensando nas voltas que o mundo dá e de como sou grata por ter conhecido você.

Ele sorri e me abraça.

— O meu maior prazer é quando você abre esse lindo sorriso e que eu sei que é só para mim.

— Convencido. — Beijo-o.

— Vamos logo para a cama, antes que Helena acorde. — Puxa-me em direção ao nosso quarto.

Antes que cheguemos à cama, nossa pequena começa a chorar a plenos pulmões.

— Parece até que ela sabe quando queremos diversão. — Daniel fala e gargalhamos.

— Com toda a certeza do mundo teremos sim muita diversão por toda a madrugada.

Fim

Agradecimentos

Escrever este livro não foi uma tarefa muito fácil. Por muitas vezes, o engavetei, mas Eloíse e Daniel não me davam sossego, até que finalmente coloquei as ideias em prática. Não foi fácil chegar ao fim, tive sequencias de bloqueios e muita vontade de desisti, mas com a ajuda de Deus e os constantes incentivos da Mari Sales e da Fernanda Emery, segui em frente e pude concluir mais essa obra. Obrigada meninas, vocês foram essenciais para que este livro fosse concluído.

Aos meus pais, marido e irmãos.

Obrigada de coração aos grupos do facebook parceiros e que abrem as portas para a divulgação.

As minhas parceiras que estão sempre dando dicas de algo e ajudando a divulgar umas às outras, trazendo sorrisos ou confidenciando algo – Cinthia Basso, Dresia Guerra, Karina Altobelli, Mari Helena, Nathalie Almeida, Ni Maria, Pri Tigre e Tati Domingues.

E aos leitores que nunca me abandonam e vibram a cada página virada. Sem vocês essa obra não teria sentido.

Obrigada por chegarem junto comigo até aqui.

Sobre a Autora

Léia Fernandes nasceu em Vitória-ES, mas mora atualmente em Betim MG. Viciada em leituras (Tem mais livros do que roupas e sapatos). Na adolescência escrevia frases e poemas aleatórios, mas foi somente no final de 2015 que resolveu colocar os sentimentos para fora e escrever seu primeiro livro “Meu lugar é ao seu lado”, que fez sucesso entre os amigos e familiares. Através dele, novas amizades foram feitas e novas histórias escritas.

Facebook: <https://www.facebook.com/leiafernandesautora/>

Instagram: <https://www.instagram.com/edileiaafernandes/>

Wattpad: <https://www.wattpad.com/user/edileiafernandes56>

Outras Obras



Meu Lugar é Ao Seu Lado: <https://amzn.to/2GtRLdc>

Sinopse: Aos 26 anos de idade, Evelyn Dias, acreditava que o amor não era para ela.

Seus namoros sempre terminavam de alguma forma trágica.

Com o último, foi parar até mesmo na delegacia, no dia do seu aniversário.

E agora ela tomou uma atitude de ignorar todos os homens à sua volta. Acreditava que a felicidade não era para ela.

Mas o destino reservou para ela algo surpreendente, que nem em seus sonhos mais profundos, ela sequer imaginou que algo assim lhe aconteceria.

Ele, um empresário bem sucedido, descendente de italiano, e podre de rico. Prestes a se casar aos 34 anos descobre que sua santa e imaculada noiva, o traía com seu até então melhor amigo. E que o pai dela, que era seu sócio, há tantos anos, apoiava essa vida dupla da filha.

Mal sabem eles, o que o destino lhes reserva.



Tentei não Te Amar: <https://amzn.to/2Ecsh1x>

Sinopse: Poline Lins morava com o noivo há exatos três anos e estava prestes a se casar. Seu destino se modifica quando passa mal e sai mais cedo do trabalho, mas, ao chegar à sua casa, pega o noivo na cama com outras pessoas.

Chocada e muito abalada, sai às pressas correndo pelas ruas e acaba sendo atropelada por Otávio.

Otávio Vasconcelos também foi traído no passado pela única mulher que deixou entrar em sua vida, acha que a solução para seus problemas é descontar em todas as outras mulheres tudo o que sofreu.

Não confia mais em mulher alguma, pois em seu coração não há mais espaço para o amor.

Ao socorrer Poline, confunde-a com outra mulher que conheceu em uma boate e fica intrigado com tamanha semelhança entre elas.

Será o amor capaz de unir dois corações quebrados?

Table of Contents

[Dedicatória](#)

[Notas da autora](#)

[Sinopse](#)

[Capítulo 1](#)

[Eloíse Bastos Lessa](#)

[Capítulo 2](#)

[Daniel Campos Lambertini](#)

[Capítulo 3](#)

[Eloíse](#)

[Capítulo 4](#)

[Eloíse](#)

[Capítulo 5](#)

[Daniel](#)

[Capítulo 6](#)

[Eloíse](#)

[Capítulo 7](#)

[Daniel](#)

[Capítulo 8](#)

[Eloíse](#)

[Capítulo 9](#)

[Daniel](#)

[Capítulo 10](#)

[Eloíse](#)

[Capítulo 11](#)

[Daniel](#)

[Capítulo 12](#)

[Eloíse](#)

[Capítulo 13](#)

[Daniel](#)

[Capítulo 14](#)

[Eloíse](#)

[Capítulo 15](#)

[Daniel](#)

[Capítulo 16](#)

[Eloíse](#)

[Capítulo 17](#)

[Daniel](#)

[Capítulo 18](#)

[Eloíse](#)

[Capítulo 19](#)

[Daniel](#)

[Capítulo 20](#)

[Eloíse](#)

[Hellen](#)

[Ponto de vista do assassino:](#)

[Capítulo 21](#)

[Eloíse](#)

[Capítulo 22](#)

[Daniel](#)

[Capítulo 23](#)

[Eloíse](#)

[Capítulo 24](#)

[Catharina](#)

[Capítulo 25](#)

[Eloíse](#)

[Epílogo](#)

[Fim](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a Autora](#)

[Outras Obras](#)